

GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO UM

A GUERRA DOS TRONOS



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *A Guerra dos Tronos*

AUTORIA: *George R. R. Martin*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2007 *Edições Saída de Emergência*

Título original A Game of Thrones © 1996 *George R. R. Martin. Publicado originalmente nos EUA por Random House, 1996*

TRADUÇÃO: *Jorge Candeias*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Setembro, 2007*

ISBN: *978-989-637-010-7*

DEPÓSITO LEGAL: *?????/07*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Este é para Melinda

PRÓLOGO

— Devíamos regressar — insistiu Gared quando os bosques começaram a escurecer em redor do grupo. — Os selvagens estão mortos.

— Os mortos assustam-te? — perguntou Sor Waymar Royce com não mais do que uma sugestão de sorriso no rosto.

Gared não mordeu a isca. Era um homem velho, com mais de cinquenta anos, e vira os nobres chegar e partir.

— Um morto é um morto — disse. — Nada temos a tratar com os mortos.

— Mas estão mortos? — perguntou Royce com suavidade. — Que prova temos disso?

— Will viu-os — disse Gared. — Se ele diz que estão mortos, é prova suficiente para mim.

Will já sabia que o iriam arrastar para a disputa mais tarde ou mais cedo. Desejou que tivesse sido mais tarde.

— A minha mãe disse-me que os mortos não cantam — disse.

— A minha ama-de-leite disse a mesma coisa, Will — respondeu Royce. — Nunca acredites em nada do que ouvires junto à mama de uma mulher. Há coisas a aprender mesmo com os mortos. — A sua voz gerou ecos, alta de mais na penumbra da floresta.

— Temos perante nós uma longa cavalgada — salientou Gared. — Oito dias, talvez nove. E a noite está a cair.

Sor Waymar Royce olhou o céu de relance, com desinteresse.

— Isso acontece todos os dias por esta hora. Perdes a virilidade com o escuro, Gared?

Will via o aperto em torno da boca de Gared, a ira só a custo reprimida nos olhos que espreitavam sob o espesso capuz negro do seu manto. Gared passara quarenta anos na Patrulha da Noite, em homem e em rapaz, e não estava acostumado a ser desvalorizado. Mas era mais do que isso. Will conseguia detectar no homem mais velho algo mais sob o orgulho ferido. Era possível sentir-lhe o gosto: uma tensão nervosa que se aproximava perigosamente do medo.

Will partilhava o desconforto do outro homem. Estava há quatro anos na Muralha. Da primeira vez que fora enviado para lá dela, todas as velhas histórias lhe tinham ocorrido ao cérebro e as entranhas tinham-se-lhe feito em água. Era agora um veterano de cem patrulhas, e a escura e

infinita terra selvagem a que os sulistas chamavam floresta assombrada já não tinha terrores para si.

Até àquela noite. Algo era diferente naquela noite. Havia naquela escuridão algo de cortante que lhe fazia eriçar os pêlos da nuca. Cavalgavam há nove dias, para norte e noroeste e depois de novo para norte, cada vez para mais longe da Muralha, seguindo sem desvios o trilho de um bando de salteadores selvagens. Cada dia fora pior que o anterior. Aquele tinha sido o pior de todos. Um vento frio soprava do norte e fazia as árvores sussurrar como coisas vivas. Durante todo o dia, Will tivera uma sensação que era como se algo o estivesse a observar, algo frio e implacável que não gostava dele. Gared também o sentira. Will nada desejava com tanta força como cavalgar a toda a brida de regresso à segurança da Muralha, mas esse não era um sentimento que se pudesse partilhar com um comandante.

Especialmente com um comandante como aquele.

Sor Waymar Royce era o filho mais novo de uma Casa antiga com demasiados herdeiros. Era um jovem bem-parecido de dezoito anos, de olhos cinzentos e elegante e esbelto como uma faca. Montando no seu enorme corcel de batalha negro, o cavaleiro elevava-se bem acima de Will e Gared, montados nos seus garranos de menores dimensões. Trajava botas negras de couro, calças negras de lã, luvas negras de pele de toupeira, e uma cintilante cota de malha negra e flexível por cima de várias camadas de lã negra e couro fervido. Sor Waymar era um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite há menos de meio ano, mas ninguém poderia dizer que não se preparara para a sua vocação. Pelo menos no que ao guarda-roupa dizia respeito.

O manto constituía a consumação da sua glória; zibelina, espessa e negra, suave como pele. “Aposto que foi ele próprio quem as matou a todas, ah pois aposto” dissera Gared na caserna, entre os vapores do vinho, “torceu-lhes as cabecinhas e arrancou-as, o nosso poderoso guerreiro”. A gargalhada fora partilhada por todos.

É difícil aceitar ordens de um homem de quem nos rimos de copo na mão, reflectiu Will, sentado a tremer sobre o dorso do garrano. Gared devia sentir o mesmo.

— Mormont disse-nos para os encontrarmos e encontrámos — disse Gared. — Estão mortos. Não voltarão a causar-nos problemas. Temos uma dura cavalgada à nossa frente. Não gosto deste tempo. Se nevar, poderemos levar uma quinzena a regressar, e a neve é o melhor que podemos esperar. Alguma vez vistes uma tempestade de gelo, senhor?

O nobre pareceu não o ouvir. Estudava o crepúsculo que se aprofundava naquele seu modo meio aborrecido e meio distraído. Will já cavalgava com o cavaleiro há tempo suficiente para compreender que era melhor não

o interromper quando ele punha aquela expressão.

— Diz-me de novo o que viste, Will. Todos os detalhes. Não deixes nada de fora.

Will fora um caçador antes de se juntar à Patrulha da Noite. Bem, na verdade fora um caçador furtivo. Os cavaleiros livres de Mallister tinham-no apanhado com a boca na botija nos bosques do próprio Mallister, a esfolar um dos seus gamos, e apenas pudera escolher entre passar a vestir de negro e perder uma mão. Ninguém era capaz de se mover pela floresta tão silenciosamente como Will, e os irmãos negros não tinham demorado muito tempo a descobrir o seu talento.

— O acampamento fica duas milhas mais à frente, para lá daquela cumeada, mesmo ao lado de um ribeiro — disse Will. — Cheguei o mais perto que me atrevi. Eles são oito, com homens e mulheres. Não vi crianças. Ergueram um abrigo contra a rocha. A neve já o cobriu bem, mas mesmo assim, consegui descortiná-lo. Não vi nenhum fogo a arder, mas a cova da fogueira ainda estava clara como o dia. Ninguém se movia. Observei durante muito tempo. Nunca um homem vivo ficou tão quieto.

— Viste algum sangue?

— Bem, não — admitiu Will.

— Viste armas?

— Algumas espadas, uns quantos arcos. Um homem tinha um machado. Com ar de ser pesado, duas lâminas, um cruel bocado de ferro. Estava no chão a seu lado, mesmo junto à sua mão.

— Prestaste atenção à posição dos corpos?

Will encolheu os ombros.

— Um par deles está sentado junto ao rochedo. A maioria está no chão. Como caídos.

— Ou a dormir — sugeriu Royce.

— Caídos — insistiu Will. — Há uma mulher numa árvore de pau-ferro, meio escondida entre os ramos. Uma olhos-longos. — Fez um ténue sorriso. — Assegurei-me de que não me conseguiria ver. Quando me aproximei, vi que ela também não se movia. — Foi sacudido por um estremecimento involuntário.

— Estás enregelado? — perguntou Royce.

— Um pouco — murmurou Will. — É o vento, senhor.

O jovem cavaleiro virou-se para o seu grisalho homem-de-armas. Folhas pesadas de geada suspiravam ao passar por eles, e o corcel de batalha movia-se de forma inquieta.

— Que te parece que possa ter morto aqueles homens, Gared? — perguntou Sor Waymar com ar casual. Ajustou a posição do longo manto de zibelina.

— Foi o frio — disse Gared com uma certeza férrea. — Vi homens congelar no Inverno passado e no outro antes desse, quando era miúdo. Toda a gente fala de neves com doze metros de profundidade, e do modo como o vento de gelo chega do norte a uivar, mas o verdadeiro inimigo é o frio. Aproxima-se em silêncio, mais furtivo do que o Will, e a princípio estremece-se e os dentes batem, e bate-se com os pés no chão e sonha-se com vinho aquecido e boas e quentes fogueiras. Ele queima, ah pois queima. Nada queima como o frio. Mas só durante algum tempo. Então penetra no corpo e começa a enchê-lo, e passado algum tempo já não se tem força suficiente para combatê-lo. É mais fácil limitarmo-nos a sentar-nos ou a adormecer. Dizem que não se sente dor alguma perto do fim. Primeiro fica-se fraco e sonolento, e tudo começa a desvanecer-se, e depois é como afundar num mar de leite morno. Como que pacífico.

— Quanta eloquência, Gared — observou Sor Waymar. — Nunca suspeitei que a tivesses dentro de ti.

— Também tive o frio dentro de mim, nobre. — Gared puxou para trás o capuz, oferecendo a Sor Waymar um longo olhar sobre os cotos onde as suas orelhas tinham estado. — Duas orelhas, três dedos dos pés e o mindinho da mão esquerda. Tive sorte. Encontrámos o meu irmão congelado no seu posto de vigia, com um sorriso no rosto.

Sor Waymar encolheu os ombros.

— Devias vestir coisas mais quentes, Gared.

Gared lançou ao nobre um olhar feroz, e as cicatrizes em redor dos seus ouvidos ficaram vermelhas de fúria nos locais onde o Mestre Aemon cortara as orelhas.

— Veremos quão quente podeis vestir-vos quando chegar o Inverno. — Puxou o capuz para cima e arqueou as costas sobre o garrano, silencioso e carrancudo.

— Se Gared diz que foi o frio... — começou Will.

— Fizeste alguma vigia nesta última semana, Will?

— Sim, senhor. — Nunca havia uma semana em que ele não fizesse uma maldita dúzia de vigias. Onde queria o homem chegar?

— E em que estado encontraste a Muralha?

— Húmida — disse Will, franzindo o sobrolho. Agora que o nobre o fizera notar, via os factos com clareza. — Eles não podem ter congelado. Se a Muralha está húmida, não podem. O frio não é suficiente.

Royce anuiu.

— Rapaz esperto. Tivemos alguns frios ligeiros na semana passada, e uma queda de neve rápida de vez em quando, mas de certeza que não houve nenhum frio suficientemente forte para matar oito homens adultos. Homens vestidos de peles e couro, relembro, com um abrigo ali à mão e

meios para fazer fogo. — O sorriso do cavaleiro ressumava confiança. — Will, leva-nos lá. Quero ver esses mortos com os meus próprios olhos.

E a partir desse momento, nada mais havia a fazer. A ordem fora dada, e a honra obrigava-os a obedecer.

Will seguiu à frente, com o pequeno garrano felpudo a escolher com cuidado o caminho por entre a vegetação rasteira. Uma neve ligeira caíra na noite anterior, e havia pedras, raízes e covas escondidas logo por baixo da sua crosta, à espreita dos descuidados e dos imprudentes. Sor Waymar Royce vinha logo atrás, com o grande corcel negro de batalha a resfolegar de impaciência. Aquele cavalo era a montada errada para uma patrulha, mas tentem dizê-lo ao nobre. Gared fechava a retaguarda. O velho soldado resmungava para si próprio enquanto avançava.

O crepúsculo aprofundava-se. O céu sem nuvens tomou um profundo tom de púrpura, a cor de uma velha nódoa negra, e depois dissolveu-se em negro. As estrelas começaram a surgir. Uma meia-lua ergueu-se. Will estava grato pela luz.

— Podemos decerto avançar mais depressa do que isto — disse Royce depois de a Lua se erguer por completo.

— Com este cavalo, não — disse Will. O medo tornara-o insolente. — Talvez o meu senhor deseje tomar a dianteira?

Sor Waymar Royce não se dignou responder.

Algures nos bosques, um lobo uivou.

Will levou o garrano para baixo de uma velha e nodosa árvore de pau-ferro e desmontou.

— Porque páras? — perguntou Sor Waymar.

— É melhor ir o resto do caminho a pé, senhor. O sítio é logo depois daquele cabeçaço.

Royce fez uma pausa momentânea, de olhos presos na distância e o rosto pensativo. Um vento frio sussurrou por entre as árvores. O grande manto de zibelina agitou-se nas suas costas como uma coisa semiviva.

— Há qualquer coisa de errado aqui — murmurou Gared.

O jovem cavaleiro dedicou-lhe um sorriso desdenhoso.

— Ai há?

— Não o sentis? — perguntou Gared. — Escutai a escuridão.

Will sentia-o. Em quatro anos na Patrulha da Noite, nunca estivera tão temeroso. O que era aquilo?

— Vento. Árvores a restolhar. Um lobo. Que som te apavora tanto, Gared? — Quando Gared não respondeu, Royce deslizou graciosamente da sela. Atou com segurança o corcel de batalha a uma ramada baixa, bem afastado dos outros cavalos, e retirou a espada da bainha. Jóias cintilaram no punho e o luar percorreu o aço brilhante. Era uma arma magnífica, for-

jada num castelo e, segundo aparentava, novinha em folha. Will duvidava que tivesse sido alguma vez brandida em fúria.

— O arvoredo é espesso por aqui — preveniu Will. — Essa espada enredar-vos-á, senhor. Uma faca é melhor.

— Se eu precisar de instruções, pedi-las-ei — disse o jovem senhor. — Gared, fica aqui. Guarda os cavalos.

Gared desmontou.

— Precisamos de uma fogueira. Tratarei disso.

— Quanta tolice tens tu nessa cabeça, velhote? Se houver inimigos nesta floresta, uma fogueira é a última coisa que queremos.

— Há alguns inimigos que uma fogueira manterá afastados — disse Gared. — Ursos, lobos gigantes e... e outras coisas...

A boca de Sor Waymar transformou-se numa linha dura.

— Não haverá fogo.

O capuz de Gared engolia-lhe o rosto, mas Will conseguia ver a cintilação dura nos olhos que se fixavam no cavaleiro. Por um momento, temeu que o homem mais velho puxasse da espada. Era uma coisa curta e feia, com o punho desbotado pelo suor e o gume denteado pelo muito uso, mas Will não daria um pendão de ferro pela vida do nobre se Gared a desembainhasse.

Por fim, Gared olhou para baixo.

— Não haverá fogo — murmurou de forma quase inaudível.

Royce tomou aquilo como aquiescência e virou-se.

— Indica o caminho — disse a Will.

Will teceu um rumo através de um matagal, e depois subiu o declive do cabeço baixo onde encontrara o seu ponto de vigia, por baixo de uma árvore-sentinela. Sob a fina crosta de neve, o solo estava húmido e lamacento, escorregadio, com rochas e raízes escondidas, prontas a fazer tropeçar. Will não fez nenhum som enquanto trepava. Atrás de si, ouvia o suave roçar metálico da cota de malha do nobre, o restolhar de folhas e pragas murmuradas quando ramos espetados se agarravam à espada e puxavam pelo magnífico manto de zibelina do outro homem.

A grande árvore estava mesmo no topo do cabeço, onde Will sabia que estaria, com os ramos inferiores não mais que trinta centímetros acima do solo. Will deslizou por baixo, com a barriga assente na neve e na lama, e olhou a clareira vazia mais abaixo.

O coração parou-lhe no peito. Por um momento, não se atreveu a respirar. O luar brilhava sobre a clareira, sobre as cinzas na cova da fogueira, sobre o abrigo coberto de neve, sobre o grande rochedo, sobre o pequeno ribeiro meio congelado. Tudo estava como estivera algumas horas antes.

Eles não estavam lá. Todos os corpos tinham desaparecido.

— Deuses! — ouviu dizer atrás de si. Uma espada golpeou um ramo quando Sor Waymar Royce atingiu o topo do cabeçaço. Ficou em pé ao lado da árvore, de espada na mão, com o manto a ondular nas suas costas, soprado pelo vento que se levantava, nobremente delineado contra as estrelas para que todos o vissem.

— *Baixai-vos!* — segredou Will com urgência. — Há algo de errado. Royce não se moveu. Olhou para a clareira vazia e riu-se.

— Os teus mortos parece que levantaram o acampamento, Will.

A voz de Will abandonou-o. Procurou palavras que não vieram. Não era possível. Os seus olhos percorreram para trás e para a frente o acampamento abandonado, e pararam no machado. Um enorme machado de batalha de duas lâminas, ainda caído onde o vira pela última vez, intocado. Uma arma valiosa. . .

— De pé, Will — ordenou Sor Waymar. — Não está aqui ninguém. Não te quero ver escondido por baixo de um arbusto.

Relutantemente, Will obedeceu.

Sor Waymar olhou-o com aberta desaprovação.

— Não vou regressar a Castelo Negro com um falhanço na minha primeira patrulha. *Vamos* encontrar aqueles homens. — Olhou de relance em volta. — Sobe à árvore. Sê rápido. Procura uma fogueira.

Will virou-se, sem palavras. Não valia a pena argumentar. O vento movia-se. Trespasava-o. Dirigiu-se para a árvore, uma sentinela abobadada cinzenta esverdeada, e começou a trepar. Em breve tinha as mãos pegajosas de seiva e estava perdido entre as agulhas. O medo enchia-lhe o estômago como uma refeição que fosse incapaz de digerir. Murmurou uma prece aos deuses sem nome da floresta e libertou o punhal da sua bainha. Pô-lo entre os dentes para manter ambas as mãos livres para a escalada. O sabor do ferro frio na sua boca confortou-o.

Em baixo, o nobre gritou de súbito:

— Quem vem lá?

Will ouviu incerteza na chamada. Parou de escalar; escutou; observou.

Os bosques deram resposta: um restolhar de folhas, o correr gelado do ribeiro, o pio distante de uma coruja das neves.

Os Outros não faziam som algum.

Will viu movimento com o canto do olho. Sombras pálidas que deslizavam pela floresta. Virou a cabeça, viu de relance uma sombra branca na escuridão. Logo depois, desaparecera. Ramos agitaram-se gentilmente ao vento, coçando-se uns aos outros com dedos de madeira. Will abriu a boca para gritar um aviso, e as palavras pareceram congelar na sua garganta. Talvez estivesse errado. Talvez tivesse sido apenas uma ave, um reflexo

na neve, um qualquer truque do luar. Afinal, que vira?

— Will, onde estás? — chamou Sor Waymar. — Vês alguma coisa? — Descrevia um círculo lento, de súbito cauteloso, de espada na mão. Deve tê-los pressentido, tal como Will os pressentia. Nada havia para ver. — Responde-me! Porque está tanto frio?

E *estava* frio. Tremendo, Will agarrou-se com mais força ao seu poleiro. Apertou o rosto com força contra o tronco da árvore. Sentia a seiva doce e pegajosa na bochecha.

Uma sombra emergiu da escuridão da floresta. Parou em frente de Royce. Era alta, descarnada e dura como ossos velhos, com uma carne pálida como leite. A sua armadura parecia mudar de cor quando se movia; aqui era tão branca como neve recém-caída, ali negra como uma sombra, por todo o lado sarapintada com o profundo cinzento esverdeado das árvores. Os padrões corriam como o luar na água com cada passo que dava.

Will ouviu a exalação a sair de Sor Waymar Royce num longo silvo.

— Não avances mais — preveniu o nobre. A sua voz estava quebrada como a de um rapaz. Atirou o longo manto de zibelina para trás por sobre os ombros, a fim de libertar os braços para a batalha, e pegou na espada com ambas as mãos. O vento parara. Estava muito frio.

O Outro deslizou em frente sobre pés silenciosos. Na mão, trazia uma espada que não era como nada que Will tivesse visto. Nenhum metal humano tinha entrado na forja daquela lâmina. Estava viva de luar, translúcida, um fragmento de cristal tão fino que parecia quase desaparecer quando era vista de frente. Havia naquela coisa uma ténue cintilação azul, uma luz fantasmagórica que brincava com os seus limites, e de algum modo Will soube que era mais afiada do que qualquer navalha.

Sor Waymar enfrentou o inimigo com bravura.

— Nesse caso, dança comigo.

Ergueu a espada bem alto acima da cabeça, desafiador. As mãos tremiam com o peso da arma, ou talvez devido ao frio. Mas naquele momento, pensou Will, já não era um rapaz, e sim um homem da Patrulha da Noite.

O Outro parou. Will viu-lhe os olhos, azuis, mais profundos e mais azuis do que quaisquer olhos humanos, de um azul que queimava como gelo. Fixaram-se na espada que estremecia, erguida, observaram o luar que corria, frio, ao longo do metal. Durante um segundo, atreveu-se a ter esperança.

Emergiram em silêncio, das sombras, gémeos do primeiro. Três... quatro... cinco... Sor Waymar talvez tivesse sentido o fio que vinha com eles, mas não os chegou a ver, não os chegou a ouvir. Will tinha de o chamar. Era o seu dever. E a sua morte, se o fizesse. Estremeceu, abraçou a árvore e manteve o silêncio.

A espada clara veio pelo ar, a tremer.

Sor Waymar parou-a com aço. Quando as lâminas se encontraram, não se ouviu nenhum ressoar de metal com metal, apenas um som agudo e fino, no limiar da audição, como um animal a guinchar de dor. Royce parou um segundo golpe, e um terceiro, e depois recuou um passo. Outra chuva de golpes e recuou outra vez.

Atrás dele, para a direita, para a esquerda, em seu redor, os observadores mantinham-se em pé, pacientes, sem rosto, silenciosos, com os padrões mutáveis das suas delicadas armaduras a torná-los quase invisíveis na floresta. Mas não faziam um gesto para intervir.

Uma vez e outra, as espadas encontraram-se, até Will querer tapar os ouvidos, protegendo-os do estranho e angustiado lamento dos seus choques. Sor Waymar já arquejava de esforço, e a respiração gerava nuvens ao luar. A sua lâmina estava branca de gelo; a do Outro dançava com uma pálida luz azul.

Então, a parada de Royce chegou um momento tarde de mais. A espada cristalina trespassou a cota de malha por baixo do seu braço. O jovem senhor gritou de dor. Surgiu sangue por entre os aros. Correu ao frio, e as gotas pareciam vermelhas como fogo onde tocavam a neve. Os dedos de Sor Waymar esfregaram o flanco. A sua luva de pele de toupeira veio empapada de vermelho.

O Outro disse qualquer coisa numa língua que Will não conhecia; a sua voz era como o quebrar do gelo num lago de Inverno, e as palavras eram trocistas.

Sor Waymar Royce encontrou a sua fúria.

— Por Robert! — gritou, e atacou, a rosnar, erguendo com ambas as mãos a espada coberta de gelo e brandindo-a num golpe lateral paralelo ao chão, carregado com todo o seu peso. A parada do Outro foi quase displacente.

Quando as lâminas se tocaram, o aço despedaçou-se.

Um grito ecoou pela noite da floresta, e a espada quebrou-se numa centena de bocados quebradiços, espalhando-se os estilhaços como uma chuva de agulhas. Royce caiu de joelhos, guinchando, e cobriu os olhos. Sangue jorrou-lhe por entre os dedos.

Os observadores aproximaram-se uns dos outros, como se em resposta a um sinal. Espadas ergueram-se e caíram, tudo num silêncio mortal. Era um assassinio frio. As lâminas pálidas atravessaram a cota de malha como se fosse seda. Will fechou os olhos. Muito abaixo, ouviu-lhes as vozes e os risos, aguçados como pingentes.

Quando reuniu coragem para voltar a olhar, um longo tempo passara, e o cabeçaço lá em baixo estava vazio.

Ficou na árvore, quase sem se atrever a respirar, enquanto a Lua foi rastejando lentamente pelo céu negro. Por fim, com os músculos cheios de câibras e os dedos dormentes de frio, desceu da árvore.

O corpo de Royce jazia na neve de barriga para baixo, com um braço aberto. O espesso manto de zibelina tinha sido cortado numa dúzia de sítios. Jazendo assim morto, via-se como era novo. Um rapaz.

Will encontrou o que restava da espada a alguns pés de distância, com a extremidade estilhaçada e retorcida, como uma árvore atingida por um relâmpago. Ajoelhou-se, olhou em volta com cautela, e apanhou-a. A espada quebrada seria a sua prova. Gared saberia compreendê-la, e se não soubesse, então haveria o velho urso do Mormont ou o Mestre Armon. Estaria Gared ainda à espera com os cavalos? Tinha de apressar-se.

Will endireitou-se. Sor Waymar Royce erguia-se sobre ele.

As suas belas roupas eram farrapos, o seu rosto uma ruína. Um estilhaço da espada trespassara a pupila branca e cega do seu olho esquerdo.

O olho direito estava aberto. A pupila queimava, azul. Via.

A espada quebrada caiu de dedos despídos de força. Will fechou os olhos para rezar. Mãos longas e elegantes roçaram na sua bochecha e depois fecharam-se em volta da sua garganta. Estavam enluvadas na mais fina pele de toupeira e pegajosas de sangue, mas o seu toque era frio como gelo.

A manhã chegara límpida e fria, com uma aspereza que sugeria o fim do Verão. Partiram ao nascer do dia para ir ver a decapitação de um homem, vinte ao todo, e Bran cavalgava com os outros, nervoso e excitado. Fora a primeira vez que se considerara que tinha idade suficiente para ir com o senhor seu pai e os irmãos ver fazer-se a justiça do rei. Era o nono ano de Verão, e o sétimo da vida de Bran.

O homem tinha sido capturado no exterior de um pequeno povoado nos montes. Robb pensava que se tratava de um selvagem, com a espada ao serviço de Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha. Pensar nisso fazia a pele de Bran formigar. Lembrava-se das histórias que a Velha Ama lhes contava à lareira. Os selvagens eram homens cruéis, dizia, escravagistas, assassinos e ladrões. Faziam amizade com gigantes e vampiros, raptavam meninas pela calada da noite, e bebiam sangue por cornos polidos. E as suas mulheres deitavam-se com os Outros durante a Longa Noite e geravam terríveis crianças meio humanas.

Mas o homem que encontraram amarrado de pés e mãos ao muro do povoado, à espera da justiça real, era velho e descarnado, não muito mais alto do que Robb. Perdera ambas as orelhas e um dedo, queimados pelo frio, e vestia-se todo de negro como um irmão da Patrulha da Noite, se não fossem as peles estarem esfarrapadas e besuntadas de gordura.

As respirações de homens e cavalos misturavam-se em nuvens de vapor no ar frio da manhã quando o senhor seu pai ordenou que cortassem as cordas que prendiam o homem ao muro e o arrastassem até junto do grupo. Robb e Jon sentavam-se, altos e imóveis sobre os cavalos, com Bran entre eles, no seu pônei, tentando parecer mais do que os seus sete anos, tentando fingir que já antes assistira a tudo aquilo. Um vento ténue soprava através do portão do povoado. Sobre as suas cabeças agitava-se o estandarte dos Stark de Winterfell: um lobo gigante cinzento correndo por um campo de um branco de gelo.

O pai de Bran sentava-se solenemente sobre o cavalo, com o longo cabelo castanho a ondular ao vento. A barba bem aparada estava salpicada de branco, fazendo-o parecer mais velho do que os seus trinta e cinco anos. Hoje tinha uma sombra severa sobre os olhos cinzentos, e parecia bem diferente do homem que se sentava em frente ao fogo, à noite, e falava suavemente da era dos heróis e das crianças da floresta. Tirara a cara de pai,

pensou Bran, e colocara a de Lorde Stark de Winterfell.

Houve questões que foram postas e respostas que foram dadas ali, ao frio da manhã, mas, mais tarde, Bran não iria recordar muito do que fora dito. Por fim, o senhor seu pai deu uma ordem, e dois dos seus guardas arrastaram o homem esfarrapado até ao coto de pau-ferro no centro da praça. Empurraram-lhe a cabeça à força contra a madeira dura e negra. Lorde Eddard Stark desmontou e o seu protegido, Theon Greyjoy, apresentou-lhe a espada. Chamavam Gelo àquela espada. Era tão larga como uma mão de homem, e mais alta ainda do que Robb. A lâmina era de aço valiriano, forjado com feitiços e escuro como fumo. Nada mantinha o fio como o aço valiriano.

O pai de Bran descalçou as luvas e entregou-as a Jory Cassel, o capitão da guarda da sua casa. Pegou em Gelo com ambas as mãos e disse:

— Em nome de Robert da Casa Baratheon, o Primeiro do seu Nome, rei dos Andalos e dos Roniaries e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protector do Domínio, pela voz de Eddard da Casa Stark, Senhor de Winterfell e Guardião do Norte, condeno-vos à morte. — E ergueu a espada bem alto sobre a cabeça.

O irmão bastardo de Bran, Jon Snow, aproximou-se.

— Mantém rédea curta sobre o pónei — sussurrou. — E não afastes os olhos. O pai saberá se o fizeres.

Bran manteve rédea curta sobre o pónei e não afastou os olhos.

O seu pai cortou a cabeça ao homem com um único golpe, dado com segurança. O sangue borrifou a neve, tão vermelho como o vinho do Verão. Um dos cavalos empinou-se e teve de ser segurado para evitar que fugisse. Bran não conseguia tirar os olhos do sangue. A neve que rodeava o poste bebia-o com sofreguidão, ficando cada vez mais vermelha enquanto ele observava.

A cabeça ressaltou numa raiz grossa e rolou. Parou perto dos pés de Greyjoy. Theon era um jovem esguio e escuro de dezanove anos que achava tudo divertido. Soltou uma gargalhada, pôs a bota sobre a cabeça e deu-lhe um pontapé.

— Cretino — resmungou Jon, suficientemente baixo para que Greyjoy não ouvisse. Pôs uma mão no ombro de Bran e Bran olhou o irmão bastardo. — Estiveste bem — disse-lhe Jon solenemente. Jon tinha catorze anos, já era experiente na justiça.

O tempo parecia mais frio durante a longa viagem de regresso a Winterfell, embora o vento tivesse caído e o Sol estivesse mais alto no céu. Bran cavalgava junto aos irmãos, bem adiantados em relação ao resto dos cavaleiros, com o pónei a esforçar-se ao máximo para acompanhar o ritmo dos outros cavalos.

— O desertor morreu com bravura — disse Robb. Era grande e largo e crescia de dia para dia, com as cores da mãe, a pele clara, o cabelo vermelho acastanhado e os olhos azuis dos Tully de Correrrio. — Tinha coragem, pelo menos.

— Não — disse Jon Snow calmamente. — Não era coragem. Este estava morto de medo. Podias vê-lo nos seus olhos, Stark. — Os de Jon eram de um cinzento tão escuro que pareciam quase negros mas pouco havia que não vissem. Tinha a mesma idade que Robb, mas os dois não eram parecidos. Jon era esguio enquanto Robb era musculoso, escuro ao passo que Robb era claro, gracioso e ligeiro quando o seu meio-irmão era forte e rápido.

Robb não estava impressionado.

— Que os Outros lhe levem os olhos — praguejou. — Ele morreu bem. Fazemos uma corrida até à ponte?

— Fazemos — disse Jon, impulsionando o cavalo em frente. Robb praguejou e seguiu-o, e galoparam pelo trilho fora, com Robb aos gritos e assobios, e Jon silencioso e concentrado. Os cascos dos cavalos levantavam nuvens de neve por onde passavam.

Bran não tentou segui-los. O seu pônei não era capaz de os acompanhar. Vira os olhos do homem esfarrapado, e estava agora a pensar neles. Após algum tempo, o som das gargalhadas de Robb atenuou-se e os bosques ficaram de novo silenciosos.

Estava tão embrenhado nos seus pensamentos que não ouviu o resto do grupo até que o pai pôs o cavalo a par com a sua montada.

— Estás bem, Bran? — perguntou, não sem simpatia.

— Sim, pai — disse Bran. Olhou para cima. Envolto nas suas peles e couros, montado no grande cavalo de guerra, o senhor seu pai pairava acima de si como um gigante. — O Robb diz que o homem morreu bravamente, mas Jon disse que ele tinha medo.

— E que pensas tu? — perguntou-lhe o pai.

Bran reflectiu sobre o assunto.

— Pode um homem continuar a ser valente se tiver medo?

— Essa é a única maneira de um homem ser valente — disse o pai. — Compreendes porque o fiz?

— Ele era um selvagem — disse Bran. — Eles roubam mulheres e vendem-nas aos Outros.

O senhor seu pai sorriu.

— A Velha Ama tem andado outra vez a contar-te histórias. Na verdade, o homem era um insurrecto, um desertor da Patrulha da Noite. Ninguém pode ser mais perigoso. O desertor sabe que a sua vida está perdida se for capturado, e por isso não vacilará perante nenhum crime, por

mais vil que ele seja. Mas tu não me compreendeste bem. A pergunta não era sobre o motivo por que o homem tinha de morrer, mas sim porque *eu* tive que o fazer.

Bran não tinha resposta para aquilo.

— O Rei Robert tem um carrasco — disse, em tom incerto.

— Tem — admitiu o pai. — E os reis Targaryen também os tiveram antes dele. Mas o nosso costume é o mais antigo. O sangue dos Primeiros Homens ainda corre nas veias dos Stark, e mantemos a crença de que o homem que dita a sentença deve manejar a espada. Se tirares a vida de um homem, deves-lhe olhá-lo nos olhos e ouvir as suas últimas palavras. E se não conseguires suportar fazê-lo, então talvez o homem não mereça morrer.

“Um dia, Bran, serás vassalo de Robb, mantendo um domínio teu para o teu irmão e o teu rei, e a justiça caber-te-á a ti. Quando esse dia chegar, não deves ter nenhum prazer na tarefa, mas tampouco deverás desviar os olhos. Um governante que se esconde atrás de executores pagos depressa se esquece do que é a morte.”

Foi então que Jon reapareceu sobre o cume da colina à frente do grupo. Acenou e gritou-lhes “*Pai, Bran, venham depressa ver o que o Robb encontrou!*” E depois voltou a desaparecer.

Jory pôs-se ao lado de Bran e do pai.

— Problemas, senhor?

— Sem qualquer dúvida — disse o senhor seu pai. — Vamos, vamos ver que velhacaria desenterraram agora os meus filhos. — Pôs o cavalo a trote. Jory, Bran e o resto do grupo seguiram-no.

Encontraram Robb na margem do rio, a norte da ponte, com Jon ainda montado a seu lado. As neves do fim do Verão tinham sido pesadas naquela volta de Lua. Robb estava enterrado em branco até aos joelhos, com o capuz atirado para trás e o sol brilhava-lhe nos cabelos. Aconchegava alguma coisa no braço enquanto os rapazes conversavam em vozes excitadas mas baixas.

Os cavaleiros escolheram o caminho com cuidado através dos detritos empilhados pelo rio, tacteando em busca de apoio sólido no terreno escondido e irregular. Jory Cassel e Theon Greyjoy foram os primeiros a chegar perto dos rapazes. Greyjoy ria e gracejava enquanto se aproximava. Bran ouviu o fôlego a sair-lhe do peito.

— *Deuses!* — exclamou, lutando por manter o controlo do cavalo enquanto levava a mão à espada.

A espada de Jory já estava na sua mão.

— Robb, afasta-te disso! — gritou enquanto o cavalo se empinava entre as suas pernas.

Robb sorriu e ergueu o olhar do volume que tinha nos braços.

— Ela não te pode fazer mal — disse. — Está morta, Jory.

Por aquela altura, já Bran ardia de curiosidade. Teria esporeado o pônei para avançar mais depressa, mas o pai fê-los desmontar junto à ponte e aproximar-se a pé. Bran saltou do animal e correu.

Também Jon, Jory e Theon Greyjoy já tinham desmontado.

— O que, pelos sete infernos, é isso? — estava Greyjoy a dizer.

— Uma loba — disse Robb.

— Uma aberração — disse Greyjoy. — Olha o *tamanho* da coisa.

O coração de Bran martelava-lhe no peito enquanto abria caminho através de uma pilha de detritos que lhe chegava à cintura, até que chegou ao lado do irmão.

Meio enterrada na neve manchada de sangue, uma forma enorme atolava-se na morte. Tinha-se formado gelo na sua desgrenhada pelagem cinzenta, e um ténue cheiro a putrefacção agarrava-se-lhe como um perfume de mulher. Bran viu de relance olhos cegos repletos de vermes, uma grande boca cheia de dentes amarelados. Mas foi o tamanho da coisa que o fez ficar de boca aberta. Era maior do que o seu pônei, com o dobro do tamanho do maior cão de caça no canil do seu pai.

— Não é aberração nenhuma — disse Jon calmamente. — Isso é uma loba gigante. Eles crescem mais do que os da outra espécie.

Theon Greyjoy disse:

— Não é visto nenhum lobo gigante a sul da Muralha há duzentos anos.

— Estou a ver um agora — respondeu Jon.

Bran desviou os olhos do monstro. Foi nesse momento que reparou no fardo que estava nos braços de Robb. Soltou um grito de deleite e aproximou-se. O cachorro era uma minúscula bola de pêlo cinzento-escuro, ainda com os olhos fechados. Batia cegamente com o focinho contra o peito de Robb, procurando leite nos couros que o cobriam, soltando um pequeno som lamentoso e triste. Bran estendeu uma mão hesitante.

— Vá lá — disse-lhe Robb. — Podes tocar-lhe.

Bran fez um afago rápido e nervoso ao cachorro e depois virou-se quando Jon disse:

— Ora aqui tens. — O seu meio-irmão pôs-lhe um segundo cachorro nos braços. — Há cinco ao todo. — Bran sentou-se na neve e abraçou a cria de lobo, encostando-a ao rosto. O pêlo do animal era suave e morno no seu rosto.

— Lobos gigantes à solta no reino depois de tantos anos — murmurou Hullen, o mestre dos cavalos. — Não me agrada.

— É um sinal — disse Jory.

O pai franziu o sobrolho.

— Isto é só um animal morto, Jory — disse. Apesar disso, parecia perturbado. A neve rangia sob os seus pés enquanto passeava em redor do corpo. — Sabemos o que a matou?

— Há qualquer coisa na garganta — disse Robb, orgulhoso de ter encontrado a resposta mesmo antes de o pai ter perguntado. — Ali, mesmo por baixo da mandíbula.

O pai ajoelhou-se e tateou com a mão sob a cabeça do animal. Deu um puxão e ergueu a coisa para que todos a vissem. Trinta centímetros de uma haste estilhaçada de veado, com as pontas partidas, toda vermelha de sangue.

Um silêncio súbito caiu sobre o grupo. Os homens olharam inquietos para a haste e ninguém se atreveu a falar. Mesmo Bran pressentia o seu medo, embora não compreendesse.

O pai atirou a haste para o lado e limpou as mãos na neve.

— Surpreende-me que ela tenha vivido tempo suficiente para parir — disse. A sua voz quebrou o encantamento.

— Talvez não tenha — disse Jory. — Ouvi histórias... talvez a loba já estivesse morta quando os cachorros chegaram.

— Nascidos com os mortos — interveio outro homem. — Pior sorte.

— Não importa — disse Hullen. — Eles estarão também mortos não tarda.

Bran soltou um grito inarticulado de desalento.

— Quanto mais depressa, melhor — concordou Theon Greyjoy. Puxou da espada. — Dá cá o animal, Bran.

A criaturinha enroscou-se contra ele, como se tivesse ouvido e compreendido.

— *Não!* — gritou Bran ferozmente. — É meu.

— Guarda a espada, Greyjoy — disse Robb. Por um momento, soou tão autoritário como o pai, como o senhor que viria a ser um dia. — Vamos ficar com estes cachorros.

— Não podes fazer isso, rapaz — disse Harwin, que era filho de Hullen.

— Será misericordioso matá-los — disse Hullen.

Bran olhou o senhor seu pai em busca de salvação, mas só recebeu um franzir de sobrolhos, uma testa cheia de sulcos.

— Hullen fala a verdade, filho. É melhor uma morte rápida do que uma lenta, de frio e de fome.

— *Não!* — Sentia que lágrimas lhe brotavam dos olhos e afastou-os. Não queria chorar em frente ao pai.

Robb resistia com teimosia.

— A cadela vermelha de Sor Rodrik pariu de novo na semana passada — disse. — Foi uma ninhada pequena, só com dois cachorros vivos. Ela terá leite suficiente.

— Ela despedaçá-los-á quando tentarem mamar.

— Lorde Stark — disse Jon. Era estranho ouvi-lo chamar o pai assim, de um modo tão formal. Bran olhou-o com uma esperança desesperada. — Há cinco crias — disse. — Três machos e duas fêmeas.

— E então, Jon?

— Tendes cinco filhos legítimos — disse Jon. — Três filhos e duas filhas. O lobo gigante é o selo da vossa Casa. Os vossos filhos estão destinados a ficar com estes cachorros, senhor.

Bran viu o rosto do pai mudar, viu os outros homens a trocar olhares. Naquele momento, amou Jon de todo o coração. Mesmo com os seus sete anos, Bran compreendeu o que o irmão fizera. A conta estava certa apenas porque Jon se omitira. Incluía as raparigas, até incluía Rickon, o bebé, mas não o bastardo que usava o apelido Snow, o nome que o costume decretava que devia ser dado a todos aqueles que, no Norte, eram suficientemente infelizes para não possuir um nome seu.

O pai também o compreendera.

— Não queres uma cria para ti, Jon? — perguntou brandamente.

— O lobo gigante honra os estandartes da Casa Stark — fez notar Jon. — Eu não sou um Stark, pai.

O senhor seu pai olhou pensativo para Jon. Robb apressou-se a preencher o silêncio que ele deixara.

— Cuidarei eu próprio dele, pai — prometeu. — Embeberei uma toalha em leite morno e dar-lhe-ei a mamar daí.

— Eu também! — disse Bran num eco.

O senhor avaliou os filhos longa e cuidadosamente com os olhos.

— É fácil dizê-lo, mais difícil é fazê-lo. Não vos quero ver a desperdiçar com isto o tempo dos criados. Se querem estes cachorros, alimentá-los-ão vocês. Entendido?

Bran acenou com ardor. O cachorro contorceu-se nos seus braços e lambeu-lhe o rosto com uma língua morna.

— Devem treiná-los também — disse-lhes o pai. — *Devem* ensiná-los. O mestre do canil não quererá ter nada a ver com esses monstros, garantivos. E que os deuses vos protejam se os negligenciarem, os maltratarem ou os treinarem mal. Esses não são cães que pedinchem festas ou se esquivem a um pontapé. Um lobo gigante é capaz de arrancar um braço do ombro de um homem com tanta facilidade como um cão mata uma ratazana. Têm a certeza de quererem isto?

— Sim, pai — disse Bran.

— Sim — concordou Robb.

— Os cachorros podem morrer de qualquer modo, apesar de tudo o que façam.

— Eles não morrerão — disse Robb. — Não *deixaremos* que morram.

— Fiquem então com eles. Jory, Desmond, recolham os outros cachorros. É tempo de regressarmos a Winterfell.

Foi só depois de terem montado e de se terem posto a caminho que Bran se permitiu saborear o doce ar da vitória. Nessa altura, o seu cachorro estava aconchegado entre os seus couros, quente contra o seu corpo, a salvo durante a longa viagem para casa. Bran perguntava a si próprio como haveria de chamar-lhe.

A meio da ponte, Jon puxou subitamente as rédeas.

— Que se passa, Jon? — perguntou o senhor seu pai.

— Não o ouvis?

Bran ouvia o vento nas árvores, o ruído dos cascos nas tábuas de pau-ferro, os lamentos da cria faminta, mas Jon escutava outra coisa.

— Ali — disse Jon. Fez o cavalo dar meia volta e galopou pela ponte, pelo caminho por onde viera. Viram-no desmontar onde a loba gigante jazia morta na neve, viram-no ajoelhar-se. Um momento mais tarde, cavalgava de regresso, sorrindo.

— Deve ter-se afastado dos outros — disse Jon.

— Ou sido afastado — disse o pai, olhando a sexta cria. A pelagem desta era branca, enquanto a do resto da ninhada era cinzenta. Os seus olhos eram tão vermelhos como o sangue do homem esfarrapado que morrera naquela manhã. Bran achou curioso que só aquele cachorro tivesse aberto os olhos enquanto os outros ainda estavam cegos.

— Um albino — disse Theon Greyjoy com um perverso divertimento. — Este ainda vai morrer mais depressa do que os outros.

John Snow deitou sobre o protegido do seu pai um olhar longo e gelado.

— Penso que não, Greyjoy — disse. — Este pertence-me a mim.

Catelyn nunca gostara daquele bosque sagrado.

Nascera entre os Tully, em Correrrio, longe para sul, nas margens do Ramo Vermelho do Tridente. O bosque sagrado que aí havia era um jardim, luminoso e arejado, onde grandes árvores de pau-brasil espalhavam sombras sarapintadas por ribeiros que rumorejavam entre as margens, aves cantavam em ninhos escondidos e o ar era perfumado com o odor de flores.

Os deuses de Winterfell mantinham um tipo diferente de bosque. Era um lugar escuro e primordial, três acres de floresta antiga, intocada ao longo de dez mil anos, enquanto o castelo se levantava a toda a volta. Cheirava a terra húmida e a decomposição. Ali não crescia o pau-brasil. Aquele era um bosque de obstinadas árvores-sentinela, revestidas de agulhas cinzentas esverdeadas, de poderosos carvalhos, de árvores de pau-ferro tão velhas como o próprio reino. Ali, espessos troncos negros aglomeravam-se uns de encontro aos outros, enquanto ramos retorcidos teciam um denso dossel elevado e raízes deformadas batalhavam sob o solo. Aquele era um lugar de profundo silêncio e sombras meditativas, e os deuses que ali viviam não tinham nomes.

Mas ela sabia que naquela noite encontraria aí o seu marido. Sempre que ele tirava a vida de um homem, procurava depois o sossego do bosque sagrado.

Catelyn fora ungida com os sete óleos e fora-lhe dado o nome no arco-íris de luz que enchia o septo de Correrrio. Pertencia à Fé, tal como o seu pai e o avô, e o pai deste antes dele. Os seus deuses possuíam nomes, e os rostos deles eram-lhe tão familiares como os dos seus pais. O serviço religioso era um septão com um turíbulo, o cheiro do incenso, um cristal de sete lados animado com luz, vozes erguidas em canto. Os Tully mantinham um bosque sagrado, como todas as grandes casas, mas era apenas um lugar para passear, ler ou ficar deitado ao sol. A prece pertencia ao septo.

Por ela, Ned tinha construído um pequeno septo onde podia cantar às sete caras de deus, mas o sangue dos Primeiros Homens ainda corria nas veias dos Stark, e os seus deuses eram os antigos, os deuses sem nome nem rosto da mata verde que partilhavam com os filhos desaparecidos da floresta.

No centro do bosque, um antigo represeiro cismava sobre uma pe-

quena lagoa onde as águas eram negras e frias. Ned chamava-lhe “a árvore-coração”. A casca do represeiro era branca como osso e as suas folhas vermelhas escuras como um milho de mãos manchadas de sangue. Uma cara tinha sido esculpida no tronco da grande árvore, de traços compridos e melancólicos, com os olhos profundamente escavados vermelhos de seiva seca e estranhamente vigilantes. Aqueles olhos eram velhos; mais velhos do que a própria Winterfell. Se as lendas falavam verdade, tinham visto Brandon, o Construtor, assentar a primeira pedra; tinham visto as muralhas de granito do castelo a crescer à sua volta. Dizia-se que os filhos da floresta tinham esculpido as caras nas árvores durante os séculos de alvorada, antes da chegada dos Primeiros Homens, vindos do mar estreito.

No sul, os últimos represeiros tinham sido derrubados ou queimados há mil anos, excepto na Ilha das Caras onde os homens verdes mantinham a sua vigilância silenciosa. Cá em cima, as coisas eram diferentes. Aqui cada castelo possuía o seu bosque sagrado, e cada bosque sagrado tinha a sua árvore-coração, e cada árvore-coração o seu rosto.

Catelyn encontrou o marido sob o represeiro, sentado numa pedra coberta de musgo. Tinha Gelo, a espada, pousada sobre as coxas e limpava-lhe a lâmina naquelas águas, negras como a noite. Mil anos de húmus jaziam numa grossa camada no solo do bosque sagrado, engolindo o som dos pés da mulher, mas os olhos vermelhos do represeiro pareciam segui-la enquanto se aproximava.

— Ned — chamou ela com suavidade.

Ele ergueu a cabeça para olhá-la.

— Catelyn — disse. A sua voz era distante e formal. — Onde estão as crianças?

Ele perguntava-lhe sempre aquilo.

— Na cozinha, a discutir nomes para as crias de lobo. — Ela estendeu o manto sobre o chão da floresta e sentou-se junto à lagoa, de costas voltadas para o represeiro. Podia sentir os olhos a observá-la, mas fez o melhor que pôde por ignorá-los. — Arya já está apaixonada, e Sansa está enfeitada e apiedada, mas Rickon não está muito seguro.

— Tem medo? — perguntou Ned.

— Um pouco — admitiu ela. — Só tem três anos.

Ned franziu o sobrolho.

— Ele tem de aprender a enfrentar os seus medos. Não terá três anos para sempre. E o Inverno está a chegar.

— Sim — concordou Catelyn. As palavras provocaram-lhe um arrepio, como sempre. As palavras Stark. Todas as casas nobres tinham as suas palavras. Lemas de família, pedras de toque, espécies de orações, alardeavam honra e glória, prometiam lealdade e verdade, juravam fé e coragem.

Todas menos as dos Stark. *O Inverno está a chegar*, diziam as palavras Stark. Reflectiu sobre como aqueles nortenhos eram um povo estranho, e já não era a primeira vez que o fazia.

— O homem morreu bem, concedo-lhe isso — disse Ned. Tinha na mão um bocado de couro oleado. Fê-lo percorrer com leveza a espada enquanto falava, polindo o metal até este soltar um brilho escuro. — Fiquei contente por causa de Bran. Terias ficado orgulhosa de Bran.

— Estou sempre orgulhosa de Bran — respondeu Catelyn, observando a espada enquanto ele a esfregava. Conseguia ver as ondulações profundas do aço, onde o metal fora dobrado sobre si próprio cem vezes durante a forja. Catelyn não sentia qualquer amor por espadas, mas não podia negar que Gelo possuía a sua beleza. Tinha sido forjada em Valíria antes de a destruição ter caído sobre a antiga cidade franca, quando os ferreiros trabalhavam os seus metais tanto com feitiços como com martelos. Tinha já quatrocentos anos, e era tão aguçada como no dia em que fora forjada. O nome que ostentava era ainda mais antigo, um legado da era dos heróis, quando os Stark eram reis no Norte.

— Foi o quarto este ano — disse Ned sombriamente. — O pobre homem estava meio louco. Algo lhe incutiu um medo tão profundo que as minhas palavras não o alcançaram. — Suspirou. — Ben escreveu-me dizendo que a força da Patrulha da Noite baixou dos mil homens. Não são só deserções. Têm também perdido homens nas patrulhas.

— São os selvagens? — perguntou ela.

— Quem mais poderia ser? — Ned ergueu Gelo, e observou o aço frio ao longo de todo o seu comprimento. — E só vai piorar. Pode chegar um dia em que eu não tenha escolha a não ser reunir os vassalos e marchar para norte a fim de lidar duma vez por todas com este Rei-para-lá-da-Muralha.

— Para lá da Muralha? — A ideia fez Catelyn estremecer.

Ned viu-lhe o terror no rosto.

— Mance Rayder não é nada que devamos temer.

— Há coisas mais escuras para lá da Muralha. — Ela olhou de relance a árvore-coração nas suas costas, a sua casca clara e os olhos vermelhos, observando, escutando, pensando os seus longos e lentos pensamentos.

O sorriso dele era gentil.

— Ouves demasiadas das histórias da Velha Ama. Os Outros estão tão mortos como os filhos da floresta, desaparecidos há oito mil anos. O Mestre Luwin dir-te-ia que nunca sequer chegaram a estar vivos. Nenhum homem vivo alguma vez viu um.

— Até hoje de manhã, nenhum homem vivo tinha visto um lobo gigante — recordou Catelyn.

— Já devia saber que não se pode discutir com uma Tully — disse ele

com um sorriso triste. Devolveu Gelo à sua bainha. — Não vieste até aqui contar-me histórias de embalar. Sei bem como gostas pouco deste lugar. Que se passa, senhora minha?

Catelyn tomou nas suas a mão do marido.

— Hoje chegaram dolorosas novas, meu senhor. Não quis incomodar-te até te teres purificado. — Não havia maneira de suavizar o golpe, e ela disse-o sem rodeios. — Lamento tanto, meu amor. Jon Arryn está morto.

Os olhos dele encontraram os dela, e Catelyn viu como lhe custou, como sabia que custaria. Na juventude, Ned tinha sido acolhido no Ninho de Águia e o Lorde Arryn, que não tinha filhos seus, tinha-se tornado num segundo pai para ele e para o seu outro protegido, Robert Baratheon. Quando o Rei Aerys II Targaryen, o Louco, exigira as suas cabeças, o Senhor do Ninho de Águia erguera em revolta os seus estandartes da lua e do falcão em vez de entregar aqueles que jurara proteger.

E um dia, há quinze anos, o seu segundo pai tinha-se transformado também num irmão, quando ele e Ned se juntaram no septo de Correrrio para desposar duas irmãs, as filhas de Lorde Hoster Tully.

— Jon... — disse. — Esta notícia é segura?

— Trazia o selo do rei, e a carta vinha escrita na caligrafia do próprio Robert. Guardei-a para ti. Diz que Lorde Arryn partiu depressa. Nem o Mestre Pycelle pôde fazer alguma coisa, mas trouxe o leite da papoila, para que Jon não ficasse por muito tempo em sofrimento.

— Isso é uma pequena misericórdia, suponho — disse ele. Catelyn via o pesar no seu rosto, mas mesmo nesse momento, o primeiro pensamento dele era-lhe dedicado. — A tua irmã — disse Ned. — E o filho de Jon. Que notícias há deles?

— A mensagem dizia apenas que estavam bem e que tinham regressado ao Ninho de Águia — disse Catelyn. — Preferiria que tivessem ido para Correrrio. O Ninho de Águia é um lugar alto e solitário, e sempre foi o lugar de Jon, não deles. A memória de Lorde Jon assombrará cada pedra. Conheço a minha irmã. Ela precisa do conforto da família e dos amigos em seu redor.

— O vosso tio espera no Vale, não é verdade? Ouvi dizer que Jon o nomeou Cavaleiro do Portão.

Catelyn anuiu com a cabeça.

— Brynden fará por ela e pelo rapaz o que puder. É algum conforto, mas mesmo assim...

— Vai ter com ela — exortou Ned. — Leva as crianças. Enche-lhe os salões de ruído, gritos e risos. Aquele seu rapaz precisa de outras crianças em redor, e Lysa não deve ficar só na sua dor.

— Gostaria de o poder fazer — disse Catelyn. — A carta trazia outras

notícias. O rei viaja para Winterfell à tua procura.

Ned precisou de um momento para tirar sentido daquelas palavras, mas quando a compreensão chegou, a escuridão abandonou-lhe os olhos.

— Robert vem para cá? — Quando ela anuiu, um sorriso abriu-se no rosto dele.

Catelyn desejou poder partilhar a alegria do marido. Mas ouvira o que se dizia pelos pátios; um lobo gigante morto na neve, com uma haste partida na garganta. O terror retorcia-se no seu interior como uma serpente, mas forçou-se a sorrir para aquele homem que amava, aquele homem que não punha fé alguma nos sinais.

— Sabia que te agradaria — disse. — Devíamos enviar uma mensagem ao teu irmão, na Muralha.

— Sim, claro — concordou ele. — Ben quererá estar aqui. Direi ao Mestre Luwin para enviar a sua ave mais rápida. — Ned ergueu-se e pô-la em pé. — Demónios, quantos anos passaram já? E não nos dá mais notícias do que estas? A mensagem dizia quantos homens traz na comitiva?

— Penso que um cento de cavaleiros, pelo menos, com todos os seus servidores, e vez e meia esse número de cavaleiros livres. Cersei e as crianças viajam com eles.

— Robert virá em passo moderado por causa delas — disse Ned. — E ainda bem. Dar-nos-á mais tempo para nos prepararmos.

— Os irmãos da rainha também vêm na comitiva — disse ela.

Ao ouvir aquilo, Ned fez um trejeito. Catelyn sabia que pouca simpatia havia entre ele e a família da rainha. Os Lannister de Rochedo Casterly tinham chegado tarde à causa de Robert, quando a vitória era praticamente certa, e ele nunca lhes perdoara por isso.

— Bem, se o preço a pagar pela companhia de Robert é uma infestação de Lannister, que seja. Parece que Robert traz metade da corte.

— Onde o rei vai, o reino segue — disse ela.

— Será bom ver as crianças. O mais novo ainda mamava da teta da Lannister da última vez que o vi. Agora deve ter, quê?, cinco anos?

— O Príncipe Tommen tem sete anos — informou ela. — A mesma idade de Bran. Por favor, Ned, tem tento na língua. A Lannister é a nossa rainha, e diz-se que o seu orgulho cresce a cada ano que passa.

Ned apertou-lhe a mão.

— Terá de haver um festim, bem entendido, com cantores, e Robert quererá caçar. Enviarei Jory para sul, com uma guarda de honra ao seu encontro, a fim de os escoltar no caminho até cá pela estrada do rei. Deuses, como iremos alimentá-los a todos? Maldito seja o homem. Maldito seja o seu real couro.

O irmão ergueu o vestido para que ela o inspecionasse.

— Isto é beleza. Toca-lhe. Vá lá. Acaricia o tecido.

Dany tocou-lhe. O tecido era tão macio que parecia correr-lhe pelos dedos como água. Não se conseguia lembrar de alguma vez ter usado algo tão suave. Assustou-a. Afastou a mão.

— É mesmo meu?

— Um presente do Magíster Illyrio — disse Viserys, sorrindo. O irmão estava de bom humor naquela noite. — A cor realçará o violeta dos teus olhos. E também terás ouro e jóias de todos os tipos. Illyrio prometeu-o. Esta noite deves parecer uma princesa.

Uma princesa, pensou Dany. Já esquecera como isso era. Talvez nunca tivesse realmente sabido.

— Porque nos dá ele tanto? — perguntou. — O que quer de nós? — Há quase meio ano que viviam na casa do magíster, comiam da sua comida, eram aparicados pelos seus criados. Dany tinha treze anos, idade suficiente para saber que tais presentes raramente vêm sem preço, ali na cidade livre de Pentos.

— Illyrio não é nenhum tolo — disse Viserys. Era um jovem magro com mãos nervosas e um ar febril nos seus olhos de um tom claro de lilás. — O magíster sabe que não esquecerei os amigos quando subir ao trono.

Dany nada disse. O Magíster Illyrio era um comerciante de especiarias, pedras preciosas, ossos de dragão e outras coisas menos palatáveis. Tinha amigos em todas as Nove Cidades Livres, dizia-se, e mesmo para lá delas, em Vaes Dothrak e nas terras das fábulas junto ao Mar de Jade. Também se dizia que nunca tinha tido um amigo que não fosse capaz de vender alegremente pelo preço justo. Dany escutava o falatório nas ruas, e ouvia estas coisas, mas também sabia que era melhor não questionar o irmão quando ele tecia as suas teias de sonho. Quando era despertada, a ira de Viserys era algo de terrível. Ele chamava-lhe “o acordar do dragão”.

O irmão pendurou o vestido ao lado da porta.

— Illyrio vai enviar as escravas para te darem banho. Assegura-te de que te vês livre do fedor dos estábulos. Khal Drogo tem mil cavalos e hoje vem à procura de um tipo diferente de montada. — Estudou-a criticamente. — Ainda entortas as costas. Endireita-te. — Pôs-lhe as mãos nos ombros e puxou-os para trás. — Deixa-os ver que tens agora a forma de uma mu-

lher. — Os dedos do irmão roçaram levemente nos seus seios em botão e apertaram-se num mamilo. — Não me falharás esta noite. Se o fizeres, será mau para ti. Não queres acordar o dragão, pois não? — Os dedos torceram-se, um beliscão cruel e duro através do tecido grosseiro da túnica. — *Pois não?* — repetiu.

— Não — disse Dany docilmente.

O irmão sorriu.

— Ótimo. — Tocou-lhe o cabelo, quase com afeição. — Quando escreverem a história do meu reinado, minha doce irmã, dirão que começou esta noite.

Quando ele saiu, Dany foi até à janela e olhou, melancólica, as águas da baía. As torres quadradas de tijolo de Pentos eram silhuetas negras delineadas contra o sol poente. Dany conseguia ouvir os sacerdotes vermelhos a cantar enquanto acendiam as piras nocturnas e os gritos de crianças esfarapadas que jogavam para lá dos muros da propriedade. Por um momento, desejou poder estar lá fora com elas, de pés nus, sem fôlego e vestida de farrapos, sem passado nem futuro, nem um banquete a que ir na mansão de Khal Drogo.

Algures para lá do sol-posto, do outro lado do estreito mar, havia uma terra de colinas verdes e planícies cobertas de flores e grandes rios caudalosos, onde torres de pedra negra se erguiam por entre magníficas montanhas azuis-acinzentadas, e cavaleiros de armadura cavalgavam para a batalha sob os estandartes dos seus senhores. Os Dothraki chamavam a essa terra *Rhaesh Andahli*, a terra dos ándalos. Nas Cidades Livres, falavam de Westeros e dos Reinos do Poente. O seu irmão tinha um nome mais simples. Chamava-lhe “a nossa terra”. Para ele, as palavras eram como uma prece. Se as dissesse as vezes suficientes, os deuses certamente ouviriam. “É nosso o direito de sangue, usurpado por meios traiçoeiros. Não se rouba um dragão, oh, não. O dragão recorda”.

E o dragão talvez recordasse mesmo, mas Dany não. Nunca vira aquela terra que o irmão dizia que lhes pertencia, este domínio para lá do estreito mar. Aqueles lugares de que falava, Rochedo Casterly e o Ninho de Águia, Jardim de Cima e o Vale de Arryn, Dorne e a Ilha das Caras, para ela eram apenas palavras. Viserys fora um rapaz de oito anos quando fugiram de Porto Real para escapar ao avanço dos exércitos do Usurpador, mas Daenerys não passara de uma partícula de vida no ventre da mãe.

Mesmo assim, por vezes, Dany conseguia visualizar os acontecimentos, tantas tinham sido as ocasiões em que ouvira o irmão contar as histórias. A fuga a meio da noite para Pedra do Dragão, com o luar a cintilar nas velas negras do navio. O seu irmão, Rhaegar, a dar batalha ao Usurpador nas águas sangrentas do Tridente e a morrer pela mulher que amava. O saque

de Porto Real por aqueles a quem Viserys chamava os cães do Usurpador, os senhores Lannister e Stark. A princesa Elia de Dorne a suplicar por misericórdia quando o herdeiro de Rhaegar lhe fora arrancado do seio e assassinado perante os seus olhos. Os crânios polidos dos últimos dragões a olharem sem ver do alto das paredes da sala do trono quando o Regicida abriu a garganta do Pai com uma espada dourada.

Nascera em Pedra do Dragão quatro luas depois da fuga, durante a fúria de uma tempestade de Verão que ameaçava destroçar a estabilidade da ilha. Diziam que aquela tempestade fora terrível. A frota Targaryen foi esmagada enquanto estava ancorada e enormes blocos de pedra foram arancados aos parapeitos e precipitados sobre as águas encapeladas do mar estreito. A sua mãe morrera ao dá-la à luz, e por esse facto o irmão Viserys nunca lhe perdoara.

Tampouco se lembrava de Pedra do Dragão. Tinham fugido de novo, imediatamente antes de o irmão do Usurpador se ter feito ao mar com a sua nova frota. Por essa altura, dos Sete Reinos que tinham pertencido aos seus, apenas restava Pedra do Dragão, a antiga sede da sua Casa. Mas não por muito tempo. A guarnição estava preparada para os vender ao Usurpador, mas, uma noite, Sor Willem Darry e quatro homens leais introduziram-se no quarto das crianças, raptaram-nos a ambos e à sua ama-de-leite, e fizeram-se ao mar a coberto da noite em busca da segurança da costa bravosiana.

Lembrava-se vagamente de Sor Willem, um homem que mais parecia um grande urso cinzento, meio cego, a rugir e a berrar ordens a partir da sua cama de doente. Os criados tinham vivido aterrorizados por ele, mas sempre fora bondoso para Dany. Chamava-lhe “pequena princesa” e por vezes “minha senhora”, e as suas mãos eram suaves como couro velho. Mas nunca deixava a cama, e o cheiro da doença agarrava-se-lhe de dia e de noite, um odor quente, húmido, de uma doçura doentia. Nessa altura viviam em Bravos, na casa grande de porta vermelha. Dany tinha aí o seu próprio quarto, com um limoeiro junto à janela. Depois da morte de Sor Willem, os criados roubaram o pouco dinheiro que lhes restava e em breve foram postos fora da casa grande. Dany chorara quando a porta vermelha se fechara nas suas costas para sempre.

Desde essa altura, tinham andado de um lado para o outro, de Bravos para Myr, de Myr para Tyrosh e daí para Qohor, Volantis e Lys, sem nunca ficarem muito tempo no mesmo lugar. O irmão não o permitia. Insistia que os traidores contratados pelo Usurpador vinham atrás deles, perto, embora Dany nunca tivesse visto nenhum.

A princípio, os magísteres, arcontes e príncipes mercadores tinham-se sentido felizes por dar as boas-vindas aos últimos Targaryen às suas casas e mesas, mas à medida que os anos foram passando e o Usurpador

continuou sentado no Trono de Ferro, as portas foram-se fechando e as suas vidas tornaram-se mais pobres. Anos antes, tinham-se visto forçados a vender os últimos tesouros, e agora até o dinheiro que tinham obtido pela coroa da Mãe desaparecera. Nas vielas e tabernas de Pentos, chamavam ao seu irmão “rei pedinte”. Dany não queria saber o que lhe chamavam a si.

— Um dia teremos tudo de volta, minha doce irmã — prometia-lhe Viserys. Às vezes as mãos tremiam-lhe quando falava daquilo. — As jóias e as sedas, Pedra do Dragão e Porto Real, o Trono de Ferro e os Sete Reinos, tudo o que nos roubaram, teremos tudo de volta. — Ele vivia para esse dia. Tudo o que Daenerys queria de volta era a grande casa da porta vermelha com o limoeiro em frente da janela do seu quarto, a infância que nunca conhecera.

Ouviu-se um suave toque na porta.

— Entre — disse Dany, virando as costas à janela. As criadas de Illyrio entraram com vênias e começaram a tratar das suas tarefas. Eram escravas, um presente de um dos muitos amigos dothraki do magíster. A escravatura não existia na cidade livre de Pentos. E, no entanto, elas eram escravas. A mulher mais velha, pequena e cinzenta como um rato, nunca dizia uma palavra, mas a repariga compensava. Era a favorita de Illyrio, uma jovem de dezasseis anos com cabelo claro e olhos azuis que tagarelava sem cessar enquanto trabalhava.

Encheram-lhe a banheira com água quente trazida da cozinha e perfumaram-na com óleos odoríferos. A repariga puxou a túnica de algodão grosseiro pela cabeça de Dany e ajudou-a a entrar na banheira. A água es-caldava, mas Daenerys não hesitou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a sentir-se limpa. Além disso, o irmão dissera-lhe com frequência que nunca nada estava quente de mais para um Targaryen. “A nossa é a Casa do dra-gão”, dizia. “O fogo está-nos no sangue.”

A mulher mais velha lavou o seu longo cabelo esbranquiçado, e re-moveu suavemente os nós com uma escova, sempre em silêncio. A repariga esfregou-lhe as costas e os pés e disse-lhe como tinha sorte.

— Drogo é tão rico que até os seus escravos usam colares de ouro. O seu *khalasar* tem cem mil cavaleiros, e o seu palácio em Vaes Dothrak tem duzentos quartos e portas de prata sólida. — E houve mais do mesmo género, muito mais, como o *khal* era um homem bonito, como era alto e feroz, destemido em batalha, o melhor cavaleiro que alguma vez montara um cavalo, um arqueiro demoníaco. Daenerys nada disse. Sempre assu-mira que se casaria com Viserys quando chegasse à idade adulta. Durante séculos, os Targaryen tinham-se casado irmão com irmã, desde que Aegon o Conquistador tomara as irmãs como noivas. Viserys dissera-lhe mil vezes que a pureza da linhagem devia ser mantida, que o sangue real era deles, o

sangue dourado da antiga Valéria, o sangue do dragão. Os dragões não aca-salavam com os animais dos campos, e os Targaryen não misturavam o seu sangue com o de homens menores. E, no entanto, agora Valerys conspirava para a vender a um estranho, a um bárbaro.

Quando ficou limpa, as escravas ajudaram-na a sair da água e seca-ram-na com toalhas. A rapariga escovou-lhe o cabelo até o pôr a brilhar como prata derretida, enquanto a mulher mais velha a untava com o per- fume de flores de especiarias das planícies dothrakianas, um salpico em cada pulso, atrás das orelhas, na ponta dos seios, e um último, fresco nos lábios, em baixo entre as pernas. Vestiram-lhe a roupa de baixo que o Magíster Illyrio lhe enviara e depois o vestido, de seda, com um profundo tom de ameixa para realçar o violeta dos seus olhos. A rapariga enfiou-lhe as san- dálias douradas nos pés enquanto a mulher mais velha lhe fixava a tiara no cabelo e fazia deslizar pulseiras douradas incrustadas de ametistas para os seus pulsos. O último adorno foi o colar, um pesado cordão de ouro torcido ornado com antigos glifos valirianos.

— Agora sim, pareceis uma princesa — disse a rapariga, sem fôlego, quando terminaram. Dany olhou de relance para a sua imagem no espe- lho prateado que Illyrio tão providentemente lhe fornecera. Uma princesa, pensou, mas lembrou-se do que a rapariga dissera, de como Khal Drogo era tão rico que até os seus escravos usavam colares de ouro. Sentiu um súbito arrepio, e a pele de galinha eriçou-se nos seus braços nus.

O irmão esperava-a na frescura do átrio, sentado na margem da fon- te, a arrastar a mão pela água. Pôs-se em pé quando ela surgiu e observou-a com olhos críticos.

— Põe-te aqui — disse. — Vira-te. Sim. Ótimo. Tens um ar...

— Real — disse o Magíster Illyrio, entrando por uma arcada. Movia- -se com uma delicadeza surpreendente num homem tão corpulento. Sob vestimentas soltas de seda cor de fogo, rolos de gordura oscilavam enquanto ele caminhava. Pedras preciosas cintilavam em todos os dedos e o seu cria- do oleara-lhe a barba amarela bifurcada até brilhar como ouro verdadeiro. — Que o Senhor da Luz vos banhe em bênçãos neste tão afortunado dia, Princesa Daenerys — disse o magíster quando lhe tomou a mão. Inclinou a cabeça, mostrando um fino relance de dentes amarelos e tortos através do dourado da barba. — Ela é uma visão, Vossa Graça, uma visão — disse, dirigindo-se a Valerys. — Drogo ficará arrebatado.

— É magra de mais — disse Viserys. O seu cabelo, do mesmo tom louro prateado do dela, tinha sido puxado para trás e bem atado com um pregador de osso de dragão. Era um visual severo que dava ênfase às linhas duras e magras do seu rosto. Pousou a mão no punho da es- pada que Illyrio lhe emprestara e disse: — Tendes a certeza de que Khal

Drogo gosta das suas mulheres assim tão novas?

— Ela já teve o seu sangue. Tem idade suficiente para o *khal* — respondeu Illyrio, e já não era a primeira vez que o dizia. — Olhai para ela. Aquele cabelo louro prateado, aqueles olhos púrpura... ela é do sangue da antiga Valéria, sem dúvida, sem dúvida... e bem nascida, filha do antigo rei, irmã do novo, não é possível que não arrebate o nosso Drogo. — Quando Illyrio lhe largou a mão, Daenerys deu por si a tremer.

— Suponho que sim — disse o irmão em tom duvidoso. — Os selvagens têm gostos estranhos. Rapazes, cavalos, ovelhas...

— É melhor não sugerir isso a Khal Drogo — disse Illyrio.

A ira flamejou nos olhos lilás de Valerys.

— Tomais-me por um tolo?

O magíster fez uma ligeira vénia.

— Tomo-vos por um rei. Aos reis falta a cautela dos homens vulgares. As minhas desculpas se vos ofendi. — Virou-se e bateu palmas para chamar os carregadores.

As ruas de Pentos estavam escuras como breu quando saíram no palanquim elaboradamente esculpido de Illyrio. Dois criados iam à frente para lhes alumiar o caminho, transportando ornamentadas lanternas a óleo com vidraças de um vidro azul claro, e uma dúzia de homens fortes levavam os paus aos ombros. O espaço lá dentro, por trás das cortinas, era quente e apertado. Dany conseguia sentir o fedor da carne pálida de Illyrio sob os seus pesados perfumes.

O irmão, escarrapachado em almofadas a seu lado, nada notava. A sua mente estava longe, do outro lado do mar estreito.

— Não necessitaremos de todo o seu *khalasar* — disse Viserys. Os seus dedos brincavam no punho da lâmina emprestada, embora Dany soubesse que ele nunca usara uma espada a sério. — Dez mil serão suficientes, posso varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothraki. O domínio erguer-se-á em nome do seu rei de direito. Tyrell, Redwyne, Darry, Greyjoy não sentem mais amor pelo Usurpador do que eu. Os homens de Dorne ardem pela possibilidade de vingar Elia e os seus filhos. E as pessoas simples estarão connosco. Elas choram pelo seu rei. — Olhou ansioso para Illyrio. — Choram, não é verdade?

— São o vosso povo, e amam-vos bastante — disse amavelmente o Magíster Illyrio. — Em povoados por todo o território, os homens fazem brindes secretos à vossa saúde enquanto as mulheres cosem estandartes do dragão e escondem-nos até ao dia do vosso regresso do outro lado das águas. — Encolheu os maciços ombros. — Ou pelo menos é o que me dizem os meus agentes.

Dany não tinha agentes, nenhuma maneira de saber o que alguém

estaria a fazer ou a pensar do outro lado do mar estreito, mas desconfiava das palavras doces de Illyrio do mesmo modo que desconfiava de tudo o que dizia respeito ao homem. Mas o irmão acenava com ardor.

— Matarei eu próprio o Usurpador — prometeu, ele que nunca matara ninguém —, tal como ele matou o meu irmão Rhaegar. E também Lannister, o Regicida, pelo que fez ao meu pai.

— Isso será muito adequado — disse o Magíster Illyrio. Dany viu a minúscula sugestão de sorriso que brincava nos lábios cheios do homem, mas o irmão não reparou em nada. Acenando, ele afastou uma cortina e perdeu o olhar na noite, e Dany soube que estava a lutar de novo a Batalha do Tridente.

A mansão de nove torres de Khal Drogo erguia-se junto às águas da baía, com hera de tons claros a cobrir os seus grandes muros de tijolo. Tinha sido oferecida ao *khal* pelos magísteres de Pentos, disse-lhes Illyrio. As Cidades Livres eram sempre generosas com os senhores dos cavalos.

— Não é que tenhamos esses bárbaros — explicava Illyrio com um sorriso. — O Senhor da Luz poderia defender as nossas muralhas contra um milhão de dothraki, ou pelo menos é isso que prometem os sacerdotes vermelhos... mas para quê correr riscos quando a sua amizade sai tão barata?

O palanquim em que seguiam foi parado ao portão e as cortinas puxadas rudemente para trás por um dos guardas da casa. Possuía a pele acobreada e os olhos escuros e amendoados de um dothraki, mas tinha o rosto livre de pêlos e usava o capacete guarnecido de espigões dos Imaculados. Avaliou-os friamente. O Magíster Illyrio rosnou-lhe qualquer coisa no rude idioma dothraki; o guarda respondeu-lhe no mesmo tom e deu-lhes passagem com um gesto através dos portões.

Dany reparou que a mão do irmão estava cerrada com força no punho da sua espada emprestada. Parecia quase tão assustado como ela se sentia.

— Eunuco insolente — murmurou Viserys enquanto o palanquim subia aos balanços até à mansão.

As palavras do Magíster Illyrio eram mel.

— Esta noite estarão muitos homens importantes no banquete. Homens assim têm inimigos. O *khal* deve proteger os seus convidados, vós acima de todos, Vossa Graça. Não há dúvidas de que o Usurpador pagaria bem pela vossa cabeça.

— Oh, sim — disse sombriamente Viserys. — Ele tentou, Illyrio, assurguro-vos disso. Os seus traidores contratados seguem-nos para todo o lado. Sou o último dragão, e ele não dormirá descansado enquanto eu viver.

O palanquim abrandou e parou. As cortinas foram puxadas e um

escravo ofereceu uma mão para ajudar Daenerys a sair. O seu colar, reparou ela, era de bronze comum. O irmão seguiu-a, com uma das mãos ainda cerrada com força no punho da espada. Foram precisos dois homens fortes para pôr de novo o Magíster Illyrio de pé.

Dentro da mansão, o ar estava pesado com o cheiro de especiarias, noz de fogo, limão doce e canela. Foram levados através do átrio, onde um mosaico de vidro colorido retratava a Destruição de Valíria. Óleo ardia em lanternas negras de ferro dispostas ao longo das paredes. Sob uma arcada composta por folhas de pedra interligadas, um eunuco cantou a sua chegada:

— Viserys da Casa Targaryen, o Terceiro de seu Nome — gritou numa voz doce e aguda —, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Rei dos Sete Reinos e Protector do Território. Sua irmã, Daenerys, Filha da Tormenta, princesa de Pedra do Dragão. O seu honorável anfitrião, Illyrio Mopatis, Magíster da Cidade Livre de Pentos.

Passaram pelo eunuco e entraram num pátio orlado de pilares cobertos de hera clara. O luar pintava as folhas em tons de osso e prata enquanto os convidados vagueavam por entre elas. Muitos eram senhores dos cavalos dothraki, grandes homens de pele vermelha acastanhada, com os bigodes pendentes presos por anéis de metal, e o cabelo negro oleado, entrançado e atado a campainhas. Mas por entre eles moviam-se sicários e mercenários de Pentos, Myr e Tyrosh, um sacerdote vermelho ainda mais gordo do que Illyrio, homens peludos vindos do Porto de Ibben, e senhores das Ilhas do Verão com a pele negra como ébano. Daenerys olhou-os a todos maravilhada... e compreendeu, com um súbito sobressalto de medo, que era a única mulher ali presente.

Illyrio sussurrou-lhes:

— Aqueles três são os companheiros de sangue de Drogo, ali — disse. — Junto ao pilar está Khal Moro com o filho Rhogoro. O homem de barba verde é irmão do Arconte de Tyrosh, e o homem que está atrás dele é Sor Jorah Mormont.

O último nome capturou a atenção de Daenerys.

— Um cavaleiro?

— Nem mais, nem menos. — Illyrio fez um sorriso sob a barba. — Ungido com os sete óleos pelo próprio Alto Septão.

— Que faz ele aqui? — disse ela.

— O Usurpador quis vê-lo morto — disse-lhes Illyrio. — Uma afrontinha qualquer. Vendeu alguns caçadores furtivos a um negociante de escravos de Tyrosh em vez de os entregar à Patrulha da Noite. Uma lei absurda. Um homem deve ser autorizado a fazer o que bem entenda com os seus bens.

— Quererei falar com Sor Jorah antes do fim da noite — disse Viserys. Dany deu por si a olhar com curiosidade o cavaleiro. Era um homem velho, com mais de quarenta anos e a perder o cabelo, mas mantinha-se forte e em forma. Em vez de sedas e algodão, trajava de lã e de couro. A sua túnica era verde escura, bordada com a imagem de um urso negro em pé sobre duas patas.

Ainda observava aquele estranho homem vindo da pátria que nunca conhecera quando o Magíster Illyrio colocou uma mão húmida no seu ombro nu.

— Ali, doce princesa — sussurrou — está o próprio *khal*.

Dany quis fugir e esconder-se, mas o irmão estava a observá-la e sabia que se lhe desagradasse, acordaria o dragão. Ansiosa, virou-se e olhou o homem que Viserys esperava que pedisse para desposá-la antes de a noite acabar.

A jovem escrava não se enganara muito, pensou. Khal Drogo era uma cabeça mais alto do que o mais alto dos presentes na sala, mas de certo modo leve de pés, tão gracioso como a pantera que havia na colecção de Illyrio. Era mais novo do que ela pensara, não teria mais de trinta anos. A sua pele era da cor de cobre polido, e o seu espesso bigode estava preso com anéis de ouro e bronze.

— Devo ir fazer as minhas apresentações — disse o Magíster Illyrio. — Esperai aqui. Trá-lo-ei até vós.

O irmão tomou-lhe o braço quando Illyrio se dirigiu, bamboleante, até junto do *khal*, e os seus dedos apertaram-na com tanta força que a magoaram.

— Vês a sua trança, querida irmã?

A trança de Drogo era negra como a meia-noite, pesada de óleo perfumado e repleta de minúsculas campainhas que tinham suavemente quando ele se movia. Chegava-lhe bem abaixo do cinto, até mesmo abaixo das nádegas; a ponta roçava-lhe na parte de trás das coxas.

— Vês como é longa? — disse Viserys. — Quando os dothraki são derrotados em combate, cortam as tranças em desgraça para que o mundo saiba da sua vergonha. Khal Drogo nunca perdeu um combate. É Aegon, o Senhor do Dragão, regressado, e tu serás a sua rainha.

Dany olhou Khal Drogo. O seu rosto era duro e cruel, os seus olhos tão frios e escuros como ónix. O irmão magoava-a por vezes, quando acordava o dragão, mas não a assustava como aquele homem o fazia.

— Não quero ser sua rainha — ouviu a sua voz dizer num tom fraco e agudo. — Por favor, *por favor*, Viserys, não quero. Quero ir para casa.

— *Para casa?* — Ele manteve a voz baixa, mas ela conseguia ouvir a fúria na entoação. — Como havemos de ir para casa, minha doce irmã?

Eles roubaram-nos a casa! — Levou-a para as sombras, para fora de vista, com os dedos a enterrar-se na sua pele. — *Como havemos de ir para casa?* — repetiu, referindo-se a Porto Real, e a Pedra do Dragão e a todo o território que tinham perdido.

Dany quisera apenas falar dos seus quartos na propriedade de Illyrio, que certamente não seria uma casa verdadeira mas era tudo o que possuíam, mas o irmão não quisera ouvir isso. Ali não havia para ele uma casa. Mesmo a casa grande com a porta vermelha não fora uma casa para ele. Os seus dedos enterravam-se com força no braço dela, exigindo uma resposta.

— Não sei... — disse por fim, com a voz a perder firmeza. Lágrimas jorraram-lhe dos olhos.

— Mas eu sei — disse ele com voz cortante. — Vamos para casa com um exército, minha doce irmã. Com o exército de Khal Drogo, eis como vamos para casa. E se para isso tiveres de casar-te com ele e com ele dormir, fá-lo-ás. — Sorriu-lhe. — Deixaria que todo o seu *khalasar* te fodesse se fosse preciso, minha doce irmã, todos os quarenta mil homens e também os seus cavalos, se isso fosse necessário para obter o meu exército. Fica grata que seja só o Drogo. Com o tempo, podes até aprender a gostar dele. Agora seca os olhos. Illyrio está a trazê-lo para cá, e ele *não vai* ver-te chorar.

Dany virou-se e viu que era verdade. O Magíster Illyrio, todo sorrisos e vénias, escoltava Khal Drogo em direcção ao sítio onde eles se encontravam. Afastou com as costas da mão as lágrimas que não tinham saído dos seus olhos.

— Sorri — murmurou Viserys nervosamente, com a mão a cair sobre o punho da espada. — E põe-te direita. Deixa que ele veja que tens seios. Bem sabem os deuses que os tens bem pequenos.

Daenerys sorriu e pôs-se direita.

Os visitantes jorraram pelos portões do castelo num rio de ouro e prata e aço polido, trezentos homens, um esplendor de vassalos e cavaleiros, soldados ajuramentados e cavaleiros livres. Sobre as suas cabeças, uma dúzia de estandartes dourados abanavam de um lado para o outro ao sabor do vento do norte, adornados com o veado coroadado de Baratheon.

Ned conhecia muitos dos cavaleiros. Ali vinha Sor Jaime Lannister com o cabelo tão brilhante como ouro batido, e ali estava Sandor Clegane com a sua cara terrivelmente queimada. O rapaz alto a seu lado só podia ser o príncipe herdeiro, e aquele homenzinho atrofiado ao lado deste era certamente o Duende, Tyrion Lannister.

Mas o homem enorme que vinha à cabeça da coluna, flanqueado por dois cavaleiros que usavam os mantos brancos como a neve da Guarda Real, pareceu a Ned quase um estranho... até saltar de cima do seu cavalo de guerra com um rugido familiar e o esmagar num abraço de partir ossos.

— *Ned!* Ah, como é bom ver essa tua cara congelada. — O rei observou-o de cima a baixo e soltou uma gargalhada. — Não mudaste nem um bocadinho.

Ned gostaria de poder dizer o mesmo. Quinze anos antes, quando tinham cavalgado juntos para conquistar um trono, o Senhor de Ponta Tempestade era um homem sem barba, de olhos claros e musculoso como uma fantasia de donzela. Quase com dois metros de altura, erguia-se acima dos outros homens e, quando punha a armadura e o grande capacete provido de hastes da sua Casa, transformava-se num autêntico gigante. Também tinha a força de um gigante, e a sua arma predilecta era um martelo de batalha com espigão que Ned quase não conseguia erguer do chão. Nesses tempos, o cheiro do couro e do sangue aderiu à sua pele como perfume.

Agora era perfume que aderiu à sua pele como perfume, e possuía uma largura que se equiparava à altura. Ned tinha visto o rei pela última vez nove anos antes durante a rebelião de Balon Greyjoy, quando o veado e o lobo gigante se tinham juntado para acabar com as pretensões do autoproclamado Rei das Ilhas de Ferro. Desde a noite em que estiveram lado a lado no quartel-general caído de Greyjoy, quando Robert aceitara a rendição do senhor rebelde e Ned tomara o seu filho Theon como refém e protegido, o rei ganhara pelo menos cinquenta quilos. Uma barba tão grosseira e negra como fio de ferro cobria-lhe a face para lhe esconder o duplo queixo e o

descaimento das reais bochechas, mas nada conseguia esconder-lhe o estô-mago ou os círculos escuros sob os olhos.

Mas Robert era agora o rei de Ned, e não apenas um amigo, e portanto ele limitou-se a dizer:

— Vossa Graça. Winterfell é vossa.

Por essa altura já os outros estavam também a desmontar, e avançavam moços de estrebaria para lhes recolher as montadas. A rainha de Robert, Cersei Lannister, entrou a pé com os seus filhos mais novos. A caravana em que tinham vindo, uma enorme carruagem de dois pisos feita de carvalho untado e metal dourado puxada por quarenta cavalos de tracção pesada, era larga de mais para passar pelo portão do castelo. Ned ajoelhou-se na neve a fim de beijar o anel da rainha, enquanto Robert abraçava Catelyn como a uma irmã há muito perdida. Então as crianças foram trazidas, apresentadas e aprovadas por ambas as partes.

Assim que aquelas formalidades de saudação se completaram, o rei disse ao anfitrião.

— Leva-me à tua cripta, Eddard. Quero apresentar os meus respetos.

Ned adorou-o por isso, por se lembrar ainda dela, depois de tantos anos. Gritou por uma lanterna. Não foram necessárias mais palavras. A rainha começara a protestar. Que tinham viajado desde a madrugada, que estavam todos cansados e com frio, que decerto se deviam refrescar primeiro. Que os mortos podiam esperar. Não disse mais do que isso; Robert olhou-a, o seu irmão gémeo Jaime pegou-lhe calmamente no braço e ela nada mais disse.

Desceram juntos para a cripta, Ned e o seu rei que quase não reconhecia. Os degraus de pedra em espiral eram estreitos. Ned seguiu à frente com a lanterna.

— Já começava a pensar que nunca mais chegaríamos a Winterfell — queixou-se Robert enquanto desciam. — No Sul, com a maneira como falam dos meus Sete Reinos, um homem esquece-se de que a tua parte é tão grande como as outras seis juntas.

— Confio que tendes apreciado a viagem, Vossa Graça?

Robert resfolegou.

— Lodaçais, florestas e campos, e quase sem uma estalagem decente a norte do Gargalo. Nunca vi um vazio tão vasto. Onde estão todas as tuas *gentes*?

— Provavelmente estavam demasiado acanhadas para sair — brincou Ned. Sentia o frio que subia as escadas, a respiração gelada vinda das profundezas da terra. — Os reis são uma visão rara no Norte.

Robert resfolegou.

— O mais certo é que estivessem escondidos debaixo da neve. *Neve*, Ned! — O rei pôs uma mão na parede para se manter firme enquanto descia.

— As neves do fim do Verão são bastante comuns — disse Ned. — Espero que não vos tenham causado problemas. São geralmente suaves.

— Que os Outros carreguem as tuas neves suaves — praguejou Robert. — Como será este lugar no Inverno? Estremeço só de pensar nisso.

— Os invernos são duros — admitiu Ned. — Mas os Stark suportá-los-ão. Sempre o fizemos.

— Tens de vir até ao Sul — disse Robert. — Precisas de experimentar o verão antes que ele fuja. Em Jardim de Cima há campos de rosas douradas que se estendem até perder de vista. Os frutos estão tão maduros que te explodem na boca: melões, pêssegos, ameixas de fogo, nunca saboreaste tamanha doçura. Verás, trouxe-te algumas. Mesmo em Ponta Tempestade, com aquele bom vento da baía, os dias são tão quentes que quase não nos conseguimos mexer. E havias de ver as vilas, Ned! Flores por toda a parte, os mercados a rebentar de comida, os vinhos estivais tão bons e baratos que podemos embebedar-nos só de respirar o ar. Toda a gente é gorda, bêbeda e rica. — Soltou uma gargalhada e deu uma palmada no amplo estômago. — E as *raparigas*, Ned! — exclamou com os olhos a faiscar. — Juro, as mulheres perdem toda a modéstia ao calor. Nadam nuas no rio, mesmo por baixo do castelo. Até nas ruas está calor de mais para a lã ou as peles, e elas andam por aí com aqueles vestidos curtos de seda se tiverem prata ou algodão se não tiverem, mas é tudo igual quando começam a suar e o tecido lhes adere à pele, é como se andassem nuas. — O rei riu, feliz.

Robert Baratheon sempre fora um homem de enormes apetites, um homem que sabia como conquistar os seus prazeres. Essa não era uma acusação que alguém pudesse deixar à porta de Eddard Stark. No entanto, Ned não podia evitar aperceber-se de que esses prazeres estavam a cobrar o seu preço ao rei. Robert respirava pesadamente quando chegaram ao fundo das escadas, com a cara vermelha à luz da lanterna quando penetraram na escuridão da cripta.

— Vossa Graça — disse Ned respeitosamente. Moveu a lanterna num largo semicírculo. As sombras moveram-se e balançaram. A vacilante luz tocou as pedras do chão e roçou-se numa longa procissão de pilares de granito que marchavam em frente deles, dois a dois, na direcção das trevas. Entre os pilares sentavam-se os mortos nos seus tronos de pedra apoiados nas paredes, de costas voltadas para os sepulcros que continham os seus restos mortais. — Ela está lá ao fundo, com o Pai e Brandon.

Indicou o caminho por entre os pilares e Robert seguiu-o sem uma

palavra, estremeçando com o frio subterrâneo. Ali fazia sempre frio. Os seus passos soavam nas pedras e ecoavam na abóbada que se erguia sobre as suas cabeças enquanto caminhavam por entre os mortos da Casa Stark. Os Senhores de Winterfell viam-nos passar. As suas imagens tinham sido esculpidas nas pedras que selavam as tumbas. Sentavam-se em longas filas, olhos cegos virados para a escuridão eterna, enquanto grandes lobos gigantes de pedra se aninhavam junto aos seus pés. As sombras móveis faziam com que as figuras de pedra parecessem mover-se quando os vivos passavam por elas.

Seguindo um costume antigo, uma espada de ferro tinha sido colocada sobre o regaço de todos os que tinham sido Senhores de Winterfell, a fim de manter os espíritos vingativos nas suas criptas. A mais antiga já tinha há muito enferrujado até à inexistência, deixando apenas algumas manchas vermelhas onde o metal tocara na pedra. Ned perguntou a si próprio se isso significava que aqueles espíritos estavam agora livres para passear pelo castelo. Esperava que não. Os primeiros Senhores de Winterfell tinham sido homens tão duros como a terra que governavam. Nos séculos anteriores à vinda dos Senhores do Dragão do outro lado do mar, não tinham jurado fidelidade a ninguém, fazendo tratar-se por Reis do Norte.

Ned parou, finalmente, e ergueu a lanterna de óleo. A cripta continuava à sua frente, mergulhando na escuridão, mas para lá daquele ponto, as tumbas estavam vazias e por selar; buracos negros à espera dos seus mortos, à espera dele e dos seus filhos. Ned não gostava de pensar naquilo.

— Aqui — disse ao seu rei.

Robert acenou em silêncio, ajoelhou-se e inclinou a cabeça.

Havia três tumbas, dispostas lado a lado. Lorde Rickard Stark, o pai de Ned, tinha um rosto longo e austero. O pedreiro conhecera-o bem. Estava sentado com uma calma dignidade, com os dedos de pedra agarrados com força à espada que tinha no regaço, mas em vida todas as espadas lhe tinham falhado. Em dois sepulcros mais pequenos, de ambos os lados, estavam os seus filhos.

Brandon morrera com vinte anos, estrangulado por ordem do Rei Louco Aerys Targaryen, poucos dias apenas antes de se casar com Catelyn Tully de Correrrio. O pai fora obrigado a vê-lo morrer. Era ele o verdadeiro herdeiro, o mais velho, nascido para governar.

Lyanna tinha apenas dezasseis anos, uma menina-mulher de inigualável encanto. Ned amara-a de todo o coração. Robert amara-a ainda mais. Ela estava destinada a ser sua noiva.

— Era mais bela do que isto — disse o rei após um silêncio. Os seus olhos demoravam-se no rosto de Lyanna, como se pudesse trazê-la de volta à vida por um esforço de vontade. Por fim, ergueu-se, com o peso a tor-

ná-lo desajeitado. — Ah, maldição, Ned, tinhas de enterrá-la num lugar como *este*? — A sua voz estava enrouquecida com a lembrança do desgosto. — Ela merecia mais do que trevas...

— Ela era uma Stark de Winterfell — disse Ned calmamente. — Este é o seu lugar.

— Podia estar algures numa colina, sob uma árvore de fruto, com o Sol e nuvens acima dela e a chuva para lavá-la.

— Eu estava com ela quando morreu — lembrou Ned ao rei. — Queria regressar a casa para descansar ao lado de Brandon e do Pai. — Por vezes ainda conseguia ouvi-la. *Promete-me*, suplicara, num quarto que cheirava a sangue e a rosas. *Promete-me, Ned*. A febre levava-lhe as forças e a voz era ténue como um suspiro, mas quando ele lhe dera a sua palavra, o medo saíra dos olhos da irmã. Ned recordava o modo como ela então sorrira, a força com que os seus dedos agarraram os dele quando ela desistira de se agarrar à vida, as pétalas de rosa que se derramaram da sua mão, mortas e negras. Depois daquilo, não se lembrava de mais nada. Tinham-no encontrado ainda abraçado ao seu corpo, silenciado pela dor. O pequeno cranogmano, Howland Reed, retirara a mão dela da dele. Ned nada recordava.

— Trago-lhe flores sempre que posso — disse. — Lyanna era... amiga das flores.

O rei tocou o rosto da estátua, roçando os dedos na pedra áspera tão suavemente como se fosse carne viva.

— Jurei matar Rhaegar pelo que lhe fez.

— E foi o que fizestes — lembrou-lhe Ned.

— Só uma vez — disse Robert amargamente.

Tinham chegado juntos ao vau do Tridente enquanto a batalha rugia em seu redor, Robert com o seu martelo de batalha e o seu grande elmo das hastes de veado e o príncipe Targaryen revestido de uma armadura negra. No peitoral trazia o dragão de três cabeças da sua Casa, todo trabalhado com rubis que relampejavam como fogo à luz do Sol. As águas do Tridente corriam vermelhas sob os cascos dos seus cavalos de batalha, enquanto eles andavam em círculos e entrechocavam as armas, uma e outra vez, até que, por fim, um tremendo golpe do martelo de Robert abriu um rombo no dragão e no peito que estava por baixo. Quando Ned finalmente chegou ao local, Rhaegar jazia morto na corrente, enquanto homens de ambos os exércitos esgravatavam as águas rodopiantes em busca de rubis que se tivessem soltado da sua armadura.

— Nos meus sonhos, mato-o todas as noites — admitiu Robert. — Mil mortes ainda serão menos do que ele merece.

Não havia nada que Ned pudesse responder àquilo. Depois de uma pausa, disse:

— Devemos regressar, Vossa Graça. A vossa esposa está à espera.

— Que os Outros carreguem a minha esposa — murmurou Robert em tom azedo, mas encaminhou-se com passos pesados na direcção de onde tinham vindo. — E se ouvir mais alguma vez “Vossa Graça”, espeto-te a cabeça num espeto. Somos mais do que isso um para o outro.

— Não o esqueci — respondeu Ned calmamente. — Falai-me de Jon.

Robert sacudiu a cabeça.

— Nunca vi um homem adoecer tão depressa. Organizámos um torneio no dia do nome do meu filho. Se tivesses visto Jon nesse dia, terias jurado que viveria para sempre. Uma quinzena depois, estava morto. A doença foi como um incêndio nas suas tripas. Queimou-o todo por dentro. — Fez uma pausa junto a um pilar, em frente à tumba de um Stark há muito morto. — Adorava aquele velho.

— Ambos o adorávamos. — Ned fez uma pausa momentânea. — Catelyn teme pela irmã. Como está a Lysa a suportar a dor?

A boca de Robert fez um trejeito amargo.

— Não muito bem, na verdade — admitiu. — Penso que a perda de Jon levou a mulher à loucura, Ned. Levou o rapaz de volta para o Ninho de Águia. Contra os meus desejos. Tinha planeado criá-lo com Tywin Lannister em Rochedo Casterly. Jon não tinha irmãos nem outros filhos. Deveria eu deixá-lo ser educado por mulheres?

Ned mais depressa confiaria uma criança a uma víbora do que ao Lorde Tywin, mas guardou para si essa opinião. Algumas velhas feridas nunca chegavam a sarar de verdade e voltavam a sangrar à primeira palavra.

— A mulher perdeu o marido — disse cuidadosamente. — Talvez a mãe tema perder o filho. O rapaz é muito novo.

— Tem seis anos, é enfermiço e Senhor do Ninho de Águia, que os deuses o salvem — praguejou o rei. — O Lorde Tywin nunca antes tinha tomado um protegido. A Lysa devia ter-se sentido honrada. Os Lannister são uma Casa grande e nobre. Ela recusou até ouvir falar do assunto. E depois foi-se embora pela calada da noite, sem sequer um com-licença. Cersei ficou furiosa. — Soltou um profundo suspiro. — O rapaz é meu homónimo, sabias? Robert Arryn. Jurei protegê-lo. Como poderei fazer isso se a mãe o rapta e o leva?

— Tomá-lo-ei como protegido, se o desejardes — disse Ned. — Lysa deverá consentir. Ela e Catelyn eram próximas em raparigas, e ela própria também será aqui bem-vinda.

— Uma oferta generosa, meu amigo — disse o rei — mas chegou tarde de mais. O Lorde Tywin já deu o seu consentimento. Criar o rapaz

noutro sítio seria uma grave afronta.

— Preocupa-me mais o bem-estar do meu sobrinho do que o orgulho de um Lannister — declarou Ned.

— Isso é porque não dormes com uma Lannister. — Robert soltou uma gargalhada, fazendo o som chocalhar por entre as sepulturas e a ressoar no tecto abobadado. — Ah, Ned — disse — continuas sério de mais. — Põe um braço maciço em torno dos ombros de Ned. — Tinha planeado esperar alguns dias antes de falar contigo, mas agora vejo que não há necessidade. Vem, acompanha-me.

Voltaram para trás, por entre os pilares. Olhos cegos de pedra pareciam segui-los quando por eles passavam. O rei manteve o braço em redor dos ombros de Ned.

— Deves estar curioso sobre o motivo que me fez finalmente vir para norte até Winterfell, depois de tanto tempo.

Ned tinha as suas suspeitas, mas não lhes deu voz.

— Pela alegria da minha companhia, certamente — disse, com ligeireza. — E há também a Muralha. Tendes de vê-la, Vossa Graça, tendes de caminhar entre as suas ameias e falar com aqueles que a guardam. A Patrulha da Noite é uma sombra do que já foi. Benjen diz...

— Sem dúvida que ouvirei o que diz o teu irmão muito em breve — disse Robert. — A Muralha está ali há, quê?, oito mil anos? Pode esperar mais alguns dias. Tenho preocupações mais urgentes. Estes são tempos difíceis. Preciso de bons homens em meu redor. Homens como Jon Arryn. Ele serviu como Senhor do Ninho de Águia, como Protector do Leste, como a Mão do Rei. Não será fácil substituí-lo.

— O seu filho... — começou Ned.

— O seu filho herdará o Ninho de Águia e todos os seus rendimentos — disse Robert com brusquidão. — Nada mais.

Aquilo apanhou Ned de surpresa. Parou, surpreendido, e virou-se para olhar o rei. As palavras saíram-lhe espontâneas:

— Os Arryn sempre foram Protectores do Leste. O título vem com o domínio.

— Talvez quando tenha idade a honraria lhe seja restaurada — disse Robert. — Tenho este ano para pensar no assunto e também o seguinte. Um rapaz de seis anos não é um líder de guerra, Ned.

— Em tempo de paz, o título é apenas uma honraria. Deixai que o rapaz o mantenha. Pelo seu pai, se não por ele. Decerto deveis isso a Jon pelos seus serviços.

O rei não estava contente. Tirou o braço dos ombros de Ned.

— Os serviços de Jon constituíram o seu dever para com o seu senhor. Não sou ingrato, Ned. Tu, de todos os homens, devias sabê-lo. Mas

o filho não é o pai. Um mero rapaz não pode defender o Leste. — Então o tom suavizou-se. — Basta disto. Há um cargo mais importante sobre que conversar, e não desejo discutir contigo. — Robert agarrou em Ned pelo cotovelo. — Preciso de ti, Ned.

— Estou às vossas ordens, Vossa Graça. Sempre. — Eram palavras que tinha de pronunciar, e por isso pronunciou-as, apreensivo com o que podia seguir-se-lhes.

Robert quase não pareceu ouvi-lo.

— Aqueles anos que passámos no Ninho de Águia... *deuses*, foram bons anos. Quero-te de novo a meu lado, Ned. Quero-te lá em baixo em Porto Real, e não aqui no fim do mundo onde não tens utilidade para ninguém. — Robert olhou a escuridão, por um momento tão melancólico como um Stark. — Juro-te, estar sentado num trono é mil vezes mais difícil do que conquistar um. As leis são uma coisa entediante e contar tostões é pior. E o povo... não tem fim. Sento-me naquela maldita cadeira de ferro e ouço-os a queixarem-se até ficar com a mente embotada e o rabo em carne viva. Todos querem qualquer coisa, dinheiro, terra ou justiça. As mentiras que contam... e os meus senhores e senhoras não são melhores. Estou rodeado de adutores e idiotas. Aquilo pode levar um homem à loucura, Ned. Metade deles não se atreve a dizer-me a verdade, e a outra metade não é capaz de encontrá-la. Há noites em que desejo que tivéssemos perdido no Tridente. Ah, não, não de verdade, mas...

— Compreendo — disse Ned com voz suave.

Robert olhou-o.

— Penso que compreendes. E se compreendes, és o único, meu velho amigo. — Sorriu. — Lorde Eddard Stark, é meu desejo nomear-vos a Mão do Rei.

Ned caiu sobre um joelho. A oferta não o surpreendera; que outra razão teria Robert para viajar até tão longe? A Mão do Rei era o segundo homem mais poderoso nos Sete Reinos. Falava com a voz do rei, comandava os exércitos do rei, esboçava as leis do rei. Por vezes até se sentava no Trono de Ferro para fazer a justiça do rei, quando o rei se encontrava ausente, ou doente, ou indisposto de outra maneira qualquer. Robert estava a oferecer-lhe uma responsabilidade tão grande como o próprio reino.

Era a última coisa no mundo que desejava.

— Vossa Graça — disse. — Não sou merecedor de tal honra.

Robert grunhiu com uma impaciência bem-humorada.

— Se quisesse honrar-te, deixaria que te reformasses? Planeio fazer-te gerir o reino e lutar as guerras enquanto eu como, bebo e fornico a caminho de uma cova antecipada. — Deu uma palmada no estômago e fez um sorriso. — Conhecês aquele ditado sobre o rei e a sua Mão?

Ned conhecia o ditado.

— Aquilo que o rei sonha — disse — a Mão constrói.

— Uma vez dormi com uma peixeira que me disse que os de baixo nascimento têm uma versão mais refinada. O rei come, dizem eles, e a Mão recolhe a merda. — Atirou a cabeça para trás e rebentou em sonoras gargalhadas. Os ecos ressoaram pela escuridão, e, em seu redor, os mortos de Winterfell pareceram observar com olhos frios e desaprovadores.

Por fim, o riso diminuiu e parou. Ned continuava sobre o joelho, sem aplauso nos olhos.

— Que diabos, Ned — queixou-se o rei. — Podias ao menos brindar-me com um sorriso.

— Dizem que fica tão frio por aqui no inverno que as gargalhadas dos homens lhes congelam nas gargantas e os sufocam até à morte — disse Ned em tom monocórdico. — Talvez seja por isso que os Stark possuem tão pouco humor.

— Vem comigo para sul e ensino-te de novo a rir — prometeu o rei. — Ajudaste-me a ganhar este maldito trono, ajuda-me agora a mantê-lo. Estamos destinados a governar juntos. Se Lyanna tivesse sobrevivido, teríamos sido irmãos, ligados pelo afecto e também pelo sangue. Pois bem, não é tarde de mais. Eu tenho um filho. Tu tens uma filha. O meu Joff e a tua Sansa unirão as nossas Casas, como Lyanna e eu podíamos ter feito em tempos.

Aquela oferta surpreendeu-o.

— Sansa tem apenas onze anos.

Robert fez um gesto impaciente com a mão.

— Tem idade que chegue para ficar prometida. O casamento pode esperar alguns anos. — O rei sorriu. — Agora, põe-te em pé e diz que sim, maldito.

— Nada me daria maior prazer, Vossa Graça — respondeu Ned. Hesitou. — Todas estas honrarias são tão inesperadas. Posso ter algum tempo para reflectir? Preciso contar à minha esposa...

— Sim, sim, claro, conta a Catelyn, dorme sobre o assunto se for preciso. — O rei estendeu a mão, agarrou a de Ned e puxou-o rudemente, pondo-o em pé. — Basta que não me deixes à espera tempo de mais. Não sou o mais paciente dos homens.

Por um momento, Eddard Stark sentiu-se atacado por uma terrível sensação de mau presságio. *Aquele* era o seu lugar, ali no norte. Olhou as figuras de pedra que o rodeavam, inspirou profundamente no silêncio gelado da cripta. Conseguia sentir os olhos dos mortos. Sabia que todos eles escutavam. E o Inverno vinha a caminho.

Havia alturas — não muitas, mas algumas — em que Jon Snow ficava feliz por ser um bastardo. Enquanto enchia uma vez mais a sua taça de vinho de um jarro que ia a passar, deu-se conta que aquela poderia ser uma dessas alturas.

Voltou a instalar-se no seu lugar no banco, entre os escudeiros mais novos, e bebeu. O sabor doce e frutado do vinho estival encheu-lhe a boca e trouxe-lhe um sorriso aos lábios.

O ar no Salão Grande de Winterfell estava nevoento de fumo e pesado com os cheiros a carne assada e a pão acabado de cozer. As grandes paredes de pedra do salão estavam adornadas com estandartes. Branco, dourado, carmesim: o lobo gigante de Stark, o veado coroado de Baratheon, o leão de Lannister. Um cantor tocava harpa e recitava uma balada, mas nesta ponta do salão quase não se conseguia ouvir a sua voz acima do rugir do fogo, do clangor de pratos e taças de peltre, e do burburinho grave de uma centena de conversas ébrias.

Estava-se na quarta hora do banquete de boas-vindas oferecido ao rei. Os irmãos e irmãs de Jon tinham sido postos junto dos filhos do rei, por baixo da plataforma elevada onde o Senhor e a Senhora Stark recebiam o rei e a rainha. Em honra da ocasião, o senhor seu pai iria sem dúvida permitir a cada filho um copo de vinho, mas não mais do que isso. Ali, nos bancos, não havia ninguém para impedir que Jon bebesse tanto quanto a sua sede exigia.

E estava a descobrir que tinha uma sede de homem, para roufenha satisfação dos jovens que o rodeavam, e que o incentivavam de cada vez que esvaziava um copo. Eram boa companhia, e Jon apreciava as histórias que contavam, histórias de batalha, de cama e de caça. Tinha a certeza de que os companheiros eram mais divertidos do que a prole do rei. Saciara a curiosidade acerca dos visitantes quando estes entraram. A procissão não passara a mais de um pé do local que lhe fora atribuído no banco e Jon deitara um forte e demorado olhar a todos eles.

O senhor seu pai viera à frente, acompanhando a rainha. Ela era tão bela como os homens diziam. Uma tiara cravejada de jóias brilhava entre o seu longo cabelo dourado, e as esmeraldas que continha combinavam perfeitamente com o verde dos seus olhos. O pai de Jon ajudou-a a subir os degraus que levavam ao estrado e indicou-lhe o caminho até ao seu lugar,

mas a rainha nunca chegou sequer a olhar para ele. Mesmo com catorze anos, Jon era capaz de ver para lá do seu sorriso.

A seguir viera o próprio Rei Robert, trazendo a Senhora Stark pelo braço. O rei foi uma grande decepção para Jon. O pai falara dele com frequência: o inigualável Robert Baratheon, demônio do Tridente, o mais feroz guerreiro do reino, um gigante entre os príncipes. Jon viu apenas um homem gordo, com o rosto vermelho sob a barba, a transpirar através das suas sedas. Caminhava como um homem meio embriagado.

Depois vieram os filhos. Primeiro o pequeno Rickon, dominando a longa caminhada com toda a dignidade que um rapazinho de três anos era capaz de reunir. Jon teve de incentivá-lo a seguir quando parou junto a si. Logo atrás veio Robb, vestido de lã cinzenta ornamentada de branco, as cores dos Stark. Trazia pelo braço a Princesa Myrcella. Era um pivete de rapariga, quase com oito anos, o cabelo feito uma cascata de caracóis dourados sob uma rede cravejada de jóias. Jon reparou nos olhares acanhados que deitava a Robb enquanto passavam por entre as mesas e o modo tímido como lhe sorria. Decidiu que a rapariga era insípida. Robb nem tinha o bom senso de notar quão estúpida ela era; sorria como um tolo.

As suas meias-irmãs acompanhavam os príncipes reais. Arya tinha como par o roliço jovem Tommen, cujo cabelo louro esbranquiçado era mais longo que o dela. Sansa, dois anos mais velha, puxava o príncipe real, Joffrey Baratheon. Ele tinha doze anos, menos que Jon ou Robb, mas era mais alto do que qualquer um deles, para grande consternação de Jon. O Príncipe Joffrey tinha o cabelo da irmã e os profundos olhos verdes da mãe. Uma espessa mata de caracóis louros caía para lá da sua gargantilha dourada e alta gola de veludo. Sansa parecia radiante enquanto caminhava a seu lado, mas Jon não gostou dos lábios mal-humorados de Joffrey nem do modo aborrecido e desdenhoso com que avaliou o Salão Grande de Winterfell.

Interessou-lhe mais o par que veio a seguir: os irmãos da rainha, os Lannister de Rochedo Casterly. O Leão e o Duende; não havia forma de confundir-los. Sor Jaime Lannister era gémeo da Rainha Cersei; alto e dourado, com flamejantes olhos verdes e um sorriso que cortava como uma faca. Trajava de seda carmesim, botas negras de cano alto, um manto de cetim negro. No peito da túnica, o leão da sua Casa estava bordado em fio de ouro, rugindo em desafio. Chamavam-lhe Leão de Lannister na sua presença e segredavam “Regicida” nas suas costas.

Jon sentiu dificuldade em desviar o olhar do homem. *É este o aspecto que um rei deve ter*, pensou para si próprio quando o príncipe passou por ele.

Então viu o outro, bamboleando ao lado do irmão, meio escondido

pelo seu corpo. Tyrion Lannister, o mais novo dos filhos de Lorde Tywin e de longe o mais feio. Tudo o que os deuses tinham dado a Cersei e Jaime, tinham negado a Tyrion. Era um anão, com metade da altura do irmão, lutando para lhe acompanhar o passo sobre pernas atrofiadas. A sua cabeça era grande de mais para o corpo, com uma cara animalesca esborrachada por baixo de uma arcada supraciliar projectada. Um olho verde e um negro espreitavam sob uma cascata de cabelo corredio e tão louro que parecia branco. Jon observou-o fascinado.

O último dos grandes senhores a entrar foi o seu tio, Benjen Stark, da Patrulha da Noite, e o protegido do pai, o jovem Theon Greyjoy. Benjen dirigiu a Jon um sorriso caloroso quando passou por ele. Theon ignorou-o por completo, mas nisso nada havia de novo. Depois de todos se terem sentado, foram feitos brindes, dados e devolvidos agradecimentos, e então deu-se início ao festim.

Jon começara a beber nesse momento e ainda não parara.

Algo se roçou na sua perna sob a mesa. Jon viu olhos vermelhos virados para si.

— Outra vez com fome? — perguntou. Ainda havia meia galinha com mel no centro da mesa. Jon esticou o braço para arrancar uma perna e depois teve uma ideia melhor. Espetou uma faca na ave inteira e deixou-a escorregar para o chão por entre as pernas. O Fantasma atacou-a em silêncio selvagem. Não tinham permitido aos irmãos e irmãs que trouxessem os seus lobos para o banquete, mas naquela ponta do salão havia mais rafeiros do que os que Jon conseguia contar e ninguém dissera uma palavra sobre o seu cachorro. Disse a si próprio que também nisso era afortunado.

Tinha os olhos a arder. Jon esfregou-os furiosamente, amaldiçoando o fumo. Engoliu outro trago de vinho e observou o seu lobo gigante a devorar a galinha.

Cães moviam-se por entre as mesas, perseguindo as criadas. Um deles, uma cadela preta arraçada com longos olhos amarelos, detectou o cheiro da galinha. Parou e meteu-se por baixo do banco para obter uma parte. Jon observou o confronto. A cadela soltou uma rosnadela profunda e aproximou-se. Fantasma ergueu os seus olhos quentes e rubros, em silêncio, e fixou-os no cão. A cadela soltou um desafio irado. Tinha três vezes o tamanho do cachorro. Fantasma não se afastou. Ergueu-se sobre a sua presa e abriu a boca, mostrando as presas. A cadela ficou tensa, ladrou uma vez mais, e depois pensou melhor a respeito da luta. Virou-se e escapuliu-se, com um último latido desafiador para salvar o orgulho. Fantasma voltou a prestar atenção à refeição.

Jon sorriu e esticou o braço para lhe desordenar o hirsuto pêlo bran-

co. O lobo gigante olhou-o, deu-lhe uma dentadinha gentil na mão e pôs-se de novo a comer.

— Este é um dos lobos gigantes de que tanto ouvi falar? — perguntou perto dele uma voz familiar.

Jon ergueu o olhar, feliz, quando o tio Ben lhe pôs uma mão na cabeça e lhe desordenou o cabelo, muito como Jon fizera ao lobo.

— Sim — disse. — Chama-se Fantasma.

Um dos escudeiros interrompeu a história obscena que estava a contar para abrir lugar à mesa para o irmão do seu senhor. Benjen Stark escaranchou-se no banco com pernas longas e tirou a taça de vinho da mão de Jon.

— Vinho de verão — disse depois de provar. — Não há nada tão doce. Quantas taças bebeste, Jon?

Jon sorriu.

Ben Stark soltou uma gargalhada.

— Tal como eu temia. Ah, bem. Acho que era mais novo do que tu da primeira vez que fiquei verdadeira e sinceramente bêbado. — Surripiou de uma travessa próxima uma cebola assada, que pingava, castanha, molho de carne, e mordeu-a. A cebola estalejou.

O tio de Jon tinha feições angulosas e era descarnado como um despenhadeiro de montanha, mas havia sempre uma sugestão de riso nos seus olhos azuis acinzentados. Vestia-se de negro, como era próprio de um homem da Patrulha da Noite. Hoje era um rico veludo negro, com grandes botas de couro e um cinto largo com fivela de prata. Uma pesada corrente de prata curvava-se em torno do seu pescoço. Benjen observou Fantasma, divertido, enquanto comia a cebola.

— Um lobo muito sossegado — observou.

— Não é como os outros — disse Jon. — Nunca solta um som. Foi por isso que lhe chamei Fantasma. Por isso e porque é branco. Os outros são todos escuros, cinzentos ou pretos.

— Ainda há lobos gigantes para lá da Muralha. Ouvimo-los nas nossas patrulhas. — Benjen Stark deitou a Jon um longo olhar. — Não costumam comer à mesa dos teus irmãos?

— Na maior parte das ocasiões — respondeu Jon em voz monocórdica. — Mas hoje a Senhora Stark pensou que poderia ser um insulto para a família real se um bastardo se sentasse entre eles.

— Estou a ver. — O tio olhou por sobre o ombro para a mesa elevada na outra ponta do salão. — O meu irmão não parece muito festivo, hoje.

Jon também o notara. Um bastardo tinha de aprender a reparar nas coisas, a ler a verdade que as pessoas escondiam por trás dos olhos. O pai observava todas as cortesias, mas havia nele uma rigidez que Jon raramente

vira antes. Pouco falava, olhando o salão com olhos cobertos, sem nada ver. A dois lugares de distância, o rei estivera toda a noite a beber muito. O seu rosto largo estava corado por trás da barba negra. Fizera muitos brindes, rira-se sonoramente com todas as brincadeiras, e atacara todos os pratos como um faminto, mas a seu lado, a rainha parecia tão fria como uma escultura de gelo.

— A rainha também está zangada — disse Jon ao tio com uma voz calma e baixa. — O pai levou o rei às criptas esta tarde. A rainha não queria que ele fosse.

Benjen deitou a Jon um olhar cauteloso e avaliador.

— Não deixas passar muitas coisas, pois não, Jon? Podíamos dar uso a um homem como tu na Muralha.

Jon inchou de orgulho.

— Robb é um lanceiro mais forte do que eu, mas sou melhor espadachim, e Hullen diz que me sento num cavalo tão bem como qualquer outro no castelo.

— Notáveis realizações.

— Levai-me convosco quando regressardes à Muralha — disse Jon com súbita precipitação. — O pai dar-me-á licença para ir se lhe pedirdes, eu sei que dará.

O tio Benjen estudou-lhe o rosto com cuidado.

— A Muralha é um lugar duro para um rapaz, Jon.

— Sou quase um homem feito — protestou Jon. — Vou fazer quinze anos no próximo dia do meu nome, e o Mestre Luwin diz que os bastardos crescem mais depressa do que as outras crianças.

— Isso é verdade — disse Benjen, retorcendo a boca para baixo. Tomou da mesa a taça de Jon, encheu-a de um jarro que encontrou ali perto e bebeu um longo gole.

— Daeren Targaryen tinha só quinze anos quando conquistou Dorne — disse Jon. O Jovem Dragão era um dos seus heróis.

— Uma conquista que durou um Verão — fez notar o tio. — O teu Rei Rapaz perdeu dez mil homens na conquista do sítio e outros cinquenta a tentar mantê-lo. Alguém devia ter-lhe dito que a guerra não é um jogo. — Bebeu outro gole de vinho. — Além disso — disse, limpando a boca —, Dearen Targaryen tinha só dezoito anos quando morreu. Ou será que te esqueceste dessa parte?

— Não me esqueço de nada — vangloriou-se Jon. O vinho estava a deixá-lo arrojado. Tentou sentar-se muito direito para parecer mais alto. — Quero servir na Patrulha da Noite, tio.

Tinha reflectido sobre o assunto longa e duramente, deitado na cama à noite enquanto os irmãos dormiam à sua volta. Robb iria um dia herdar

Winterfell, iria comandar grandes exércitos enquanto Protector do Norte. Bran e Rickon seriam vassalos de Robb e governariam castros em seu nome. As irmãs, Arya e Sansa, casariam com os herdeiros de outras grandes Casas e iriam para sul como senhoras dos seus próprios castelos. Mas a que lugar podia um bastardo aspirar?

— Não sabes o que estás a pedir, Jon. A Patrulha da Noite é uma irmandade ajuramentada. Não temos famílias. Nenhum de nós será algum dia pai de filhos. Somos casados com o dever. A nossa amante é a honra.

— Um bastardo também pode ter honra — disse Jon. — Estou pronto para prestar o vosso juramento.

— És um rapaz de catorze anos — disse Benjen. — Não és um homem. Ainda não. Até teres conhecido uma mulher, não podes compreender o que estarias a deixar para trás.

— Isso não me interessa! — disse Jon ardentemente.

— Mas podia interessar-te se soubesses a que me refiro — disse Benjen. — Se soubesses o que o juramento te custaria, podias estar menos ansioso por pagar o preço, filho.

Jon sentiu a ira a crescer no seu peito.

— Não sou vosso filho!

Benjen Stark pôs-se em pé.

— Maior é a pena. — Pôs uma mão no ombro de Jon. — Vem ter comigo depois de teres sido pai de alguns bastardos teus, e veremos então como te sentes.

Jon estremeceu.

— Nunca serei pai de um bastardo — disse com cuidado. — *Nunca!* — Cuspiu a palavra como se fosse veneno.

De súbito, apercebeu-se de que a mesa caíra em silêncio e que todos estavam a olhar para ele. Sentiu que as lágrimas começavam a jorrar por trás dos seus olhos. Pôs-se em pé.

— Devo retirar-me — disse com o resto da sua dignidade. Virou-se e fugiu antes que o vissem chorar. Devia ter bebido mais vinho do que se dera conta. Os pés emaranhavam-se debaixo do seu corpo quando tentou sair do salão e cambaleou de lado, esbarrando numa criada, atirando ao chão um jarro de vinho com especiarias. Gargalhadas trovejaram por todo o lado à sua volta, e Jon sentiu lágrimas quentes nas bochechas. Alguém tentou equilibrá-lo. Arrancou-se com violência a essas mãos e correu meio cego para a porta. Fantasma seguiu-o de perto para a noite.

O pátio estava silencioso e vazio. Uma sentinela solitária estava bem alto, nas ameias da muralha interior, bem enrolada no manto contra o frio. O homem parecia aborrecido e infeliz ao apertar-se ali, sozinho, mas Jon teria trocado de lugar com ele num ápice. Além da sentinela, o castelo estava

escuro e deserto. Jon vira uma vez um castro abandonado, um lugar lúgubre onde nada se movia além do vento e as pedras mantinham o silêncio acerca de quem ali vivera. Hoje, Winterfell lembrava-lhe esse dia.

Os sons de música e cantos derramavam-se pelas janelas abertas nas suas costas. Eram as últimas coisas que Jon queria ouvir. Limpou as lágrimas na manga da camisa, furioso por tê-las deixado fluir, e virou-se para se ir embora.

— Rapaz — chamou uma voz. Jon voltou-se.

Tyrion Lannister estava sentado na saliência por cima da porta do grande salão, assemelhando-se por completo a uma gárgula. O anão sorriu-lhe.

— Esse animal é um lobo?

— Um lobo gigante — disse Jon. — Chama-se Fantasma. — Pôs-se a olhar o homenzinho, de súbito esquecido do desapontamento. — Que fazeis aí? Porque não estais no banquete?

— Está demasiado quente, demasiado ruidoso e eu bebi demasiado vinho — disse o anão. — Aprendi há muito que se considera má educação vomitar por cima do irmão. Posso ver o teu lobo de mais perto?

Jon hesitou e depois anuiu devagar.

— Conseguis descer daí ou deverei ir buscar uma escada?

— Oh, que se dane — disse o homenzinho. Atirou-se da saliência para o ar vazio. Jon sobressaltou-se e depois viu com um temor respeitoso como Tyrion Lannister rodopiou numa bola apertada, aterrou ligeiro sobre as mãos e depois volteou para trás, caindo em pé.

Fantasma afastou-se dele com incerteza.

O anão sacudiu o pó e soltou uma gargalhada.

— Creio que assustei o teu lobo. As minhas desculpas.

— Não está assustado — disse Jon. Ajoelhou-se e chamou. — Fantasma, vem cá. Anda. Isso mesmo.

A cria de lobo aproximou-se e encostou o focinho ao rosto de Jon, mas manteve um olho cuidadoso em Tyrion Lannister, e quando o anão estendeu a mão para lhe fazer uma festa, afastou-se e mostrou os caninos num rosnido silencioso.

— É tímido, não é? — observou o Lannister.

— Senta, Fantasma — ordenou Jon. — Isso mesmo. Quietamente. — Ergueu os olhos para o anão. — Podeis tocar-lhe agora. Ele não se mexerá até que eu lhe diga para o fazer. Tenho-o treinado.

— Compreendo — disse o Lannister. Esfregou o pêlo branco como a neve entre as orelhas de Fantasma e disse: — Bonito lobo.

— Se eu não estivesse aqui, rasgar-vos-ia a garganta — disse Jon. Ainda não era bem verdade, mas viria a ser.

— Nesse caso, é melhor que fiques por perto — disse o anão. Inclinou a sua cabeça grande de mais para um lado e observou Jon com os seus olhos desiguais. — Chamo-me Tyrion Lannister.

— Eu sei — disse Jon. Ergueu-se. Em pé, era mais alto do que o anão. Isso fazia-o sentir-se estranho.

— E tu és o bastardo de Ned Stark, não és?

Jon sentiu-se atravessado por uma sensação de frio. Apertou os lábios e não disse nada.

— Ofendi-te? — disse Lannister. — Perdão. Os anões não têm de ter tacto. Gerações de bobos variegados conquistaram-me o direito a vestir-me mal e dizer qualquer maldita coisa que me venha à cabeça. — Sorriu. — Mas tu és o bastardo.

— O Lorde Eddard Stark é meu pai — admitiu Jon rigidamente.

O Lannister estudou-lhe o rosto.

— Sim — disse. — Consigo vê-lo. Tens em ti mais do Norte do que os teus irmãos.

— Meios-irmãos — corrigiu Jon. O comentário do anão tinha-lhe agradado, mas tentou não o mostrar.

— Deixa-me dar-te um conselho, bastardo — disse o Lannister. — Nunca te esqueças de quem és, porque de certeza que o mundo não o fará. Faz disso a tua força. Assim não poderá ser nunca a tua fraqueza. Arma-te com essa lembrança, e nunca poderá ser usada para te magoar.

Jon não estava na disposição de ouvir conselhos de ninguém.

— Que sabeis vós de ser um bastardo?

— Todos os anões são bastardos aos olhos dos pais.

— Sois filho legítimo de Lannister.

— Ah sou? — respondeu o anão, sardónico. — Vai dizê-lo ao senhor meu pai. A minha mãe morreu ao dar-me à luz e ele nunca teve bem a certeza.

— Eu nem sequer sei quem foi a minha mãe — disse Jon.

— Uma mulher qualquer, sem dúvida. A maior parte delas são-no. — Concedeu a Jon um sorriso tristonho. — Lembra-te disto, rapaz. Todos os anões serão bastardos, mas nem todos os bastardos precisam de ser anões. — E com aquelas palavras, virou costas e regressou vagarosamente ao banquete, assobiando uma canção. Quando abriu a porta, a luz vinda de dentro atirou a sua sombra bem definida pelo pátio fora, e, só por um momento Tyrion Lannister ergueu-se alto como um rei.

Entre todos os quartos da Torre Grande de Winterfell, os aposentos de Catelyn eram os mais quentes. Ela raramente tinha de acender uma fogueira. O castelo tinha sido construído sobre nascentes naturais de água quente, e as águas a esquentar corriam pelas suas paredes e quartos como sangue pelo corpo de um homem, afastando o frio dos salões de pedra, enchendo os jardins de vidro com um calor húmido, impedindo o congelar da terra. Lagoas ao ar livre fumegavam noite e dia numa dúzia de pequenos pátios. Isso, no Verão, era coisa pouca; no Inverno, era a diferença entre a vida e a morte.

O banho de Catelyn era sempre quente e cheio de vapor, e as suas paredes mornas ao toque. O calor lembrava-lhe Correrrio, dias ao sol com Lysa e Edmure, mas Ned nunca se lhe conseguira habituar. Os Stark eram feitos para o frio, dizia-lhe, e ela ria e respondia que nesse caso tinham certamente construído o seu castelo no lugar errado.

Por isso, quando terminaram, Ned rolou e saltou para fora da cama, como fizera mil vezes antes. Atravessou o quarto, afastou as pesadas tapeçarias e abriu as altas e estreitas janelas uma a uma, deixando entrar no quarto o ar da noite.

O vento rodopiou à sua volta quando parou a olhar a escuridão, nu e de mãos vazias. Catelyn puxou as peles até ao queixo e observou-o. Parecia de certo modo mais pequeno e mais vulnerável, como o jovem com quem casara no septo de Correrrio, há quinze longos anos. Os seus rins ainda doíam da urgência do amor. Era uma dor boa. Conseguia sentir a semente dele dentro de si. Rezou para que pudesse aí despertar. Tinham-se passado três anos desde Rickon. Ela não era velha de mais. Podia dar-lhe outro filho.

— Vou dizer-lhe que não — disse Ned quando se voltou de novo para ela. Tinha os olhos assombrados por fantasmas e a voz espessa de dúvidas.

Catelyn sentou-se na cama.

— Não podes. Não *deves*.

— Os meus deveres estão aqui no norte. Não tenho qualquer desejo de ser a Mão de Robert.

— Ele não o compreenderá. É agora um rei, e os reis não são como os outros homens. Se recusares servi-lo, ele quererá saber porquê, e mais tarde ou mais cedo começará a suspeitar de que te lhe opões. Não vês o perigo em que nos colocarias?

Ned abanou a cabeça, recusando-se a acreditar.

— Robert nunca me faria mal, nem a nenhum dos meus. Éramos mais próximos que irmãos. Ele adora-me. Se lhe disser que não, ele rugirá, praguejará e estrondeará, e uma semana mais tarde estaremos juntos a rir-nos do assunto. Conheço o homem!

— Conheces o homem — disse ela. — O rei é um estranho para ti. — Catelyn recordava o lobo gigante morto na neve, com a haste quebrada profundamente alojada na garganta. Tinha de o fazer compreender. — O orgulho é tudo para um rei, meu senhor. Robert percorreu toda esta distância para te ver, para te trazer estas grandes honrarias, não podes atirar-lhas à cara.

— Honrarias? — Ned soltou uma gargalhada amarga.

— A seus olhos, sim — disse ela.

— E aos teus?

— Aos meus *também* — exclamou ela, agora zangada. Porque seria que ele não compreendia? — Oferece o próprio filho em casamento à nossa filha, que outro nome darias a isso? Sansa pode vir um dia a ser rainha. Os seus filhos poderão governar da Muralha até às montanhas de Dorne. O que tem isso de errado?

— Deuses, Catelyn, Sansa tem só *onze anos* — disse Ned. — E Joffrey... Joffrey é...

Ela acabou a frase por ele.

— ... príncipe da coroa e herdeiro do Trono de Ferro. E eu só tinha doze anos quando o meu pai me prometeu ao teu irmão Brandon.

Aquilo trouxe um trejeito amargo aos lábios de Ned.

— Brandon. Sim. Brandon saberia o que fazer. Sabia sempre. Tudo estava destinado a Brandon. Tu, Winterfell, tudo. Ele nasceu para ser Mão do Rei e pai de rainhas. Eu nunca pedi para que este cálice me fosse transmitido.

— Talvez não — disse Catelyn — mas Brandon está morto, o cálice foi transmitido, e deves beber dele, gostes ou não.

Ned virou-lhe as costas, devolvendo o olhar à noite. Ficou a olhar a escuridão, observando talvez a Lua e as estrelas, talvez as sentinelas na muralha.

Então Catelyn enterneceu-se, ao ver a sua dor. Eddard Stark casara com ela em lugar de Brandon, como mandava o costume, mas a sombra do irmão morto ainda pairava entre eles tal como a outra, a sombra da mulher que dera à luz o seu filho bastardo.

Preparava-se para ir ter com ele quando alguém bateu à porta, sonora e inesperadamente. Ned virou-se, franzindo o sobrolho.

— Que é?

A voz de Desmond soou através da porta.

— Senhor, o Mestre Luwin está lá fora e suplica uma audiência urgente.

— Disseste-lhe que deixei ordens para não ser incomodado?

— Sim, senhor. Ele insiste.

— Muito bem. Manda-o entrar.

Ned atravessou o quarto na direcção de um roupeiro e enfiou-se num roupão pesado. Catelyn apercebeu-se de súbito do frio que tinha ficado. Sentou-se na cama e puxou as peles até ao queixo.

— Talvez devêssemos fechar as janelas — sugeriu.

Ned anuiu de forma ausente. O Mestre Luwin foi introduzido no aposento.

O mestre era um pequeno homem cinzento. Os seus olhos eram cinzentos, rápidos e viam muito. O seu cabelo, o pouco que os anos lhe tinham deixado, era cinzento. A sua toga era de lã cinzenta ornamentada com pêlo branco, as cores dos Stark. As grandes mangas pendentes tinham bolsos escondidos no interior. Luwin passava a vida a enfiar coisas nessas mangas e a extrair delas outras coisas: livros, mensagens, estranhos artefactos, brinquedos para as crianças. Com tudo o que mantinha escondido nas mangas, Catelyn surpreendia-se de o Mestre Luwin ser capaz de erguer os braços.

O mestre esperou até que a porta fosse fechada atrás de si antes de falar.

— Meu senhor — disse a Ned —, perdoai-me por vos perturbar o descanso. Foi-me deixada uma mensagem.

Ned parecia irritado.

— Foi-vos *deixada*? Por quem? Chegou um cavaleiro? Não fui informado.

— Não houve nenhum cavaleiro, senhor. Apenas uma caixa de madeira esculpida, deixada sobre a mesa do meu observatório enquanto eu dormitava. Os meus servos não viram ninguém, mas deve ter sido trazida por alguém da comitiva do rei. Não recebemos nenhum outro visitante vindo do Sul.

— Uma caixa de madeira, dizeis? — disse Catelyn.

— Lá dentro vinha uma nova lente de qualidade para o observatório, aparentemente proveniente de Myr. Os fabricantes de lentes de Myr não têm igual.

Ned franziu o sobrolho. Catelyn sabia que ele tinha pouca paciência para aquele tipo de coisa.

— Uma lente — disse. — Que tem isso a ver comigo?

— Coloquei a mesma questão — disse o Mestre Luwin. — Era claro que havia ali mais do que parecia.

Sob o peso das suas peles, Catelyn estremeceu.

— Uma lente é um instrumento para auxiliar a visão.

— De facto, é. — O mestre levou os dedos ao colar da sua ordem; uma corrente pesada, apertada em torno do pescoço sob a toga, com cada elo forjado de um metal diferente.

Catelyn podia sentir o terror a agitar-se de novo dentro dela.

— O que é que eles querem que vejamos mais claramente?

— Foi isso mesmo que perguntei a mim próprio. — O Mestre Luwin retirou um papel muito bem enrolado de dentro da manga. — Encontrei a verdadeira mensagem escondida num fundo falso quando desmantelei a caixa em que a lente tinha vindo, mas não é para os meus olhos.

Ned estendeu a mão.

— Então dai-ma.

Luwin não se mexeu.

— Os meus perdões, senhor. A mensagem também não é para vós. Está marcada para os olhos da Senhora Catelyn e apenas para ela. Posso aproximar-me?

Catelyn anuiu, faltando-lhe a confiança necessária para falar. O mestre colocou o papel na mesa ao lado da cama. Estava selado com uma pequena gota de cera azul. Luwin fez uma vénia e começou a retirar-se.

— Ficai — ordenou-lhe Ned. A sua voz era grave. Olhou para Catelyn. — Que se passa? Senhora, estás a tremer.

— Tenho medo — admitiu ela. Esticou o braço e pegou na carta com mãos trementes. As peles caíram, revelando a sua nudez olvidada. Na cera azul encontrava-se o selo do falcão e da Lua da Casa Arryn. — É de Lysa. — Catelyn olhou para o marido. — Não nos deixará contentes — disse-lhe. — Há dor nesta mensagem, Ned. Posso senti-la.

Ned franziu o sobrolho, com o rosto a ensombrar-se.

— Abre-a.

Catelyn quebrou o selo.

Os seus olhos moveram-se sobre as palavras. A princípio não lhes encontrou nenhum sentido. Mas depois recordou-se.

— A Lysa não deixou nada à sorte. Quando éramos raparigas, tínhamos uma língua privada, ela e eu.

— Podes lê-la?

— Sim — admitiu Catelyn.

— Então conta-nos o que diz.

— Talvez me deva retirar — disse o Mestre Luwin.

— Não — disse Catelyn. — Precisaremos do vosso aconselhamento. — Atirou as peles para o lado e saiu da cama. Ao caminhar pelo aposento, sentiu na pele nua o ar da noite, tão frio como uma sepultura.

O Mestre Luwin afastou o olhar. Até Ned pareceu chocado.

— Que estás a fazer? — perguntou.

— Estou a acender um fogo — informou Catelyn. Encontrou um roupão e encolheu-se para dentro dele, ajoelhando-se depois junto à lareira fria.

— O Mestre Luwin... — começou Ned.

— O Mestre Luwin pôs no mundo todos os meus filhos — disse Catelyn. — Isto não é altura para falsas modéstias. — Enfiou o papel entre as acendalhas e colocou os troncos mais pesados por cima.

Ned atravessou o quarto, agarrou-lhe no braço e pô-la de pé. Segurou-a assim, com o rosto a polegadas do dela.

— Minha senhora, dizei-me! O que era esta mensagem?

Catelyn ficou hirta sob o aperto.

— Um aviso — disse com suavidade. — Se tivermos perspicácia para o escutar.

Os olhos dele perscrutaram o seu rosto.

— Prosegui.

— Lysa diz que Jon Arryn foi assassinado.

Os dedos dele endureceram no seu braço.

— Por quem?

— Os Lannister — informou ela. — A rainha.

Ned largou o braço. Havia profundas marcas vermelhas na pele dela.

— Deuses — murmurou. A sua voz estava rouca. — A vossa irmã está doente de dor. Não pode saber o que está a dizer.

— Mas sabe — disse Catelyn. — Lysa é impulsiva, sim, mas esta mensagem foi cuidadosamente planeada, e inteligentemente escondida. Ela sabia que se a carta caísse nas mãos erradas, isso significaria a morte. Para arriscar tanto, deve ter mais do que meras suspeitas. — Catelyn olhou para o marido. — Agora realmente não temos escolha. *Tendes* de ser a Mão de Robert. *Tendes* de ir com ele para sul e saber a verdade.

Viu de imediato que Ned tinha chegado a uma conclusão muito diferente.

— As únicas verdades que conheço estão aqui. O sul é um ninho de víboras que eu faria bem em evitar.

Luwin puxou a corrente do seu colar no local onde lhe irritara a pele suave da garganta.

— A Mão do Rei possui grande poder, senhor. Poder para descobrir a verdade sobre a morte de Lorde Arryn, para trazer os seus assassinos à justiça do rei. Poder para proteger a Senhora Arryn e o seu filho, se o pior se confirmar.

Ned olhou desamparado em torno do aposento. O coração de

Catelyn apiedou-se dele, mas sabia que ainda não podia tomá-lo nos braços. Primeiro a vitória tinha de ser conseguida, a bem dos seus filhos.

— Dizeis que amais Robert como a um irmão. Gostariéis de ver o vosso irmão rodeado pelos Lannister?

— Que os Outros vos levem aos dois — murmurou Ned em tom sombrio. Virou-lhes costas e foi até à janela. Ela nada disse e o mesmo fez o mestre. Esperaram, calados, enquanto Eddard Stark dizia um silencioso adeus à casa que amava. Quando por fim se afastou da janela, tinha a voz cansada e repleta de melancolia e um leve brilho húmido nos cantos dos seus olhos.

— O meu pai foi uma vez para sul, a fim de responder à convocatória de um rei. Nunca regressou a casa.

— Um tempo diferente — disse o Mestre Luwin. — Um rei diferente.

— Sim — disse Ned com uma voz entorpecida. Sentou-se numa cadeira perto da lareira. — Catelyn, ireis ficar aqui em Winterfell.

As palavras foram como uma aragem gelada a atravessar o coração dela.

— Não — disse, de súbito temerosa. Seria aquela a sua punição? Nunca voltar a ver o rosto dele, nem sentir os braços dele em volta do seu corpo?

— Sim — disse Ned, num tom de quem não toleraria discussões. — Deveis governar o Norte em meu nome enquanto eu trato dos recados de Robert. Tem de haver sempre um Stark em Winterfell. Robb tem catorze anos. Em breve será homem feito. Tem de aprender a governar e eu não estarei aqui para o ajudar. Fazei-o tomar parte dos conselhos. Ele tem de estar pronto quando a sua hora chegar.

— Que os deuses permitam que ela não chegue por muitos anos — murmurou o Mestre Luwin.

— Mestre Luwin, confio em vós como no meu próprio sangue. Dai à minha esposa a vossa voz em todas as coisas grandes e pequenas. Ensinai a meu filho aquilo que precisa de saber. O Inverno está a chegar.

O Mestre Luwin anuiu com gravidade. Então caiu o silêncio, até Catelyn reunir coragem e colocar a questão cuja resposta mais temia.

— E as outras crianças?

Ned levantou-se e tomou-a nos braços, trazendo-lhe o rosto para junto do seu.

— Rickon é muito novo — disse, com suavidade. — Deve ficar aqui contigo e com Robb. Os outros levarei comigo.

— Não o suportaria — disse Catelyn, tremendo.

— Tens de o fazer — disse ele. — Sansa deverá desposar Joffrey, isso

é agora claro; temos de não lhes dar bases para suspeitar da nossa devoção. E já é mais que tempo que Arya aprenda os costumes de uma corte do Sul. Dentro de poucos anos, também ela estará em idade de casar.

Sansa iria brilhar no Sul, pensou Catelyn para si própria, e os deuses bem sabiam como Arya precisava de requinte. Relutantemente, abriu mão delas no coração. Mas Bran não. Bran nunca.

— Sim — disse — mas, por favor, Ned, pelo amor que me tens, deixa que Bran fique aqui em Winterfell. Ele só tem sete anos.

— Eu tinha oito quando o meu pai me enviou para ser criado no Ninho de Águia — disse Ned. — Sor Rodrik diz-me que existem maus sentimentos entre Robb e o Príncipe Joffrey. Isso não é saudável. Bran pode construir uma ponte sobre essa distância. É um rapaz amável, rápido a rir, fácil de amar. Deixa que cresça com os jovens príncipes, deixa que se torne seu amigo como Robert se tornou meu. A nossa casa ficará mais segura assim.

Ele tinha razão, e Catelyn sabia-o. Mas não tornava a dor mais fácil de suportar. Então iria perder todos os quatro: Ned e ambas as raparigas, e o seu doce, amoroso Bran. Só lhe restariam Robb e o pequeno Rickon. Já se sentia só. Winterfell era um lugar tão vasto.

— Então mantém-no longe das muralhas — disse ela com bravura. — Sabes como Bran gosta de escalar.

Ned secou-lhe as lágrimas nos olhos com beijos, não lhes dando tempo de cair.

— Obrigado, senhora minha — murmurou. — Isto é duro, bem sei.

— E quanto a Jon Snow, senhor? — perguntou o Mestre Luwin.

Catelyn retesou-se ao ouvir a menção ao nome. Ned sentiu a ira nela e afastou-se.

Muitos homens eram pais de bastardos. Catelyn crescera com esse conhecimento. Não fora surpresa para ela, no primeiro ano do casamento, saber que Ned fora pai de uma criança, nascida de uma qualquer rapariga encontrada por acaso em campanha. Afinal de contas, tinha as necessidades de um homem, e os dois tinham passado aquele ano afastados, com Ned no sul, na guerra, enquanto que ela permanecia em segurança no castelo do pai, em Correrrio. Os seus pensamentos iam mais para Robb, o bebé que amamentava, do que para o marido que pouco conhecia. Qualquer consolo que ele encontrasse entre batalhas era-lhe indiferente, e se a sua semente despertasse, ela esperava que Ned assegurasse as necessidades da criança.

Ele fez mais do que isso. Os Stark não eram como os outros homens. Ned trouxe o bastardo para casa consigo, e chamou-lhe “filho” para que todo o Norte ouvisse. Quando as guerras enfim terminaram e Catelyn via-

jou para Winterfell, Jon e a sua ama-de-leite já tinham estabelecido residência.

O golpe foi profundo. Ned não falava da mãe, nem uma palavra, mas um castelo não tem segredos, e Catelyn escutou as suas aias a repetir histórias que tinham ouvido dos seus maridos soldados. Segredavam sobre Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã, o mais mortífero dos sete cavaleiros da Guarda Real de Aerys, e sobre o modo como o seu jovem senhor o tinha morto em combate singular. E contavam como Ned levara depois a espada de Sor Arthur à bela jovem irmã que o esperava num castelo chamado Tombastela, nas costas do Mar do Verão. A Senhora Ashara Dayne, alta e de pele clara, com assombrosos olhos de cor violeta. Levara uma quinzena a reunir coragem, mas, por fim, uma noite na cama, Catelyn perguntara ao marido se aquilo era verdade, confrontara-o com a história.

Fora a única vez em todos os anos passados juntos que Ned a assustara.

— Nunca me pergunteis sobre Jon — dissera, frio como gelo. — É do meu sangue, e é tudo o que precisais de saber. E agora vou ficar a saber onde ouvistes esse nome, minha senhora. — Ela tinha jurado obedecer. Contou-lhe. E a partir desse dia, os segredos pararam, e o nome de Ashara Dayne nunca mais voltou a ser ouvido em Winterfell.

Quem quer que tivesse sido a mãe de Jon, Ned devia tê-la amado ferozmente, pois nada do que Catelyn dizia era capaz de o convencer a mandar o rapaz embora. Era a única coisa que nunca lhe perdoaria. Tinha acabado por amar o marido de todo o coração, mas nunca encontrara em si lugar para amar Jon. Por Ned, podia ter ignorado uma dúzia de bastardos desde que eles fossem mantidos longe da sua vista. Jon nunca estava longe da vista, e à medida que crescia, ficava mais parecido com o pai do que qualquer um dos filhos legítimos que lhe dera. De algum modo, isso tornava as coisas piores.

— Jon tem de ir — dizia agora.

— Ele e Robb são próximos — disse Ned. — Tive esperança...

— Ele não pode ficar aqui — disse Catelyn, interrompendo-o. — É vosso filho, não meu. Não o quero cá. — Ela sabia que era duro, mas não era menos verdade por isso. Ned não faria qualquer bem ao rapaz deixando-o em Winterfell.

O olhar que Ned lhe deitou foi de angústia.

— Sabeis que não posso levá-lo para sul. Não haverá lugar para ele na corte. Um rapaz com nome de bastardo... sabeis o que dirão dele. Será posto de lado.

Catelyn fortificou o coração contra o apelo mudo nos olhos do marido.

— Diz-se que o vosso amigo Robert foi pai de uma dúzia de bastardos.

— E nenhum deles foi algum dia visto na corte! — exclamou Ned. — A Lannister assegurou-se disso. Como podeis ser tão cruel, Catelyn? Ele não passa de um rapaz. Ele...

Tinha a fúria no corpo. Podia ter dito mais, e pior, mas o Mestre Luwin intrometeu-se.

— Outra solução se apresenta — disse, com voz calma. — O vosso irmão Benjen veio há alguns dias falar-me de Jon. Parece que o rapaz aspira a vestir de negro.

Ned pareceu chocado.

— Ele pediu para se juntar à Patrulha da Noite?

Catelyn nada disse. Que Ned trabalhe sozinho a ideia na sua mente; a voz dela não seria agora bem-vinda. Mas de bom grado teria beijado o mestre naquele momento. Aquela era a solução perfeita. Benjen Stark era um Irmão Ajuramentado. Jon seria para ele um filho, o filho que nunca teria. E a seu tempo, o rapaz faria também o juramento. Não seria pai de filhos que poderiam um dia competir com os netos de Catelyn pela posse de Winterfell.

O Mestre Luwin disse:

— Existe grande honra no serviço na Muralha, senhor.

— E mesmo um bastardo pode erguer-se a grande altura na Patrulha da Noite — reflectiu Ned. Apesar disso, a sua voz estava perturbada. — Jon é tão novo. Se o tivesse pedido depois de se ter tornado num homem feito, seria uma coisa, mas um rapaz de catorze anos...

— É um sacrifício duro — concordou o Mestre Luwin. — Mas estes são tempos duros, senhor. O caminho dele não é mais cruel do que o vosso ou o da vossa senhora.

Catelyn pensou nos três filhos que teria de perder. Não foi fácil manter-se em silêncio.

Ned virou-lhes as costas para olhar pela janela, com o longo rosto silencioso e pensativo. Por fim, suspirou e voltou a virar-se.

— Muito bem — disse a Maester Luwin. — Suponho que é o melhor. Falarei com Ben.

— Quando devemos dizê-lo a Jon? — perguntou o mestre.

— Quando tiver de ser. Há que fazer preparativos. Passará uma quinzena antes de estarmos prontos a partir. Prefiro deixar Jon usufruir destes últimos dias. O fim do Verão está já próximo que baste e o da infância também. Quando a altura certa chegar, comunicar-lho-ei eu próprio.

Os pontos de Arya estavam de novo tortos.

Franziu-lhes o sobrolho, desapontada, e olhou de relance para onde a irmã Sansa estava entre as outras raparigas. Os bordados de Sansa eram magníficos. Todos o diziam. “O trabalho de Sansa é tão belo como ela”, dissera uma vez a Septã Mordane à senhora sua mãe. “Ela tem umas mãos tão bonitas e delicadas.” Quando a Senhora Catelyn lhe perguntara por Arya, a septã fungara. “A Arya tem as mãos de um ferreiro”.

Arya atravessou a sala com um olhar furtivo, com receio de que a Septã Mordane lhe pudesse ter lido os pensamentos, mas hoje a septã não lhe estava a prestar atenção. Estava sentada junto da Princesa Myrcella, toda ela sorrisos e admiração. Não era frequente que a septã fosse privilegiada com a instrução de uma princesa real nas artes femininas, como ela própria afirmara quando a rainha trouxera Myrcella. A Arya pareceu que os pontos de Myrcella também estavam um pouco tortos, mas ninguém o adivinharia pelo modo como a Septã Mordane arrulhava.

Voltou a estudar o trabalho, procurando alguma maneira de o salvar, mas então suspirou e pousou a agulha. Olhou, carrancuda, para a irmã. Sansa tagarelava enquanto trabalhava, feliz. Beth Cassel, a filha mais nova de Sor Rodrik, estava sentada a seus pés, escutando cada palavra que ela dizia, e Jeyne Poole inclinava-se para lhe segredar qualquer coisa ao ouvido.

— De que estão vocês a falar? — perguntou Arya de súbito.

Jeyne olhou-a com ar sobressaltado, e depois soltou um risinho. Sansa pareceu atrapalhada. Beth corou. Ninguém respondeu.

— Digam-me — disse Arya.

Jeyne olhou de relance a Septã Mordane, a fim de se assegurar de que a septã não a ouviria. Myrcella disse então qualquer coisa, e a septã riu-se com o resto das damas.

— Estávamos a falar do príncipe — disse Sansa, com a voz suave como um beijo.

Arya sabia a que príncipe se referia: Joffrey, claro. O alto e bonito. Sansa pudera sentar-se a seu lado no banquete. Arya tivera que se sentar ao lado do pequeno e gordo. Naturalmente.

— O Joffrey gosta da tua irmã — segredou Jeyne, tão orgulhosa como se tivesse alguma coisa a ver com o assunto. Era filha do intendente de Winterfell e a melhor amiga de Sansa. — Disse-lhe que é muito bonita.

— Vai casar com ela — disse a pequena Beth em tom sonhador, abraçando-se ao ar. — Depois Sansa será rainha de todo o reino.

Sansa teve a delicadeza de corar. Corava lindamente. Fazia tudo lindamente, pensou Arya com um ressentimento surdo.

— Beth, não devias inventar histórias — censurou Sansa a rapariga mais nova, afagando-lhe suavemente o cabelo para retirar a rispidez das palavras. Olhou para Arya. — Que pensas do Príncipe Joff, irmã? É muito galante, não achas?

— Jon diz que parece uma rapariga — disse Arya.

Sansa suspirou enquanto dava um pesponto.

— Pobre Jon — disse. — Ele tem ciúmes porque é um bastardo.

— Ele é nosso irmão — disse Arya, alto de mais. A sua voz cortou o sossego da tarde na sala da torre.

A Septã Mordane ergueu os olhos. Tinha um rosto ossudo, olhos aguçados e uma fina boca sem lábios, feita para ser franzida. E agora estava franzida.

— De que estais a falar, crianças?

— Do nosso meio-irmão — corrigiu Sansa, suave e precisa. Sorriu para a septã. — A Arya e eu estávamos a observar como era agradável termos a princesa hoje connosco — disse.

A Septã Mordane acenou com a cabeça.

— De facto. Uma grande honra para todas nós. — A Princesa Myrcella recebeu o cumprimento com um sorriso pouco firme. — Arya, porque não estais a trabalhar? — perguntou a septã. Pôs-se de pé, fazendo restolhar as saias engomadas quando atravessou a sala. — Deixai-me ver os vossos pontos.

Arya quis gritar. Era mesmo de Sansa, atrair a atenção da septã.

— Aqui está — disse, entregando o trabalho.

A septã examinou o tecido.

— Arya, Arya, Arya — disse. — Isto não serve. Isto não serve de modo nenhum.

Toda a gente estava a olhá-la. Era de mais. Sansa era demasiado bem-educada para sorrir da desgraça da irmã, mas havia o sorriso afectado de Jeyne no seu lugar. Até a Princesa Myrcella parecia ter pena dela. Arya sentiu que os olhos se lhe enchiam de lágrimas. Saltou da cadeira e correu para a porta.

A Septã Mordane chamou-a.

— Arya, voltaí aqui! Nem mais um passo! A senhora vossa mãe ouvirá falar disto. E em frente da nossa princesa real! Envergonhais-nos a todos!

Arya parou à porta e voltou-se, mordendo o lábio. As lágrimas cor-

riam-lhe agora pela cara. Conseguiu fazer uma pequena vénia rígida a Myrcella.

— Com a vossa licença, minha senhora.

Myrcella pestanejou e olhou as suas damas em busca de orientação. Mas onde faltava segurança à princesa, ela não faltava à Septã Mordane.

— Exactamente onde pensais que ides, Arya? — quis saber a septã.

Arya lançou-lhe um olhar furioso.

— Tenho de ir ferrar um cavalo — disse com doçura, obtendo uma breve satisfação da expressão chocada no rosto da septã. Então rodopiou e saiu, correndo pelos degraus abaixo tão depressa como os pés a conseguiam levar.

Não era justo. Sansa tinha tudo. Sansa era dois anos mais velha; se calhar, quando Arya nascera, já nada restava. Era frequente sentir-se assim. Sansa era capaz de costurar, dançar e cantar. Escrevia poesia. Sabia como vestir-se. Tocava harpa e sinos. Pior: era bela. Sansa recebera os belos malarres elevados da mãe e o espesso cabelo arruivado dos Tully. Arya saía ao senhor seu pai. O seu cabelo era de um castanho sem lustro, e o seu rosto era longo e solene. Jeyne costumava chamar-lhe Arya Cara-de-Cavalo e relinchava sempre que ela se aproximava. A única coisa que Arya fazia melhor do que a irmã era andar a cavalo, e isso doía. Bem, andar a cavalo e gerir uma casa. Sansa nunca tivera grande cabeça para números. Se casasse com o Príncipe Joff, Arya esperava, para bem dele, que o príncipe tivesse um bom intendente.

Nymeria estava à sua espera na casa da guarda que se erguia na base da escadaria. Pôs-se em pé de um salto assim que a viu. Arya sorriu. A cria de lobo amava-a, mesmo se ninguém mais o fizesse. Iam juntas para todo o lado, e Nymeria dormia no seu quarto, aos pés da cama. Se a Mãe não o tivesse proibido, Arya teria levado de bom grado a loba para a sala de costura. Gostaria de ver então a Septã Mordane a queixar-se dos seus pontos.

Nymeria mordiscou-lhe a mão, ansiosa, enquanto Arya a desatava. O animal possuía olhos amarelos. Quando capturavam a luz do Sol, cintilavam como duas moedas de ouro. Arya dera-lhe o nome da rainha guerreira dos roinares, que levara o seu povo a atravessar o mar estreito. Também isso fora um grande escândalo. Sansa, naturalmente, chamara à sua cria “Lady”. Arya fez uma careta e abraçou a lobinha com força. Nymeria lambeu-lhe a orelha e ela soltou um risinho.

Por aquela altura, já a Septã Mordane teria de certeza mandado uma mensagem à senhora sua mãe. Se fosse para o quarto, encontrá-la-iam. Arya não queria ser encontrada. Teve uma ideia melhor. Os rapazes estavam no pátio a praticar. Queria ver Robb a atirar o galante Príncipe Joffrey ao chão. “Andá”, sussurrou a Nymeria. Levantou-se e correu, com a loba a

morder-lhe os calcanhares.

Havia uma janela, na ponte coberta entre o armeiro e a Torre Grande, de onde se podia ver todo o pátio. Foi para aí que se dirigiram.

Chegaram, coradas e sem fôlego, e foram encontrar Jon sentado no parapeito, com um joelho languidamente erguido até ao queixo. Observava a acção, tão absorvido que pareceu não se dar conta da aproximação da irmã até que o lobo branco foi ao encontro delas. Nymeria aproximou-se em patas cautelosas. Fantasma, já maior do que os companheiros de ninhada, farejou-a, deu-lhe uma dentada cuidadosa na orelha, e voltou a instalar-se.

Jon deitou-lhe uma olhadela curiosa.

— Não devias estar a trabalhar nos teus pontos, irmãzinha?

Arya fez-lhe uma careta.

— Queria vê-los lutar.

Ele sorriu.

— Então vem para aqui.

Arya trepou para a janela e sentou-se ao lado do irmão, no meio de um coro de estrondos e grunhidos vindos do pátio, lá em baixo.

Para sua desilusão, eram os rapazes mais novos que se exercitavam. Bran estava tão almofadado que parecia que se tinha afivelado a um colchão de penas, e o Príncipe Tommen, que já era rechonchudo à partida, parecia positivamente redondo. Fanfarronavam, ofegavam e atacavam-se um ao outro com espadas almofadadas de madeira, sob o olhar vigilante de Sor Rodrik Cassel, o mestre-de-armas, um robusto homem em forma de barril, com magníficas suíças brancas. Uma dúzia de espectadores, homens e rapazes, gritavam encorajamentos, e, entre todas, a voz de Robb era a mais forte. Arya reconheceu Theon Greyjoy ao lado do irmão, com o gibão negro ornamentado com a lula gigante dourada da sua Casa, ostentando no rosto um ar de retorcido desprezo. Ambos os combatentes cambaleavam. Arya concluiu que já lutavam há algum tempo.

— É um nadinha mais cansativo do que o trabalho de agulhas — observou Jon.

— É um nadinha mais divertido do que o trabalho de agulhas — retorquiu Arya. Jon sorriu, esticou o braço e despenteou-lhe o cabelo. Arya corou. Sempre tinham sido próximos. Jon possuía o rosto do pai, tal como ela. Eram os únicos. Robb, Sansa, Bran e até o pequeno Rickon, todos saíam aos Tully, com sorrisos fáceis e fogo nos cabelos. Em pequena, Arya tivera medo de isso querer dizer que também ela era bastarda. Fora a Jon que fora contar o medo, e fora Jon quem a sossegara.

— Porque não estás no pátio? — perguntou-lhe Arya.

Ele fez-lhe um meio sorriso.

— Não se permite a bastardos danificar jovens príncipes — disse.

— Quaisquer nódoas negras que recebam no pátio de treinos devem provir de espadas legítimas.

— Oh. — Arya sentiu-se envergonhada. Devia ter compreendido. Pela segunda vez naquele dia, pensou que a vida não era justa.

Observou o irmão mais novo a bater em Tommen.

— Podia sair-me tão bem como Bran — disse. — Ele tem só sete anos. Eu tenho nove.

Jon olhou-a com toda a sua sabedoria de catorze anos.

— És magra de mais — disse. Pegou-lhe no braço para lhe apalpar o músculo. Então suspirou e abanou a cabeça. — Duvido até que conseguisses levantar uma espada, irmãzinha, quanto mais brandi-la.

Arya recolheu o braço e lançou-lhe um olhar furioso. Jon voltou a despentear-lhe o cabelo. Observaram Bran e Tommen que andavam aos círculos em redor um do outro.

— Vês o Príncipe Joffrey? — perguntou Jon.

Ao primeiro relance não o tinha visto, mas quando voltou a olhar, descobriu-o atrás dos outros, à sombra do alto muro de pedra. Estava rodeado por homens que não reconheceu, jovens escudeiros com librés dos Lannister e dos Baratheon, todos eles estranhos. Havia entre eles alguns homens mais velhos; cavaleiros, presumiu.

— Olha para o brasão na sua capa — sugeriu Jon.

Arya olhou. Um escudo ornamentado tinha sido bordado na capa almofadada do príncipe. Não havia dúvida de que o bordado era magnífico. O brasão estava dividido a meio; de um lado tinha o veado coroado da Casa real, do outro, o leão de Lannister.

— Os Lannister são orgulhosos — observou Jon. — Poder-se-ia pensar que a chancela real seria suficiente, mas não. Ele faz a casa da mãe igual em honra à do rei.

— A mulher também é importante! — protestou Arya.

Jon soltou um risinho.

— Talvez devas fazer o mesmo, irmãzinha. Casa Tully e Stark no teu brasão.

— Um lobo com um peixe na boca? — A ideia fê-la rir. — Pareceria disparatado. Além disso, se uma rapariga não pode lutar, porque haveria de ter um brasão de armas?

Jon encolheu os ombros.

— Às raparigas dão as armas mas não as espadas. Aos bastardos dão as espadas mas não as armas. Não fui eu que fiz as regras, irmãzinha.

Ouviu-se um grito no pátio, em baixo. O Príncipe Tommen rebojava na poeira, tentando sem sucesso pôr-se em pé. Todos aqueles almofadados faziam-no assemelhar-se a uma tartaruga virada de costas. Bran estava so-

bre ele, com a espada de madeira erguida, pronto a bater-lhe de novo assim que se levantasse. Os homens desataram a rir.

— Basta! — gritou Sor Rodrik. Ofereceu uma mão ao príncipe e pô-lo de novo em pé. — Uma boa luta. Lew, Donnis, ajudem-nos a tirar as armaduras. — Olhou em volta. — Príncipe Joffrey, Robb, quereis mais um assalto?

Robb, já suado de uma luta anterior, avançou com ardor.

— De bom grado.

Joffrey saiu para o sol em resposta à chamada de Rodrik. O seu cabelo brilhou como ouro tecido. Parecia aborrecido.

— Este é um jogo para crianças, Sor Rodrik.

Theon Greyjoy soltou uma súbita gargalhada.

— Vós sois crianças — disse, com ironia.

— Robb pode ser uma criança — disse Joffrey. — Eu sou um príncipe. E já me canso de dar pancada nos Stark com uma espada de brincar.

— Levaste mais pancada do que a que deste, Joff — disse Robb. — Será que tens medo?

O Príncipe Joffrey olhou-o.

— Oh, estou apavorado — disse. — És tão mais velho. — Alguns dos Lannister riram-se.

Jon afastou os olhos da cena com um olhar carrancudo.

— O Joffrey é um verdadeiro merdas — disse a Arya.

O Sor Rodrik puxou, pensativo, pelas suíças brancas.

— O que sugeris? — perguntou ao príncipe.

— Aço vivo.

— Feito — disparou Robb em resposta. — Vais-te arrepender!

O mestre-de-armas pôs uma mão no ombro de Robb, tentando acalmá-lo.

— Aço vivo é demasiado perigoso. Permitir-vos-ei espadas de torneio, com gumes embotados.

Joffrey não disse nada, mas um homem que era estranho a Arya, um cavaleiro alto com cabelo negro e cicatrizes de queimaduras no rosto, avançou para a frente do príncipe.

— Este é o teu príncipe. Quem és tu para lhe dizeres que não pode ter um gume na espada, *sor*?

— Sou o mestre-de-armas de Winterfell, Clegane, e farias bem se não o esquecesses.

— Estás aqui a treinar mulheres? — quis saber o homem queimado. Era musculoso como um touro.

— Estou a treinar *cavaleiros* — disse severamente Sor Rodrik. — Eles terão aço quando estiverem prontos. Quando tiverem idade.

O homem queimado olhou para Robb.

— Que idade tens tu, rapaz?

— Catorze anos — disse Robb.

— Matei um homem aos doze. Podes ter a certeza de que não foi com uma espada embotada.

Arya conseguia ver que Robb se irritava. O seu orgulho estava ferido. Virou-se para Sor Rodrik.

— Deixa-me fazê-lo. Posso vencê-lo.

— Então venci-o com uma lâmina de torneio — disse Sor Rodrik.

Joffrey encolheu os ombros.

— Vem ter comigo quando fores mais velho, Stark. Se não fores velho *de mais*. — Soaram gargalhadas vindas dos Lannister.

As pragas de Robb ressoaram pelo pátio. Arya cobriu a boca, chocada. Theon Greyjoy agarrou o braço de Robb a fim de o manter afastado do príncipe. Sor Rodrik puxou pelas suíças, consternado.

Joffrey fingiu um bocejo e virou-se para o irmão mais novo.

— Vem, Tommen — disse. — A hora da brincadeira terminou. Deixa as crianças com os seus divertimentos.

Aquilo provocou mais risos entre os Lannister, mais pragas de Robb. O rosto de Sor Rodrik, por baixo do branco das suíças, estava vermelho como uma beterraba em fúria. Theon manteve Robb preso com mão de ferro até que os príncipes e a sua comitiva se foram embora em segurança.

Jon observou-os a partir, e Arya observou Jon. O seu rosto tinha ficado tão imóvel como a lagoa no coração do bosque sagrado. Por fim, desceu da janela.

— O espectáculo acabou — disse. Dobrou-se para coçar Fantasma atrás das orelhas. O lobo branco pôs-se em pé e esfregou-se contra ele. — É melhor que corras para o teu quarto, irmãzinha. A Septã Mordane está sem dúvida à espreita. Quanto mais tempo ficares escondida, mais severa a penitência. Ficarás a coser durante todo o Inverno. Quando chegar o degelo da Primavera, encontrarão o teu corpo, ainda com uma agulha bem presa entre os dedos congelados.

Arya não achou graça.

— Detesto costura! — disse com paixão. — Não é justo!

— Nada é justo — disse Jon. Voltou a despentear-lhe o cabelo e afastou-se, com Fantasma a caminhar em silêncio a seu lado. Nymeria começou também a segui-los, mas depois parou e regressou quando viu que Arya não ia.

Arya virou-se relutantemente na outra direcção.

Foi pior do que Jon pensara. Não era a Septã Mordane quem a esperava no quarto. Era a Septã Mordane e a sua mãe.

Os caçadores partiram de madrugada. O rei desejava javali para o festim da noite. O Príncipe Joffrey ia com o pai, e, por esse motivo, Robb foi também autorizado a juntar-se ao grupo. O tio Benjen, Jory, Theon Greyjoy, Sor Rodrik, e até o pequeno e engraçado irmão da rainha iam com eles. Afinal, era a última caçada. Na manhã seguinte partiriam para sul.

Bran fora deixado para trás com Jon, as raparigas e Rickon. Mas Rickon era só um bebé, as raparigas eram apenas raparigas e não encontrava Jon e o seu lobo em lado nenhum. Bran não o procurou com muita força. Pensava que Jon estava zangado com ele. Por aqueles dias, Jon parecia estar zangado com toda a gente. Bran não sabia porquê. Ele ia com o Tio Ben para a Muralha, juntar-se à Patrulha da Noite. Isso era quase tão bom como ir para sul com o rei. Era Robb quem ia ser deixado para trás, não Jon.

Ao longo de vários dias, Bran quase não conseguia esperar pela partida. Ia percorrer a estrada do rei montado num cavalo seu, não um pônei mas um cavalo verdadeiro. O pai ia ser Mão do Rei, e iam viver no castelo vermelho em Porto Real, o castelo que os Senhores do Dragão tinham construído. A Velha Ama dizia que havia lá fantasmas, e masmorras onde tinham sido feitas coisas terríveis, e cabeças de dragão nas paredes. Bran arrepia-se só de pensar nisso, mas não tinha medo. Como podia ter medo? O pai estaria com ele, e também o rei, com todos os seus cavaleiros e homens de armas.

O próprio Bran iria um dia ser um cavaleiro, um membro da Guarda Real. A Velha Ama dizia que eram os melhores espadachins de todo o reino. Eram apenas sete, usavam armaduras brancas e não tinham esposas nem filhos, viviam apenas para servir o rei. Bran conhecia todas as histórias. Os nomes deles eram como música para os seus ouvidos. Serwyn do Escudo Espelhado. Sor Ryam Redwyne. Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão. Os gémeos, Sor Erryk e Sor Arryk, que tinham morrido pelas espadas um do outro há centenas de anos, quando irmãos lutavam contra irmãs na guerra a que os cantores chamavam a Dança dos Dragões. O Touro Branco, Gerold Hightower. Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. Barristan, o Ousado.

Dois dos Guardas do Rei tinham vindo para norte com o Rei Robert. Bran observara-os, fascinado, sem chegar a atrever-se a dirigir-lhes a pala-

vra. Sor Boros era um homem calvo com um maxilar largo, e Sor Meryn tinha olhos inclinados e uma barba cor de ferrugem. O Sor Jaime Lannister parecia-se mais com os cavaleiros das histórias, e também pertencia à Guarda do Rei, mas Robb dizia que ele tinha morto o velho rei louco e já não contava. O maior cavaleiro vivo era Sor Barristan Selmy, Barristan, o Ousado, o Senhor Comandante da Guarda do Rei. O pai prometera que iriam conhecer o Sor Barristan quando chegassem a Porto Real, e Bran marcara a passagem dos dias na parede do quarto, ansioso por partir, por ver um mundo com que só sonhara e começar uma vida que quase nem conseguia imaginar.

Mas agora que o último dia estava a chegar, de súbito, Bran sentia-se perdido. Winterfell era a única casa que alguma vez conhecera. O pai dissera-lhe que devia fazer hoje as suas despedidas, e ele tentou. Depois de os caçadores terem partido, vagueou pelo castelo com o lobo a seu lado, tencionando visitar aqueles que iam ficar ali, a Velha Ama e o cozinheiro Gage, Mikken na sua forja, Hodor, o moço de estrebaria que sorria tanto e cuidava do seu pônei e nunca dizia nada que não fosse “Hodor”, o homem nos jardins de vidro que lhe dava uma amora silvestre sempre que ia visitá-lo...

Mas foi inútil. Dirigiu-se primeiro ao estábulo, e viu o seu pônei na sua baia, mas já não era o *seu* pônei, pois Bran ia ter um cavalo verdadeiro e ia deixar o pônei para trás, e de súbito quis apenas sentar-se e chorar. Virou-se e fugiu dali antes que Hodor e os outros moços de estrebaria lhe vissem as lágrimas nos olhos. Foi o fim das despedidas. Em lugar delas, passou a manhã sozinho no bosque sagrado, tentando sem sucesso ensinar o lobo a ir buscar um pau. O lobinho era mais inteligente do que qualquer dos cães no canil do pai, e Bran juraria que ele entendia cada palavra que lhe era dita, mas mostrava muito pouco interesse em perseguir paus.

Ainda andava à procura de um nome. Robb chamara ao seu cachorro Vento Cinzento porque ele corria muito depressa. Sansa chamara Lady ao seu, e Arya dera ao seu o nome de uma qualquer rainha feiticeira das canções, e o pequeno Rickon chamara ao seu Cão-Felpudo, o que Bran julgava ser um nome bastante estúpido para um lobo gigante. O lobo de Jon, o branco, chamava-se Fantasma. Bran gostaria de se ter lembrado primeiro desse nome, apesar de o seu lobo não ser branco. Tentara cem nomes ao longo da última quinzena, mas nenhum parecera certo.

Por fim, cansou-se do jogo do pau e decidiu ir escalar. Havia semanas que não subia à torre quebrada, devido a tudo o que acontecera, e aquela poderia ser a sua última oportunidade.

Atravessou o bosque sagrado a correr, escolhendo o caminho mais longo a fim de evitar a lagoa onde crescia a árvore-coração. A árvore-co-

ração sempre o assustara; as árvores não deviam ter olhos, pensava Bran, nem folhas que se parecessem com mãos. O lobo vinha a correr junto aos seus calcanhares.

— Fica aqui — disse ao animal na base da árvore-sentinela que crescia ao lado da parede do armeiro. — Deita. Isso. Agora, *fica*.

O lobo fez o que lhe foi ordenado. Bran coçou-o atrás das orelhas e depois virou-se, saltou, agarrou um ramo baixo e içou-se. Estava a meio da árvore, deslocando-se com facilidade de ramo em ramo, quando o lobo se pôs em pé e começou a uivar.

Bran olhou para baixo. O lobo calou-se, olhando-o através das fendas dos seus olhos amarelos. Um estranho arrepio atravessou-o. Recomeçou a trepar. Uma vez mais, o lobo uivou.

— Quietos — gritou. — Senta. Fica. És pior que a mãe. — Os uivos seguiram-no até ao topo da árvore até que, por fim, saltou para o telhado do armeiro e para fora de vista.

Os telhados de Winterfell eram a segunda casa de Bran. A mãe dizia frequentemente que ele já era capaz de trepar antes de aprender a andar. Bran não se lembrava da altura em que começara a andar, mas tampouco se lembrava do momento em que começara a trepar, portanto, supunha que devia ser verdade.

Para um rapaz, Winterfell era um labirinto de pedra cinzenta, com paredes, torres, pátios e túneis a estender-se em todas as direcções. Nas partes mais antigas do castelo, os salões inclinavam-se para cima e para baixo, de modo que nem era possível ter-se a certeza do andar em que se estava. O Mestre Luwin dissera-lhe uma vez que o edifício fora crescendo ao longo dos séculos como se fosse uma qualquer monstruosa árvore de pedra, com ramos nodosos, grossos e retorcidos, e raízes que se afundavam profundamente na terra.

Quando saía de debaixo dessa espécie de árvore e amarinhava até perto do céu, Bran conseguia ver todo Winterfell de um relance. E gostava do aspecto do lugar, estendido à sua frente, apenas com aves a rodopiar sobre a sua cabeça enquanto toda a vida do castelo prosseguia lá em baixo. Bran podia ficar horas empoleirado entre as gárgulas sem forma, desgastadas pela chuva, que matutavam no topo da Primeira Torre, observando tudo: os homens que se exercitavam com madeira e aço no pátio, os cozinheiros que cuidavam das suas plantas no jardim de vidro, cães irrequietos que corriam para um lado e para o outro nos canis, o silêncio do bosque sagrado, as raparigas que mexericavam junto ao poço das lavagens. Fazia-o sentir-se senhor do castelo, de um modo que nem mesmo Robb conheceria.

E também lhe revelava os segredos de Winterfell. Os construtores nem sequer tinham nivelado a terra; havia colinas e vales por trás dos mu-

ros de Winterfell. Havia uma ponte coberta que ligava o quarto piso da torre sineira ao segundo piso do aviário. Bran sabia-o. E também sabia que podia entrar na muralha interior pelo portão sul, subir três pisos e correr por todo Winterfell dentro de um túnel estreito aberto na pedra, e depois sair *ao nível do chão* no portão norte com trinta metros de muralha a elevar-se acima da sua cabeça. Bran estava convencido de que nem mesmo o Mestre Luwin sabia *disso*.

A mãe andava aterrorizada com a possibilidade de Bran escorregar um dia de um muro e matar-se. Ele disse-lhe que isso não aconteceria, mas ela nunca acreditou. Uma vez fê-lo prometer que permaneceria no chão. Ele conseguiu cumprir a promessa durante quase uma quinzena, infeliz todos os dias, até que uma noite saiu pela janela do quarto quando os irmãos estavam mergulhados no sono.

Confessou o crime no dia seguinte, num ataque de remorso. O Senhor Eddard ordenou-lhe que se fosse purificar para o Bosque Sagrado. Foram destacados guardas para verificar que Bran permaneceria lá toda a noite sozinho a reflectir sobre a sua desobediência. Na manhã seguinte, Bran não se encontrava em lado nenhum. Foram finalmente encontrá-lo, profundamente adormecido, nos ramos superiores da mais alta árvore-sentinela do bosque.

Por mais zangado que estivesse, o pai não conseguiu evitar uma gargalhada.

— Tu não és meu filho — disse a Bran quando o trouxeram para baixo — és um esquilo. Seja. Se tens de trepar, então trepa, mas não deixes que a tua mãe te veja.

Bran fez o melhor que pôde, embora achasse que nunca conseguira realmente enganá-la. Como o pai não o proibia, ela virou-se para outros lados. A Velha Ama contou-lhe uma história sobre um mau rapazinho que trepou alto demais e foi atingido por um relâmpago, e sobre o modo como os corvos vieram depois bicar-lhe os olhos. Bran não se impressionou. Havia ninhos de corvo no topo da torre quebrada, onde nunca ninguém ia além dele, e às vezes enchia os bolsos de milho antes de trepar até lá e os corvos comiam da sua mão. Nenhum mostrou alguma vez a mais leve intenção de lhe bicar os olhos.

Mais tarde, o Mestre Luwin moldou um pequeno rapaz de barro, vestiu-o com as roupas de Bran e atirou-o do muro para o pátio a fim de demonstrar o que aconteceria a Bran se caísse. Foi divertido, mas depois da demonstração, Bran limitou-se a olhar o mestre e a dizer:

— Não sou feito de barro. E seja como for, nunca caio.

Depois disso, durante algum tempo os guardas davam-lhe caça sempre que o viam nos telhados, e tentavam puxá-lo para baixo. Foi a melhor

época de todas. Era como jogar um jogo com os irmãos, excepto que naquele era sempre Bran a ganhar. Nenhum dos guardas era capaz de trepar tão bem como Bran, nem metade, nem mesmo Jory. E fosse como fosse, da maior parte das vezes nem sequer o viam. As pessoas nunca olhavam para cima. Era outra coisa que apreciava em trepar; era quase como ser invisível.

E também gostava da sensação de se içar por um muro acima, pedra a pedra, com os dedos das mãos e dos pés a enterrar-se com força nas pequenas fendas que havia entre elas. Quando escalava, tirava sempre as botas e subia descalço; fazia-o sentir-se como se tivesse quatro mãos em vez de duas. Gostava da dor profunda e doce que sentia depois nos músculos. Gostava do sabor que o ar tinha lá em cima, doce e frio como um pêsego de Inverno. Gostava dos pássaros: os corvos na torre quebrada, os minúsculos pardais que faziam ninho nas fendas entre as pedras, a velha coruja que dormia no sótão poeirento que ficava por cima do antigo armeiro. Bran conhecia-os a todos.

E acima de tudo gostava de ir a lugares onde ninguém mais podia ir e de ver a extensão cinzenta de Winterfell de um modo que nunca ninguém vira. Transformava todo o castelo no lugar secreto de Bran.

O seu local favorito era a torre quebrada. Em tempos tinha sido uma torre de atalaia, a mais alta de Winterfell. Há muito tempo, cem anos antes mesmo que o seu pai tivesse nascido, um relâmpago pegara-lhe fogo. O terço superior da estrutura tinha tombado para dentro e a torre nunca fora reconstruída. Por vezes, o pai mandava caçadores de ratos até à base da torre para limpar os ninhos que encontravam sempre por entre a confusão de pedras caídas e traves queimadas e podres. Mas agora nunca ninguém ia até ao topo irregular da estrutura, salvo Bran e os corvos.

Conhecia duas maneiras de chegar lá. Podia-se ir directamente, escalando o lado da própria torre, mas as pedras estavam soltas, a argamassa que as mantivera juntas há muito que se tinha transformado em cinzas, e Bran nunca gostara de lhes pôr todo o seu peso em cima.

A maneira *melhor* era partir do bosque sagrado, trepar a grande sentinela, atravessar o armeiro e o salão dos guardas, saltando de telhado em telhado, descalço para que os guardas não ouvissem. Depois disso estava-se no lado oculto da Primeira Torre, a mais antiga parte do castelo, uma fortaleza quadrada e atarracada que era mais alta do que parecia. Só ratos e aranhas aí viviam agora, mas as velhas pedras ainda davam uma boa escalada. Podia-se ir directamente até ao local onde as gárgulas se inclinavam, cegas, sobre o espaço vazio, e balançar de gárgula em gárgula, uma mão depois da outra, até ao lado norte. Daí, se se esticasse bem, podia alcançar a torre quebrada e içar-se para ela no sítio onde se inclinava para mais perto.

A última parte era gatinhar pelas pedras enegrecidas até ao ponto mais elevado, não mais do que três metros, e então chegariam os corvos, para ver se tinha trazido milho.

Bran estava a passar de gárgula em gárgula com a facilidade de uma longa prática quando ouviu as vozes. Ficou tão sobressaltado que quase perdeu o apoio. A Primeira Torre estivera vazia toda a sua vida.

— Não estou a gostar — estava uma mulher a dizer. Havia uma fileira de janelas por baixo de Bran, e a voz saía da última janela daquele lado. — *Tu é* que devias ser a Mão.

— Que os deuses o proíbam — respondeu indolentemente uma voz masculina. — Não é honra que eu deseje. Dá um trabalho desmedido.

Bran ficou ali, pendurado, à escuta, de súbito com medo de prosseguir. Eles poderiam ver um relance dos seus pés, se tentasse passar pela janela.

— Não vês o perigo em que isto nos coloca? — disse a mulher. — O Robert adora o homem como a um irmão.

— O Robert quase não tem estômago para os irmãos. Não que o censure. O Stannis seria suficiente para dar uma indigestão a qualquer um.

— Não te faças de parvo. O Stannis e o Renly são uma coisa, Eddard Stark é outra totalmente diferente. Robert irá *escutar* o Stark. Malditos sejam ambos. Eu devia ter *insistido* para que ele te nomeasse a ti, mas tinha a certeza de que o Stark iria dizer-lhe que não.

— Devíamos agradecer à nossa sorte — disse o homem. — O rei podia perfeitamente ter nomeado um dos seus irmãos, ou mesmo o Mindinho, que os deuses nos protejam. Dai-me inimigos honrados em vez de ambiciosos e eu dormirei melhor à noite.

Bran compreendeu que falavam do pai. Quis ouvir mais. Mais alguns pés... mas vê-lo-iam se baloiçasse na frente da janela.

— Teremos de os vigiar cuidadosamente — disse a mulher.

— Mais depressa te vigiaria a ti — disse o homem. Soava aborrecido. — Volta cá.

— O Lorde Eddard nunca mostrou nenhum interesse em nada que acontecesse a sul do Gargalo — disse a mulher. — Nunca. Escuta-me bem: ele planeia uma jogada contra nós. Por que outro motivo aceitaria abandonar a sede do seu poder?

— Por cem motivos. O dever. A honra. Deseja escrever o seu nome em letras grandes no livro da História, fugir da mulher ou ambas as coisas. Talvez não queira mais do que estar quente por uma vez na vida.

— A mulher é irmã da Senhora Arryn. É um milagre que a Lysa não esteja aqui para nos receber com as suas acusações.

Bran olhou para baixo. Havia uma estreita saliência por baixo da ja-

nela, só com algumas polegadas de largura. Tentou baixar-se até lá. Estava longe de mais. Nunca a alcançaria.

— Arrelias-te demasiado. A Lysa Arryn é uma vaca assustada.

— Essa vaca assustada partilhava a cama de Jon Arryn.

— Se soubesse alguma coisa, teria ido falar com Robert antes de fugir de Porto Real.

— Depois de já termos concordado em criar aquele fracote do seu filho em Rochedo Casterly? Não me parece. Ela sabia que a vida do rapaz ficaria refém do seu silêncio. Pode tornar-se mais ousada, agora que está a salvo no topo do Ninho de Águia.

— Mães. — O homem fez a palavra soar como uma praga. — Acho que dar à luz faz qualquer coisa às vossas mentes. São todas loucas. — Riu. Era um som amargo. — Que a Senhora Arryn se torne tão ousada quanto desejar. Seja o que for que ela sabe, seja o que for que ela pensa que sabe, não tem provas. — Fez uma pausa momentânea. — Ou será que tem?

— Julgas que o rei precisará de provas? — disse a mulher. — Já te disse que ele não me ama.

— E quem tem culpa disso, querida irmã?

Bran estudou a saliência. Podia deixar-se cair. Era demasiado estreita para aterrar sobre os pés, mas se se conseguisse segurar ao passar por ela e depois içar-se... mas isso faria barulho, trá-los ia até à janela. Não tinha a certeza do que estava a ouvir, mas sabia que não se destinava aos seus ouvidos.

— És tão cego como o Robert — estava a dizer a mulher.

— Se queres com isso dizer que vejo as mesmas coisas, então, sim — disse o homem. — Vejo um homem que mais depressa morreria do que trairia o seu rei.

— Já traiu um, ou será que te esqueceste? — disse a mulher. — Oh, não nego que ele é leal ao Robert, isso é óbvio. Que acontecerá quando o Robert morrer e o Joff subir ao trono? E quanto mais depressa *isso* acontecer, mais seguros estaremos todos. O meu marido fica dia a dia mais inquieto. O Stark a seu lado só o fará ficar pior. Ainda ama a irmã dele, a insípida miudinha morta de dezasseis anos. Quanto tempo demorará a decidir pôr-me de lado em favor de alguma nova Lyanna?

Bran ficou de súbito muito assustado. Nada mais desejava do que regressar pelo caminho de onde tinha vindo, ir à procura dos irmãos. Mas o que lhes poderia dizer? Compreendeu que tinha de se aproximar mais. Tinha de ver quem estava a falar.

O homem suspirou.

— Devias pensar menos no futuro e mais nos prazeres próximos.

— Pára com isso! — disse a mulher. Bran ouviu o súbito som de carne

a bater em carne, e de seguida o riso do homem.

Bran içou-se, escalou a gárgula, rastejou para o telhado. Era a maneira fácil. Deslocou-se ao longo do telhado até à gárgula seguinte, que ficava mesmo por cima da janela do quarto onde os dois conversavam.

— Todo este falatório está a tornar-se muito cansativo, irmã — disse o homem. — Vem cá e cala-te.

Bran sentou-se na gárgula com uma perna para cada lado, apertou-as em redor dela, e deslizou até ficar de cabeça para baixo. Pendurou-se das pernas e esticou a cabeça lentamente até à janela. O mundo parecia estranho de pernas para o ar. Um pátio nadava vertiginosamente lá em baixo, com as lajes ainda húmidas de neve derretida.

Bran olhou pela janela.

Dentro do quarto, um homem e uma mulher lutavam. Estavam ambos nus. Bran não conseguia ver quem eram. As costas do homem estavam voltadas para ele, e o seu corpo ocultou a mulher quando ele a empurrou contra uma parede.

Ouviam-se sons suaves e húmidos. Bran apercebeu-se de que se estavam a beijar. Observou, de olhos esbugalhados e assustado, com a respiração apertada na garganta. O homem tinha uma mão em baixo entre as pernas da mulher, e devia estar a magoá-la ali porque ela começou a gemer, com voz profunda.

— Pára — disse ela — pára, pára. Oh, *por favor*... — Mas a sua voz era baixa e fraca, e não o empurrava para longe. As suas mãos enterraram-se no cabelo dele, no emaranhado cabelo dourado dele, e puxaram-lhe o rosto para o peito.

Bran viu-lhe a cara. Os olhos dela estavam fechados e a boca aberta, gemendo. O cabelo movia-se de um lado para o outro quando a cabeça dela se deslocava para trás e para a frente, mas, mesmo assim, reconheceu a rainha.

Deve ter feito algum ruído. De súbito, os olhos dela abriram-se e fitaram-no. Gritou.

Então, tudo aconteceu ao mesmo tempo. A mulher empurrou precipitadamente o homem, gritando e apontando. Bran tentou puxar-se, dobrando-se sobre si próprio ao tentar alcançar a gárgula. Mas fê-lo com demasiada pressa. A sua mão arranhou inutilmente pedra lisa, e no seu pânico, as pernas deslizaram e de súbito estava a cair. Houve um instante de vertigem, um desamparo nauseante quando a janela passou por ele. Esticou uma mão, agarrou a saliência, perdeu-a, voltou a agarrá-la com a outra mão. Bateu com força no edifício. O impacto tirou-lhe o fôlego. Bran ficou suspenso de uma mão, a arquejar.

Rostos surgiram na janela acima dele.

A rainha. E agora, Bran reconhecia o homem a seu lado. Eram tão parecidos como reflexos num espelho.

— Ele *viu-nos* — disse a mulher com voz esganiçada.

— Pois viu.

Os dedos de Bran começaram a deslizar. Agarrou a saliência com a outra mão. Unhas enterraram-se em pedra dura. O homem estendeu um braço.

— Agarra a minha mão — disse. — Antes que caias.

Bran agarrou-lhe o braço com toda a sua força. O homem puxou-o até à saliência.

— Que estás a fazer? — quis saber a mulher.

O homem ignorou-a. Era muito forte. Pôs Bran em pé sobre o para-peito.

— Que idade tens, rapaz?

— Sete anos — disse Bran, tremendo de alívio. Os seus dedos tinham marcado profundas estrias no braço do homem. Largou-o, envergonhado.

O homem olhou para a mulher.

— As coisas que eu faço por amor — disse, com repugnância. Deu a Bran um empurrão.

Gritando, Bran caiu da janela de costas para o vazio. Nada havia a que se pudesse agarrar. O pátio correu ao seu encontro.

Algures à distância, um lobo uivava. Corvos voavam em círculos sobre a torre quebrada, esperando por milho.

TYRION

Algures no grande labirinto de pedra de Winterfell, um lobo uivou. O som pairou sobre o castelo como uma bandeira de luto.

Tyrion Lannister ergueu os olhos dos seus livros e estremeceu, apesar de a biblioteca estar quente e aconchegada. Há algo no uivar de um lobo que tira um homem do seu aqui e agora e o deposita numa floresta escura da mente, correndo nu à frente da matilha.

Quando o lobo gigante voltou a uivar, Tyrion fechou o pesado livro encadernado a couro que estava a ler, um discurso com cem anos de um mestre há muito morto sobre a mudança das estações. Cobriu um bocejo com as costas da mão. A sua lanterna de leitura bruxuleava, com o óleo quase gasto, enquanto a luz da madrugada se esgueirava pelas janelas elevadas. Tinha passado a noite inteira a ler, mas nada nisso havia de novo. Tyrion Lannister não era muito homem de dormir.

Quando deslizou do banco, sentiu as pernas rígidas e doridas. Devolveu-lhes alguma vida com uma massagem e coxeou pesadamente até à mesa onde o septão ressonava baixinho, com um livro aberto a servir-lhe de almofada. Tyrion deitou um olhar de relance ao título. Não admirava: era uma biografia do Grande Mestre Aethelmure.

— Chayle — disse, em voz baixa. O jovem ergueu-se de um salto, pestanejando, confuso, com o cristal da sua ordem a balançar vigorosamente na ponta da sua corrente de prata. — Vou quebrar o jejum. Trata de pôr os livros de volta nas prateleiras. Tem cuidado com os rolos valirianos, pois o pergaminho está muito seco. O *Máquinas de Guerra* de Ayrmidon é bastante raro, e a vossa é a única cópia completa que já vi. — Chayle olhou-o de boca aberta, ainda meio adormecido. Pacientemente, Tyrion repetiu as instruções, depois deu ao septão uma palmada no ombro e deixou-o com as suas tarefas.

No exterior, Tyrion encheu os pulmões com o ar frio da manhã e começou a sua laboriosa descida dos íngremes degraus de pedra que se enrolavam em torno do exterior da torre da biblioteca. Era um avanço lento; os degraus eram altos e estreitos, ao passo que as suas pernas eram curtas e torcidas. O sol nascente ainda não iluminava os muros de Winterfell, mas os homens já estavam muito activos no pátio, lá em baixo. A voz áspera de Sandor Clegane vagueou até aos seus ouvidos.

— O rapaz leva muito tempo a morrer. Gostaria que se despachasse.

Tyrion olhou para baixo de relance e viu o Cão de Caça em pé ao lado de Joffrey, enquanto escudeiros formigavam em redor.

— Pelo menos morre em silêncio — respondeu o príncipe. — É o lobo que faz o barulho. Quase não consegui dormir esta noite.

Clegane lançou uma longa sombra sobre a terra bem batida quando o escudeiro lhe levantou o elmo negro sobre a cabeça.

— Podia silenciar a criatura, se vos agradar — disse através do visor aberto. O ajudante colocou-lhe uma espada na mão. Testou-lhe o peso cortando o ar frio da manhã. Atrás dele, o pátio ressoava com o clangor de aço a bater em aço.

A ideia pareceu encher o príncipe de prazer.

— Mandar um cão matar um cão! — exclamou. — Winterfell está tão infestado de lobos que os Stark nunca se darão conta da falta de um.

Tyrion saltou do último degrau para o pátio.

— Permite-me discordar, sobrinho — disse. — Os Stark são capazes de contar até seis. Ao contrário de certos príncipes que eu poderia referir.

Joffrey teve pelo menos a educação de corar.

— Uma voz vinda de nenhures — disse Sandor. Espreitou através do elmo, olhando para um lado e para o outro. — Espíritos do ar!

O príncipe riu, como ria sempre que o guarda-costas fazia aquela farsa de pantomimeiro. Tyrion já estava habituado.

— Aqui em baixo.

O homem alto espreitou para o chão e fingiu reparar nele.

— O pequeno senhor Tyrion — disse. — As minhas desculpas. Não vos vi aí.

— Hoje não tenho disposição para a vossa insolência. — Tyrion virou-se para o sobrinho. — Joffrey, já é mais que tempo que vás falar com o Lorde Eddard e a sua senhora para lhes oferecer o teu consolo.

Joffrey pareceu tão petulante como só um jovem príncipe podia ser.

— E que bem lhes faria o meu consolo?

— Nenhum — disse Tyrion. — Mas espera-se isso de ti. A tua ausência foi notada.

— O rapaz Stark não me é nada — disse Joffrey. — Não consigo suportar os choros das mulheres.

Tyrion Lannister ergueu o braço e deu ao sobrinho um forte estalo na cara. A bochecha do rapaz começou a corar.

— Uma palavra — disse Tyrion — e bato-te outra vez.

— Vou dizer à mãe! — exclamou Joffrey.

Tyrion bateu-lhe de novo. Agora ambas as bochechas ardiam.

— Vai lá dizer à tua mãe — disse-lhe Tyrion. — Mas primeiro vais ter com o Senhor e a Senhora Stark, vais pôr-te de joelhos e vais dizer-lhes

o quanto lamentas e que estás ao seu serviço se houver alguma coisa que possas fazer por eles nesta hora desesperada, e que lhes dedicas todas as tuas preces. Compreendes? *Compreendes?*

O rapaz fez cara de quem ia chorar. Mas, em vez disso, fez um fraco aceno com a cabeça. Depois virou-se e fugiu precipitadamente do pátio, agarrado à cara. Tyrion ficou a vê-lo correr.

Uma sombra caiu-lhe sobre o rosto. Virou-se e deparou com Clegane, que se erguia acima da sua cabeça como uma falésia. A armadura negra como fuligem do cavaleiro parecia esborratar o sol. Tinha baixado o visor do elmo. Estava moldado de forma a parecer-se com a cabeça de um cão de caça negro, de dentes arreganhados, assustador ao olhar, mas Tyrion sempre o considerara uma grande melhoria relativamente à cara horrivelmente queimada de Clegane.

— O príncipe recordar-se-á disto, pequeno senhor — preveniu o Cão de Caça. O elmo transformou a sua gargalhada num estrondo oco.

— Rezo para que recorde — respondeu Tyrion Lannister. — Se se esquecer, sede um bom cãozinho e relembrai-lhe. — Passou os olhos pelo pátio. — Sabeis onde posso encontrar o meu irmão?

— Está a quebrar o jejum com a rainha.

— Ah — disse Tyrion. Inclinou negligentemente a cabeça a Sandor Clegane e afastou-se com tanta vivacidade quanta a que as suas pernas deformadas permitiam, assobiando. Sentia pena do primeiro cavaleiro a medir forças hoje com o Cão de Caça. O homem tinha mau génio.

Uma refeição fria e triste tinha sido servida na sala de estar da Casa de Hóspedes. Jaime estava sentado a uma mesa com Cersei e as crianças, conversando em voz baixa e abafada.

— Robert ainda está deitado? — perguntou Tyrion ao sentar-se à mesa sem ser convidado.

A irmã olhou-o com a mesma ténue expressão de desagrado que ostentava desde o dia em que ele nascera.

— O rei não chegou a dormir — informou. — Está com Lorde Eddard. O desgosto do amigo atingiu-o profundamente no coração.

— Tem um grande coração, o nosso Robert — disse Jaime com um sorriso indolente. Eram muito poucas as coisas que Jaime tomava a sério. Tyrion conhecia essa característica do irmão, e perdoava-a. Durante todos os terríveis longos anos da infância, só Jaime lhe mostrara o mais pequeno sinal de afecto ou respeito, e por isso Tyrion estava pronto a perdoar-lhe quase tudo.

Um servo aproximou-se.

— Pão — disse-lhe Tyrion — e dois daqueles peixinhos, e uma caneca daquela bela cerveja preta para os empurrar para baixo. Ah, e algum

bacon. Queima-o até ficar preto. — O homem fez uma vénia e afastou-se. Tyrion voltou a virar-se para os irmãos. Gémeos, um homem e uma mulher. E, naquela manhã, pareciam-no muito. Ambos tinham escolhido um verde profundo que combinava com os seus olhos. Os caracóis louros eram em ambos uma confusão elegante, e ornamentos de ouro brilhavam-lhes nos pulsos, dedos e gargantas.

Tyrion perguntou a si próprio como seria ter um gémeo, e decidiu que preferia não saber. Já era suficientemente mau encarar-se todos os dias num espelho. Outro ele era ideia terrível de mais para imaginar.

O Príncipe Tommen falou:

— Tendes notícias de Bran, Tio?

— Passei ontem à noite pelo quarto de doentes — anunciou Tyrion. — Não havia alterações. O mestre acha que é sinal esperançoso.

— Não quero que Brandon morra — disse Tommen timidamente. — Era um bom rapaz. Não era como o irmão, mas também Jaime e Tyrion não eram propriamente a imagem um do outro.

— O Lorde Eddard tinha também um irmão chamado Brandon — devaneou Jaime. — Um dos reféns assassinados por Targaryen. Parece ser um nome sem sorte.

— Oh, certamente não será assim tão desafortunado — disse Tyrion. O servo trouxe-lhe o prato. Partiu um bocado de pão escuro.

Cersei estava a estudá-lo com prudência.

— Que queres dizer?

Tyrion deitou-lhe um sorriso torto.

— Ora, apenas que Tommen pode ver realizado o seu desejo. O mestre pensa que o rapaz pode ainda sobreviver. — Bebeu um trago de cerveja.

Myrcella fez um arquejo de contentamento e Tommen sorriu nervosamente, mas Tyrion não estava a observar as crianças. O olhar que Jaime e Cersei trocaram não durou mais de um segundo, mas não lhe passou despercebido. Então, a irmã deixou cair o olhar sobre a mesa.

— Isso não é nenhuma misericórdia. Estes deuses nortenhos são cruéis ao deixar que crianças permaneçam em tamanha dor.

— Quais foram as palavras do mestre? — perguntou Jaime.

O bacon estalejou quando o mordeu. Tyrion mastigou por um momento, pensativo, e disse:

— Ele pensa que se o rapaz fosse morrer, já o teria feito. Já se passaram quatro dias sem nenhuma alteração.

— Irá Bran ficar melhor, Tio? — perguntou a pequena Myrcella. Possuía toda a beleza da mãe, e nenhuma da sua natureza.

— Tem as costas partidas, pequena — informou Tyrion. — O mestre

só tem esperança. — Mastigou mais um pouco de pão. — Eu seria capaz de jurar que é aquele seu lobo que mantém vivo o rapaz. A criatura fica junto à sua janela de dia e de noite, a uivar. De todas as vezes que o afugentam, ele volta. O mestre disse que uma vez fecharam a janela, para abafar o barulho, e Bran pareceu ficar mais fraco. Quando voltaram a abri-la, o seu coração bateu com mais força.

A rainha estremeceu.

— Há qualquer coisa que não é natural nesses animais — disse. — São perigosos. *Não quero* que nenhum deles venha para sul conosco.

Jaime disse:

— Teremos dificuldade em impedi-los de vir, irmã. Eles seguem aquelas raparigas para todo o lado.

Tyrion atacou o peixe.

— Vão então partir em breve?

— Não será breve que chegue — disse Cersei. Então franziu o sobrolho. — *Vamos partir?* — ecoou. — Então e tu? Deuses, não me digas que vais ficar *aqui?*

Tyrion encolheu os ombros.

— Benjen Stark regressa à Patrulha da Noite com o filho bastardo do irmão. Tenho ideia de ir com eles e ver esta Muralha de que tanto ouvimos falar.

Jaime sorriu.

— Espero que não estejas a pensar vestir o negro, querido irmão.

Tyrion soltou uma gargalhada.

— O quê, eu, celibatário? As prostitutas passarão a pedintes entre Dorne e Rochedo Casterly. Não, só quero subir ao topo da Muralha e mijar do limite do mundo.

Cersei pôs-se abruptamente em pé.

— As crianças não têm de ouvir esta nojice. Tommen, Myrcella, venham. — Saiu da sala de estar em passo vivo, seguida pela cauda do vestido e pelas crias.

Jaime Lannister observou o irmão, pensativo, com os seus frios olhos verdes.

— O Stark nunca consentirá em abandonar Winterfell com o filho a pairar sob as sombras da morte.

— Consentirá se Robert o ordenar — disse Tyrion. — E Robert *irá* ordená-lo. De qualquer forma, não há nada que Lorde Eddard possa fazer pelo rapaz.

— Podia pôr fim ao seu tormento — disse Jaime. — Era o que eu faria se fosse meu filho. Seria um acto de misericórdia.

— Aconselho-te que não sugiras essa ideia a Lorde Eddard, meu que-

rindo irmão — disse Tyrion. — Ele não a receberá de bom grado.

— Mesmo que o rapaz sobreviva, será um aleijado. Pior que um aleijado. Uma coisa grotesca. Preferiria uma morte boa e limpa.

Tyrion respondeu com um encolher de ombros que acentuou o modo como eles eram torcidos.

— Falando em nome das coisas grotescas — disse — permito-me discordar. A morte é terrivelmente final, ao passo que a vida está cheia de possibilidades.

Jaime sorriu.

— És um duendezinho perverso, não és?

— Oh, sim — admitiu Tyrion. — Espero que o rapaz acorde. Estaria muito interessado em ouvir o que ele pode ter a dizer.

O sorriso do irmão coagulou como leite azedo.

— Tyrion, meu querido irmão — disse ele em tom sombrio — há alturas em que me dá motivo para duvidar de qual o lado em que estás.

A boca de Tyrion estava cheia de pão e de peixe. Bebeu um trago de forte cerveja preta para empurrar tudo para baixo, e fez a Jaime um sorriso de lobo.

— Ora, Jaime, meu querido irmão — disse — magoas-me. Bem sabes como amo a minha família.

JON

Jon subiu os degraus devagar, tentando não pensar que aquela podia ser a última vez. Fantasma caminhava em silêncio a seu lado. Lá fora, a neve rodopiava através dos portões do castelo, e o pátio era um lugar de barulho e caos, mas dentro das espessas paredes de pedra, ainda havia calor e silêncio. Demasiado silêncio para o gosto de Jon.

Chegou ao patamar e ficou ali por um longo momento, com medo. Fantasma encostou-lhe o focinho à mão. Jon obteve coragem desse contato. Endireitou-se e entrou no quarto.

A Senhora Stark estava lá, junto à cama. Estivera lá noite e dia, ao longo de quase quinze dias. Nem por um momento abandonara a cabeceira de Bran. Ordenara que as refeições lhe fossem trazidas para ali, e também os bacios e uma pequena cama dura para dormir, embora se dissesse que ela quase não dormia de todo. Ela própria o alimentava com a mistura de mel, água e ervas que lhe sustentava a vida. Nem uma vez deixara o quarto. E, por isso, Jon mantivera-se afastado.

Mas agora não havia mais tempo.

Parou à porta por um momento, com medo de falar, com medo de se aproximar. A janela estava aberta. Lá em baixo, um lobo uivava. Fantasma ouviu-o e ergueu a cabeça.

A Senhora Stark olhou-o. Por um momento não pareceu reconhecê-lo. Por fim, pestanejou.

— Que estás *tu* aqui a fazer? — perguntou numa voz estranhamente monótona e despida de emoção.

— Vim ver Bran — disse Jon. — Dizer-lhe adeus.

O rosto dela não se alterou. O seu longo cabelo ruivo estava baço e emaranhado. Parecia ter envelhecido vinte anos.

— Já disseste. Agora vai-te embora.

Parte dele só desejava fugir, mas sabia que se o fizesse, podia nunca mais ver Bran. Deu um nervoso passo para dentro do quarto.

— Por favor — disse.

Algo frio se moveu nos olhos dela.

— Disse-te para sair — disse. — Não te queremos aqui.

Em tempos, aquilo tê-lo-ia posto a correr. Em tempos, aquilo até talvez o tivesse posto a chorar. Agora só o pôs zangado. Ia ser em breve um

Irmão Juramentado da Patrulha da Noite e ia enfrentar perigos maiores do que Catelyn Tully Stark.

— Ele é meu irmão — disse.

— Terei de chamar os guardas?

— Chamai-os — disse Jon, em desafio. — Não podeis impedir-me de o ver. — Atravessou o quarto, mantendo a cama entre ele e a rainha, e olhou para Bran.

Ela segurava numa das mãos do filho. Parecia uma garra. Este não era o Bran de que Jon se lembrava. A carne tinha desaparecido toda. A pele esticava-se, apertada, sobre ossos espetados. Por baixo do cobertor, as pernas dobravam-se de maneiras que o enchiam de náusea. Os olhos estavam profundamente afundados em poços negros; estavam abertos mas nada viam. A queda de algum modo encolhera-o. Quase parecia uma folha, como se o primeiro vento forte o levasse para a tumba.

E, no entanto, sob a frágil gaiola daquelas costelas estilhaçadas, o peito subia e descia a cada respiração pouco profunda.

— Bran — disse Jon — lamento não ter vindo antes. Tive medo. — Conseguia sentir as lágrimas a rolar pelo rosto. Já não se importava. — Não morras, Bran. Por favor. Estamos todos à espera que acordes. Eu e Robb, e as raparigas, toda a gente...

A Senhora Stark observava. Não tinha gritado pelos guardas. Jon tomou o facto por aceitação. Fora da janela, o lobo gigante voltou a uivar. O lobo a que Bran não tivera tempo de pôr um nome.

— Tenho agora de me ir embora — disse Jon. — O Tio Benjen está à espera. Vou para norte, para a Muralha. Temos de partir hoje, antes da chegada das neves. — Lembrou-se como Bran estivera excitado com a perspectiva da viagem. O pensamento de o deixar para trás assim era mais do que conseguia suportar. Jon limpou as lágrimas, inclinou-se e deu um beijo ligeiro nos lábios do irmão.

— Eu quis que ele ficasse aqui comigo — disse a Senhora Stark em voz baixa.

Jon observou-a, desconfiado. Ela nem sequer o olhava. Não estava a falar para ele mas para uma parte de si, era como se ele nem estivesse no quarto.

— Rezei para que isso acontecesse — disse ela em voz baça. — Ele era o meu rapazinho especial. Fui até ao septo e rezei sete vezes aos sete rostos de deus para que Ned mudasse de ideias e o deixasse aqui comigo. Por vezes as preces são correspondidas.

Jon não sabia o que dizer.

— A culpa não foi vossa — conseguiu proferir, depois de um silêncio incómodo.

Os olhos dela encontraram-no. Estavam cheios de veneno.

— Não me faz falta a tua absolvição, bastardo.

Jon baixou os olhos. Ela embalava uma das mãos de Bran. Ele pegou na outra, apertou-a. Dedos como ossos de pássaro.

— Adeus — disse.

Já tinha chegado à porta quando ela o chamou.

— Jon — disse. Ele devia ter continuado a andar, mas ela nunca antes o chamara pelo nome. Virou-se e viu-a a olhá-lo no rosto, como se o visse pela primeira vez.

— Sim? — disse ele.

— Devias ter sido tu — disse ela. Então voltou a virar-se para Bran e começou a chorar, todo o corpo a estremecer com os soluços. Jon nunca antes a vira a chorar.

Foi uma longa descida até ao pátio.

Lá fora, tudo era barulho e confusão. Carregavam-se carroças, homens gritavam, eram postos arneses e selas em cavalos que eram tirados da cavalaria. Começara a cair uma neve ligeira, e toda a gente estava mergulhada no tumulto da partida.

Robb encontrava-se no meio da confusão, gritando ordens com os melhores desses homens. Parecia ter crescido ultimamente, como se a queda de Bran e o colapso da mãe o tivessem de algum modo tornado mais forte. Vento Cinzento estava a seu lado.

— O Tio Benjen anda à tua procura — disse a Jon. — Queria ter partido há uma hora.

— Eu sei — disse Jon. — Em breve. — Olhou em volta, para todo o ruído e confusão. — Partir é mais difícil do que eu pensava.

— Para mim também — disse Robb. Tinha neve no cabelo, a derreter com o calor do seu corpo. — Viste-o?

Jon fez um aceno, por não confiar na voz.

— Ele não vai morrer — disse Robb. — Eu sei.

— Vocês, os Stark, são difíceis de matar — concordou Jon. A voz saiu sem entoação e cansada. A visita tinha-lhe levado toda a força.

Robb percebeu que havia algo de errado.

— A minha mãe...

— Ela foi... muito amável — disse-lhe Jon.

Robb pareceu aliviado.

— Ótimo. — Sorriu. — Da próxima vez que te vir, estarás todo de negro.

Jon forçou-se a devolver o sorriso.

— Sempre foi a minha cor. Daqui a quanto tempo pensas que isso será?

— Não muito — prometeu Robb. Puxou Jon para si e deu-lhe um forte abraço. — Até à vista, Snow.

Jon devolveu o abraço.

— Até à vista, Stark. Cuida de Bran.

— Cuidarei. — Afastaram-se e olharam um para o outro, embaraçados. — O Tio Benjen disse para te mandar para os estábulos, se te visse — disse Robb por fim.

— Tenho mais uma despedida a fazer — informou Jon.

— Então não te vi — respondeu Robb. Jon deixou-o ali, na neve, rodeado de carroças, lobos e cavalos. Era uma curta caminhada até ao armeiro. Recolheu o seu embrulho e dirigiu-se pela ponte coberta até à Torre.

Arya estava no seu quarto, a encher uma arca de pau-ferro polido que era maior do que ela. Nymeria ajudava-a. Arya só tinha de apontar, e a loba atravessava o quarto de um salto, abocanhava algum bocado de seda e trazia-o de volta. Mas quando cheirou Fantasma, sentou-se e soltou um ganido.

Arya olhou para trás, viu Jon e pôs-se em pé de um salto. Atirou-lhe os braços magros com força ao pescoço.

— Temia que já tivesses partido — disse, com um nó na garganta. — Não me deixaram sair para dizer adeus.

— Que fizeste tu agora? — Jon estava divertido.

Arya largou-o e fez uma careta.

— Nada. Estava de malas feitas e tudo. — Indicou com um gesto a enorme arca, que não estava cheia a mais de um terço, e as roupas que estavam espalhadas por todo o quarto. — A Septã Mordane diz que tenho de fazer tudo outra vez. Não tinha as coisas dobradas como deve ser, diz ela. Uma senhora respeitável do Sul não de limita a atirar a roupa para dentro da arca como trapos velhos, diz ela.

— E foi isso que fizeste, irmãzinha?

— Bem, a roupa vai ficar toda desordenada de qualquer modo — disse Arya. — Quem se importa como está dobrada?

— A Septã Mordane — disse-lhe Jon. — E também não me parece que ela goste de ver Nymeria a ajudar. — A loba olhou-o em silêncio com os seus escuros olhos dourados. — Mas ainda bem. Tenho uma coisa para levares contigo, e tem de ser muito bem embalada.

O rosto dela iluminou-se.

— Um presente?

— Podes dar-lhe esse nome. Fecha a porta.

Desconfiada mas excitada, Arya verificou o átrio.

— Nymeria, aqui. Guarda. — Deixou a loba no exterior a fim de os avisar se intrusos se aproximassem e fechou a porta. Nessa altura, já Jon ti-

nha removido os panos em que embrulhara a coisa. Apresentou-a à irmã.

Os olhos de Arya abriram-se muito. Olhos negros, como os dele.

— Uma espada — disse ela numa voz baixa e segredada.

A bainha era de suave couro cinzento, tão maleável como o pecado. Jon desembainhou a lâmina devagar, para que ela visse o profundo brilho azul do aço.

— Isto não é um brinquedo — disse-lhe. — Tem cuidado para não te cortares. O gume é suficientemente afiado para fazer a barba.

— As raparigas não fazem a barba — disse Arya.

— Mas talvez devessem. Já viste as pernas da septã?

Ela riu.

— É tão fininha.

— Tal como tu — disse-lhe Jon. — Mandei o Mikken fazer isto especialmente para ti. Os espadachins usam espadas destas em Pentos, Myr e nas outras Cidades Livres. Não arrancará a cabeça de um homem, mas pode enchê-lo de buracos se fores suficientemente rápida.

— Eu posso ser rápida — disse Arya.

— Terás de treinar todos os dias. — Pôs-lhe a espada nas mãos, mostrou-lhe como pegar nela e deu um passo para trás. — Como a sentes? Gostas do equilíbrio?

— Acho que sim — disse Arya.

— Primeira lição — disse Jon. — Espeta-lhes a ponta aguçada.

Arya deu-lhe uma pancada no braço com a parte plana da lâmina. O golpe doeu, mas Jon deu por si a sorrir como um idiota.

— Eu sei qual é a ponta que se usa — disse Arya. Um olhar de dúvida atravessou-lhe o rosto. — A Septã Mordane vai tirar-ma.

— Não, se não souber que a tens — disse Jon.

— Com quem hei-de treinar?

— Hás-de encontrar alguém — prometeu-lhe Jon. — Porto Real é uma verdadeira cidade, mil vezes maior que Winterfell. Até encontrares um parceiro, observa como lutam no pátio. Corre, anda a cavalo, fortalece-te. E, faças o que fizeres...

Arya sabia o que vinha a seguir. Disseram-no em conjunto:

— ... não... digas... a... Sansa!

Jon afagou-lhe o cabelo.

— Vou sentir-te a falta, irmãzinha.

De súbito, ela pareceu quase chorar.

— Queria que viesses connosco.

— Por vezes, estradas diferentes vão dar ao mesmo castelo. Quem sabe? — Estava a sentir-se melhor agora. Não ia permitir a si próprio ficar triste. — Tenho de ir. Acabarei por passar o primeiro ano na Muralha a

despejar bacios se deixar o Tio Benjen à espera mais tempo.

Arya correu para ele para um último abraço.

— Larga a espada primeiro — preveniu-a Jon, rindo. Ela pôs a arma de lado quase timidamente e banhó-o de beijos.

Quando ele se virou, da porta, ela estava de novo com a espada na mão, testando-lhe o equilíbrio.

— Ia-me esquecendo — disse. — Todas as melhores espadas têm nomes.

— Como a Gelo — disse ela. Olhou a espada que tinha na mão. — E esta, tem nome? Oh, diz-me.

— Não adivinhas? — brincou Jon. — A tua coisa favorita.

Arya a princípio pareceu desorientada. Mas depois compreendeu. Era assim: rápida. Disseram-no os dois em conjunto:

— *Agulha!*

A memória da gargalhada dela aqueceu-o ao longo da demorada viagem para norte.

Daenerys Targaryen desposou Khal Drogo com medo e um esplendor bárbaro num descampado para lá das muralhas de Pentos, pois os dothraki acreditavam que todas as coisas importantes na vida de um homem deviam ser feitas a céu aberto.

Drogo chamou o seu *khalasar* para o servir e eles vieram, quarenta mil guerreiros dothraki e um número incontável de mulheres, crianças e escravos. Acamparam fora das muralhas da cidade com as suas vastas manadas de gado, erguendo palácios de erva entrançada, comendo tudo o que encontravam, e tornando o bom povo de Pentos mais ansioso a cada dia que passava.

— Os meus colegas magísteres duplicaram o tamanho da guarda da cidade — informou Illyrio uma certa noite na mansão que pertencera a Drogo, entre bandejas de pato com mel e laranjas-pimenta. O *khal* juntara-se ao seu *khalasar*, e a sua propriedade fora oferecida a Daenerys e ao irmão até ao casamento.

— É melhor que casemos depressa a Princesa Daenerys antes que entreguem metade da riqueza de Pentos a mercenários e sicários — brincou Sor Jorah Mormont. O exilado pusera a espada ao serviço do irmão de Dany na noite em que esta fora vendida a Khal Drogo; Viserys aceitara-a com avidez. Mormont tornara-se desde então uma companhia constante.

O Magíster Illyrio soltou uma ligeira gargalhada através da barba bifurcada, mas Viserys nem sequer sorriu.

— Pode tê-la amanhã, se o desejar — disse o príncipe. Olhou de relance para Dany e ela baixou os olhos. — Desde que pague o preço.

Illyrio ergueu uma mão lânguida, fazendo cintilar anéis nos seus gordos dedos.

— Já vos disse, tudo está assente. Confiai em mim. O *khal* prometeu-vos uma coroa, e tê-la-eis.

— Sim, mas quando?

— No momento que o *khal* escolher — disse Illyrio. — Obterá primeiro a rapariga, e depois do casamento terá de fazer a sua procissão pela planície para a apresentar a *dosh khaleen* em Vaes Dothrak. Talvez depois disso. Se os presságios favorecerem a guerra.

Viserys ferveu de impaciência.

— Eu cago nos presságios dothraki. O Usurpador está sentado no trono de meu pai. Quanto tempo terei de esperar?

Illyrio encolheu os enormes ombros.

— Já haveis esperado a maior parte da vida, grande rei. Que são mais alguns meses, mais alguns anos?

Sor Jorah, que viajara para leste até Vaes Dothrak, concordou com um aceno.

— Aconselho-vos a ser paciente, Vossa Graça. Os dothraki cumprem com a palavra dada, mas fazem as coisas ao seu próprio ritmo. Um homem inferior pode suplicar um favor ao *khal*, mas nunca deve ter a presunção de o censurar.

Viserys eriçou-se.

— Cuidado com a língua, Mormont, ou ainda acabareis por ficar sem ela. Não sou nenhum homem inferior, sou o Senhor de direito dos Sete Reinos. O dragão não suplica.

Sor Jorah baixou respeitosamente os olhos. Illyrio fez um sorriso enigmático e arrancou uma asa do pato. Mel e gordura correram-lhe pelos dedos e pingaram-lhe na barba quando mordiscou a carne tenra. *Já não há dragões*, pensou Dany, de olhos fixos no irmão, embora não se atrevesse a dizê-lo em voz alta.

Apesar disso, naquela noite sonhara com um. Viserys estava a bater-lhe, a magoá-la. Ela estava nua, atrapalhada de medo. Fugiu dele, mas o seu corpo parecia grosso e desajeitado. Ele bateu-lhe de novo. Ela tropeçou e caiu. “Acordaste o dragão”, gritava ele enquanto a pontapeava. “Acordaste o dragão, acordaste o dragão”. Tinha as coxas escorregadias de sangue. Fechou os olhos e choramingou. Como que em resposta, ouviu-se um hediondo som de *rasgar* e o estalejar de um grande fogo. Quando voltou a olhar, Viserys tinha desaparecido, grandes colunas de chamas erguiam-se por toda a parte e, no meio delas, estava o dragão. Virou lentamente a grande cabeça. Quando os olhos em fusão do animal encontraram os dela, acordou, tremendo e coberta por uma fina película de suor. Nunca tivera tanto medo...

... até ao dia em que o seu casamento por fim chegou.

A cerimónia iniciou-se de madrugada e prosseguiu até ao crepúsculo, um dia que parecia não ter fim de bebida, comida e luta. Um monumental talude de terra fora erguido entre os palácios de erva e Dany foi aí sentada, ao lado de Khal Drogo, sobre o fervente mar de dothrakis. Nunca vira tantas pessoas no mesmo lugar, nem pessoas tão estranhas e assustadoras. Os senhores dos cavalos podiam vestir tecidos ricos e usar doces perfumes quando visitavam as Cidades Livres, mas a céu aberto mantinham os velhos costumes. Quer os homens quer as mulheres trajavam vestimentas

de couro pintado sobre os peitos nus e polainas de pêlo de cavalo cilhadas por cintos com medalhões de bronze, e os guerreiros untavam as suas longas tranças com gordura que tiravam de fossas abertas para a recolher. Empanturravam-se de carne de cavalo assada com mel e pimentos, bebiam até cair leite fermentado de égua e os vinhos delicados de Illyrio, e cuspiam ditos de espírito uns aos outros, por cima das fogueiras, com vozes ásperas e estranhas aos ouvidos de Dany.

Viserys estava sentado logo abaixo dela, magnífico numa túnica nova de lã negra com um dragão escarlate no peito. Illyrio e Sor Jorah sentavam-se a seu lado. Era deles o lugar de maior honra, logo abaixo dos companheiros de sangue do *khal*, mas Dany via a ira nos olhos lilás do irmão. Não gostava de estar sentado abaixo dela, e exasperava-se sempre que os escravos ofereciam os pratos primeiro ao *khal* e à noiva, e lhe davam a escolher entre as porções que estes recusavam. Nada podia fazer além de embalar o ressentimento, e foi isso que ele fez, com o humor a tornar-se mais negro com o passar das horas e dos insultos à sua pessoa.

Dany nunca se sentira tão só como enquanto esteve sentada no meio daquela vasta horda. O irmão dissera-lhe para sorrir, e portanto sorriu até lhe doer a cara e as lágrimas lhe subirem aos olhos sem serem convidadas. Fez o melhor que pôde para escondê-las, sabendo como Viserys ficaria zangado se a visse a chorar, aterrorizada com a possível reacção de Khal Drogo. Era-lhe trazida comida, peças fumegantes de carne, grossas salsichas negras, tartes de sangue dothraki, e mais tarde frutos, estufados de erva-doce e delicados artigos de pastelaria vindos das cozinhas de Pentos, mas afastou tudo com gestos. Tinha o estômago às voltas e sabia que não conseguiria manter nele qualquer alimento.

Não havia ninguém com quem falar. Khal Drogo gritava ordens e brincadeiras aos companheiros de sangue, e ria das suas respostas, mas quase não olhava para o lado de Dany. Não tinham nenhuma língua em comum. O dothraki era incompreensível para ela, e o *khal* sabia apenas algumas palavras do valiriano adulterado das Cidades Livres, e nem uma única do Idioma Comum dos Sete Reinos. Ela até teria acolhido bem a conversa de Illyrio e do irmão, mas estavam demasiado afastados para ouvi-la.

E assim ali ficou, sentada nas suas sedas nupciais, embalando uma taça de vinho com mel, com medo de comer, falando em silêncio consigo mesma. *Sou do sangue do dragão*, disse a si própria. *Sou Daenerys Filha da Tormenta, Princesa da Pedra do Dragão, do sangue e semente de Aegon, o Conquistador.*

O Sol estava apenas no primeiro quarto do céu quando viu o primeiro homem morrer. Soavam tambores a acompanhar algumas das mulheres

que dançavam para o *khal*. Drogo assistia sem expressão, mas os seus olhos seguiam-lhes os movimentos, e, de vez em quando, atirava-lhes um medalhão de bronze para que elas o disputassem.

Os guerreiros também assistiam. Por fim, um deles entrou no círculo, agarrou uma dançarina pelo braço, atirou-a ao chão e montou-a mesmo ali, como um garanhão monta uma égua. Illyrio dissera-lhe que aquilo poderia acontecer. “Os dothraki acasalam como os animais das suas manadas. Não há privacidade num *khalasar*, e eles não compreendem o pecado ou a vergonha como nós.”

Dany afastou o olhar da união, assustada ao compreender o que estava a acontecer, mas um segundo guerreiro avançou, e um terceiro, e em breve não havia maneira de desviar os olhos. Então dois homens agarraram a mesma mulher. Ouvia um grito, viu um empurrão, e num piscar de olhos tinham sido empunhados os *arakhs*, longas lâminas afiadas como navalhas, meio espadas, meio gadanhas. Começou uma dança de morte, e os guerreiros andaram aos círculos, dando golpes, saltando um sobre o outro, fazendo rodopiar as lâminas sobre as cabeças, guinchando insultos a cada entrechocar de metal. Ninguém fez um gesto para interferir.

Acabou tão depressa como começou. Os *arakhs* estremeceram um contra o outro mais depressa do que Dany conseguia acompanhar, um dos homens falhou um passo, o outro brandiu a lâmina num arco horizontal. O aço mordeu a pele mesmo acima da cintura do dothraki e abriu-o da espinha ao umbigo, derramando-lhe as entranhas na poeira. Enquanto o perdedor morria, o vencedor agarrou-se à mulher mais próxima — nem sequer aquela por quem tinha lutado — e possuiu-a ali mesmo. Escravos levaram o corpo para longe e a dança recomeçou.

O Magíster Illyrio também prevenira Dany sobre aquilo. “Uma boda dothraki sem pelo menos três mortes é considerada aborrecida”, dissera. O casamento dela devia ter sido especialmente abençoado; antes de o dia terminar, tinha morrido uma dúzia de homens.

À medida que as horas foram passando, o terror cresceu em Dany, até que se transformou em tudo o que a impedia de gritar. Tinha medo dos dothraki, cujos modos pareciam estranhos e monstruosos, como se fossem animais em peles humanas e não verdadeiros homens. Tinha medo do irmão, do que ele poderia fazer se ela lhe falhasse. Acima de tudo, tinha medo do que poderia acontecer naquela noite, sob as estrelas, quando o irmão a desse ao pesado gigante que bebia a seu lado, com um rosto tão imóvel e cruel como uma máscara de bronze.

Sou do sangue do dragão, disse de novo a si própria.

Quando o Sol por fim baixou no céu, Khal Drogo bateu palmas e os tambores, os gritos e o festim chegaram a um fim súbito. Drogo ergueu-se

e pôs Dany de pé a seu lado. Tinha chegado o tempo dos seus presentes de noiva.

E ela sabia que depois dos presentes, depois do Sol desaparecido no horizonte, chegaria o momento da primeira cavalgada e da consumação do casamento. Dany tentou afastar esse pensamento, mas ele não a abandonava. Apertou os braços contra o corpo, tentando evitar tremer.

O irmão Viserys ofereceu-lhe três aias. Dany sabia que nada lhe tinham custado, que sem dúvida fora Illyrio a fornecer as raparigas. Irri e Jhiqui eram dothraki de pele acobreada com cabelos negros e olhos amendoados, Doreah era uma rapariga lisena de cabelos claros e olhos azuis.

— Estas não são criadas comuns, minha doce irmã — disse-lhe o irmão enquanto as traziam uma por uma. — Illyrio e eu seleccionámo-las pessoalmente para ti. Irri ensinar-te-á a montar, Jhiqui treinar-te-á na língua dothraki e Doreah instruir-te-á nas artes femininas do amor. — Fez um ténue sorriso. — É muito boa. Tanto Illyrio como eu podemos jurá-lo.

O Sor Jorah Mormont desculpou-se pelo presente.

— É coisa pouca, minha princesa, mas é tudo aquilo de que um pobre exilado pode dispor — disse, ao pôr-lhe à frente uma pequena pilha de velhos livros. Viu que eram canções e histórias dos Sete Reinos, escritas no Idioma Comum. Agradeceu-lhe de todo o coração.

O Magíster Illyrio murmurou uma ordem e quatro corpulentos escravos apressaram-se a avançar, trazendo entre eles uma grande arca de cedro com aplicações em bronze. Quando a abriu, encontrou pilhas dos mais finos veludos e damascos que as Cidades Livres podiam produzir... e em cima de tudo, aninhados nos suaves panos, três enormes ovos. Dany ofegou. Eram as coisas mais belas que já vira, todos diferentes uns dos outros, com padrões de cores tão ricas que ela a princípio pensou que estivessem incrustados de jóias, e tão grandes que precisava de ambas as mãos para pegar num. Ergueu-o delicadamente, à espera de o encontrar feito de algum tipo de fina porcelana ou delicado esmalte, ou até de vidro soprado, mas era muito mais pesado do que julgara, como se todo ele fosse rocha sólida. A superfície da casca estava coberta de minúsculas escamas, e quando rodou o ovo entre os dedos, elas cintilaram como metal polido à luz do sol poente. Um ovo era de um verde profundo, com manchas de lustroso bronze que iam e vinham, dependendo do modo como Dany o virava. Outro era creme claro listrado de dourado. O último era negro, tão negro como o mar da meia-noite, mas vivo com ondulações e remoinhos escarlates.

— O que são? — perguntou, com a voz baixa e maravilhada.

— Ovos de dragão, vindos das Terras das Sombras para lá de Asshai — disse o Magíster Illyrio. — As eras transformaram-nos em pedra, mas ainda possuem uma beleza ardente e brilhante.

— Ser-me-ão preciosos para sempre. — Dany ouvira histórias sobre ovos daqueles, mas nunca vira nenhum, nem pensara chegar a vê-lo. Era um presente realmente magnífico, se bem que ela soubesse que Illyrio tinha possibilidade de ser generoso. Ganhara uma fortuna em cavalos e escravos pelo papel que desempenhara na sua venda a Khal Drogo.

Os companheiros de sangue do *khal* ofereceram-lhe as três armas tradicionais, e que estupendas armas eram. Haggio deu-lhe um grande chicote de couro com cabo de prata, Cohollo um magnífico *arakh* com embutidos de ouro, e Qotho um arco de dupla curvatura, feito de osso de dragão, mais alto do que ela. O Magister Illyrio e Sor Jorah tinham-lhe ensinado a recusa tradicional daquelas oferendas.

— Este é um presente digno de um grande guerreiro, oh sangue do meu sangue, e eu não passo de uma mulher. Que o senhor meu marido o use em meu nome. — E assim Khal Drogo também recebeu os seus “presentes de noiva”.

E Dany recebeu uma profusão de outros presentes, oferecidos por outros dothraki: chinelos, jóias e anéis de prata para o cabelo, cintos de medalhão, vestes pintadas e peles suaves, panos de sedareia e potes de perfume, agulhas, penas e minúsculas garrafas de vidro púrpura, e um vestido feito das peles de mil ratos.

— Um belo presente, *Khaleesi* — disse o Magister Illyrio deste último, depois de lhe dizer o que era. — Muito afortunado.

Os presentes amontoavam-se em seu redor em grandes pilhas, mais presentes do que poderia imaginar, mais presentes do que poderia desejar ou usar.

E, no fim de tudo, Khal Drogo trouxe-lhe o seu próprio presente de noiva. Um silêncio de expectativa alastrou a partir do centro do acampamento quando ele saiu do lado dela, crescendo até engolir todo o *khalasar*. Quando regressou, a densa multidão de ofertantes abriu-se à sua frente, e ele levou o cavalo até ela.

Era uma poldra jovem, espirituosa e magnífica. Dany sabia apenas o suficiente de cavalos para reconhecer que aquele não era um animal vulgar. Havia algo nele que cortava a respiração. Era cinzenta como o mar de Inverno, com uma crina que parecia fumo prateado.

Hesitante, estendeu uma mão e afagou o pescoço do cavalo, fazendo correr os dedos pelo prateado da crina. Khal Drogo disse qualquer coisa em dothraki e o Magister Illyrio traduziu.

— Prata para o prateado do vosso cabelo, diz o *khal*.

— É belíssima — murmurou Dany.

— É o orgulho do *khalasar* — disse Illyrio. — O costume decreta que a *khaleesi* deve conduzir uma montada digna do seu lugar ao lado do *khal*.

Drogo avançou e pôs-lhe as mãos na cintura. Levantou-a com tanta facilidade como se fosse uma criança e pousou-a sobre a fina sela dothraki, muito mais pequena do que aquelas a que estava acostumada. Dany ficou ali sentada, por um momento incerta. Ninguém lhe falara daquela parte.

— O que devo fazer? — perguntou a Illyrio.

Foi Sor Jorah Mormont quem respondeu.

— Pegai nas rédeas e cavalgai. Não precisais de ir longe.

Nervosa, juntou as rédeas nas mãos e fez deslizar os pés para os pequenos estribos. Não passava duma cavaleira razoável; passara muito mais tempo a viajar em navios, carroças e palanquins do que sobre o dorso de cavalos. Rezando para não cair e envergonhar-se, deu à poldra o mais tímido dos toques com os joelhos.

E pela primeira vez nas últimas horas, esqueceu-se de ter medo. Ou talvez pela primeira vez desde sempre.

A poldra cinzenta prateada avançou com um porte suave e sedoso, e a multidão abriu alas para a deixar passar, com todos os olhos postos nelas. Dany deu por si a avançar mais depressa do que tencionara, mas isso, de algum modo, era excitante em vez de aterrador. O cavalo pôs-se a trote e ela sorriu. Os dothraki precipitavam-se para abrir um caminho. A mais ligeira pressão com as pernas, o mais pequeno toque de rédeas, e a poldra respondia. Pô-la a galope, e agora os dothraki assobiavam, gargalhavam e gritavam-lhe enquanto saltavam para longe do seu caminho. Quando virou para regressar, uma cova de fogueira surgiu-lhe à frente, mesmo no seu caminho. Estavam cercadas de ambos os lados, sem espaço para parar. Uma coragem que nunca conhecera encheu então Daenerys e ela deu liberdade à poldra.

O cavalo prateado saltou sobre as chamas como se tivesse asas.

Quando refeou o animal junto ao Magíster Illyrio, disse:

— Dizei a Khal Drogo que me ofereceu o vento. — O gordo pentoshi repetiu as palavras em dothraki enquanto afagava a barba amarela, e Dany viu o seu novo marido sorrir pela primeira vez.

A última fatia de sol desapareceu nesse momento por trás das grandes muralhas de Pentos, para oeste. Dany perdera por completo a noção das horas. Khal Drogo ordenou aos companheiros de sangue para lhe trazerem o cavalo, um esguio garanhão vermelho. Enquanto o *khal* selava o cavalo, Viserys esgueirou-se até junto de Dany, enterrou os dedos na sua perna e disse:

— Dá-lhe prazer, minha doce irmã, senão juro que verás o dragão acordar como nunca acordou antes.

O medo regressou então, com as palavras do irmão. Sentiu-se de

novo uma criança, apenas com treze anos e completamente só, mal preparada para o que estava prestes a acontecer-lhe.

Cavalgaram juntos sob as estrelas que surgiam, deixando para trás o *khalasar* e os palácios de erva. Khal Drogo não lhe dirigiu uma palavra, mas fez o garanhão atravessar a penumbra que se aprofundava num trote duro. As minúsculas campainhas de prata na sua longa trança ressoavam baixinho enquanto cavalgava.

— Sou do sangue do dragão — murmurou ela enquanto o seguia, tentando manter a coragem. — Sou do sangue do dragão. Sou do sangue do dragão. — O dragão nunca tinha medo.

Mais tarde nunca soube dizer até que distância ou durante quanto tempo cavalgaram, mas a noite tinha já caído por completo quando pararam num lugar relvado junto a um pequeno ribeiro. Drogo saltou do cavalo e tirou-a do seu. Sentiu-se frágil como vidro nas mãos dele, com membros tão fracos como água. Ficou ali, desamparada e a tremer nas suas sedas nupciais enquanto ele prendia os cavalos, e quando se virou para olhá-la, ela começou a chorar.

Khal Drogo ficou a olhar as lágrimas, com o rosto estranhamente vazio de emoção.

— Não — disse. Ergueu uma mão e limpou rudemente as lágrimas com um polegar calejado.

— Falais o Idioma Comum — disse Dany espantada.

— Não — disse ele de novo.

Talvez soubesse apenas aquela palavra, pensou ela, mas era uma palavra mais do que ela supusera, e de algum modo isso fê-la sentir-se um pouco melhor. Drogo tocou-lhe levemente o cabelo, fazendo deslizar as madeixas louras prateadas entre os dedos e murmurando suavemente em dothraki. Dany não compreendeu as palavras, mas havia calor na entoação, uma ternura que nunca esperara daquele homem.

Pôs um dedo sob o seu queixo e ergueu-lhe a cabeça, para que ela o olhasse nos olhos. Drogo erguia-se acima dela como se erguia acima de toda a gente. Pegando-a com ligeireza pelos sovacos, ergueu-a e sentou-a numa rocha arredondada ao lado do ribeiro. Depois sentou-se no chão em frente dela, de pernas cruzadas sob o seu corpo, com os rostos por fim ao mesmo nível.

— Não — disse ele.

— Essa é a única palavra que conheceis? — perguntou-lhe ela.

Drogo não respondeu. A sua longa e pesada trança estava enrolada na terra ao seu lado. Puxou-a por sobre o ombro direito e começou a remover as campainhas do cabelo, uma a uma. Depois de um momento, Dany inclinou-se para a frente para ajudar. Quando terminaram, Drogo fez um

gesto. Ela compreendeu. Devagar, com cuidado, começou a desfazer-lhe a trança.

Levou muito tempo. E durante todo o tempo, ele ficou ali sentado em silêncio, observando-a. Quando acabou, ele abanou a cabeça e o cabelo espalhou-se-lhe atrás das costas como um rio de escuridão, oleoso e cintilante. Nunca vira cabelos tão longos, tão negros, tão espessos.

Depois foi a vez dele. Começou a despi-la.

Os seus dedos eram hábeis e estranhamente ternos. Removeu-lhe as sedas, uma por uma, com cuidado, enquanto Dany permanecia sentada, imóvel, silenciosa, a olhá-lo nos olhos. Quando desnudou os seus pequenos seios, não conseguiu evitá-lo. Desviou o olhar e cobriu-se com as mãos.

— Não — disse Drogo. Puxou-lhe as mãos para longe dos seios, com gentileza mas firmemente, e depois ergueu-lhe de novo o rosto para fazer com que o olhasse. — Não — repetiu.

— Não — ecoou ela.

Então, ele pô-la de pé e puxou-a, a fim de remover a última das suas sedas. Sentia o ar nocturno frio na pele nua. Estremeceu, e pele de galinha cobriu-lhe os braços e pernas. Temia o que viria a seguir, mas durante algum tempo, nada aconteceu. Drogo ficou sentado de pernas cruzadas, olhando-a, bebendo-lhe o corpo com os olhos.

Um pouco mais tarde, começou a tocá-la. A princípio ligeiramente, depois com mais força. Ela sentia o feroz poder das suas mãos, mas ele nunca chegou a magoá-la. Segurou uma mão na dele e afagou-lhe os dedos um a um. Correu-lhe uma mão suavemente pela perna. Afagou-lhe o rosto, delineando a curva das suas orelhas, percorrendo-lhe a boca gentilmente com um dedo. Tomou-lhe o cabelo com ambas as mãos e penteou-o com os dedos. Virou-a de costas, massajou-lhe os ombros, fez deslizar o nó de um dedo ao longo da coluna.

Pareceu que se passaram horas antes que as mãos dele se dirigissem por fim aos seus seios. Afagou a suave pele da base até a deixar em formiguento. Rodeou os mamilos com os polegares, beliscou-os entre polegar e indicador, depois começou a puxar por ela, muito ligeiramente a princípio, depois com maior insistência, até que os mamilos enrijeceram e começaram a doer.

Então parou, e puxou-a para o seu regaço. Dany estava corada e sem fôlego, com o coração a palpitar no peito. Envolveu-lhe o rosto nas mãos enormes e ela olhou-o nos olhos.

— Não? — disse ele, e ela soube que era uma pergunta.

Tomou-lhe a mão e dirigiu-a para a humidade entre as suas coxas.

— Sim — sussurrou ao introduzir um dos dedos dele dentro de si.